

CALVINO, Italo. *Marcovaldo ou
As estações na cidade*, Companhia das
Letras, 1994. 1ª ed. [*Marcovaldo ovvero
Le stagioni in città*, 1963] Tradução: Nilson Moulin



COMPANHIA DAS LETRAS

Obras do autor publicadas pela Companhia das Letras

Os amores difíceis

O barão nas árvores

O caminho de San Giovanni

O castelo dos destinos cruzados

O cavaleiro inexistente

As cidades invisíveis

Contos fantásticos do século XIX (org.)

As cosmicômicas

O dia de um escrutinador

Eremita em Paris

Fábulas italianas

Um general na biblioteca

Marcovaldo ou As estações na cidade

Os nossos antepassados

Palomar

Perde quem fica zangado primeiro (infantil)

Por que ler os clássicos

Se um viajante numa noite de inverno

Seis propostas para o próximo milênio — Lições americanas

Sob o sol-jaguar

Todas as cosmicômicas

A trilha dos ninhos de aranha

O visconde partido ao meio

ITALO CALVINO

MARCOVALDO
ou
As estações na cidade

Tradução:
NILSON MOULIN

2ª edição
2ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2002 by Espólio de Italo Calvino
Proibida a venda em Portugal

Título original:
Marcovaldo
ou *Le stagioni in città*

Capa:
Raul Loureiro

Tradução do posfácio:
Lorenzo Mammì

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Liege Marucci
Carmen Simões da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985.

Marcovaldo ou As estações na cidade / Italo Calvino ;
tradução Nilson Moulin. — São Paulo : Companhia das
Letras, 1994.

Título original: Marcovaldo ou *Le stagioni in città*.
ISBN 978-85-7164-367-3

1. Contos italianos I Título. II Título: As estações na
cidade.

93-3692

CDD-853.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura italiana 853.91

2. Século 20 : Contos : Literatura italiana 853.91

2008

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

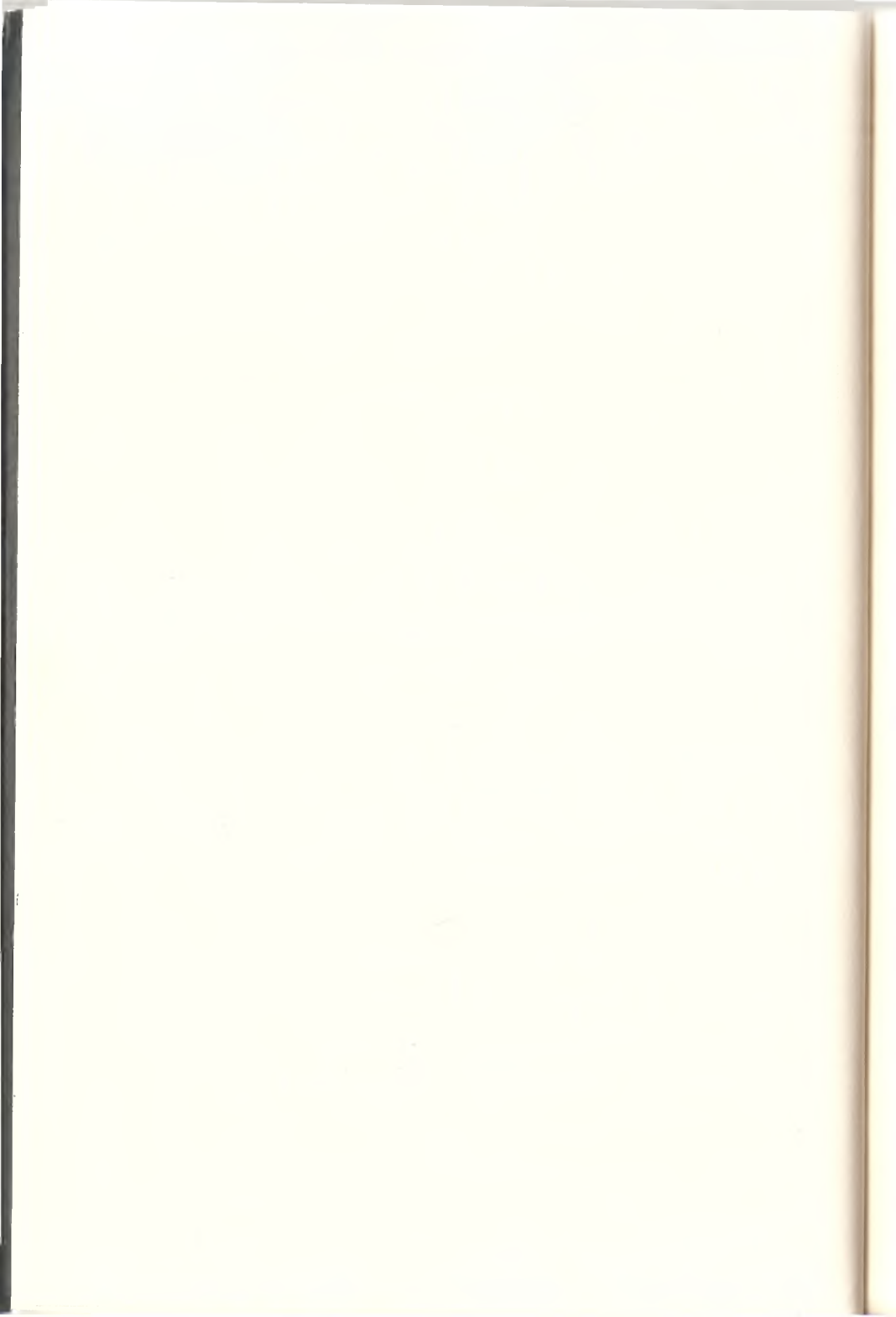
Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

ÍNDICE

PRIMAVERA	1. Cogumelos na cidade	7
VERÃO	2. Férias num banco de praça	11
OUTONO	3. O pombo municipal	19
INVERNO	4. A cidade perdida na neve	23
PRIMAVERA	5. O tratamento com vespas	29
VERÃO	6. Um sábado de sol, areia e sono	35
OUTONO	7. A marmitta	41
INVERNO	8. O bosque na rodovia	45
PRIMAVERA	9. Ar puro	49
VERÃO	10. Uma viagem com as vacas	55
OUTONO	11. O coelho venenoso	61
INVERNO	12. O ponto errado	71
PRIMAVERA	13. Onde o rio é mais azul	79
VERÃO	14. Lua e GNAC	83
OUTONO	15. A chuva e as folhas	89
INVERNO	16. Marcovaldo no supermercado	97
PRIMAVERA	17. Fumaça, vento e bolhas de sabão	103
VERÃO	18. A cidade toda para ele	111
OUTONO	19. O jardim dos gatos obstinados	115
INVERNO	20. Os filhos de Papai Noel	127
	<i>Posfácio</i>	137



PRIMAVERA

1

COGUMELOS NA CIDADE

O vento, vindo de longe para a cidade, oferece a ela dons insólitos, dos quais se dão conta somente poucas almas sensíveis, como quem sofre de febre de feno e espirra por causa do pólen de flores de outras terras.

Certo dia, num sulco de canteiro de uma avenida, apareceu, sabe-se lá de onde, uma rajada de esporos, e ali germinaram cogumelos. Ninguém se deu conta disso, exceto o carregador Marcovaldo, que todas as manhãs pegava o bonde exatamente ali.

Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência.

Assim, certa manhã, esperando o bonde que o levava à empresa SBAV, onde suava a camisa, notou algo de estranho junto à parada, na nesga de terra estéril e cheia de crostas que acompanha a arborização da alameda: em determinados pontos, ao pé das ár-

vores, parecia que inchavam monturos que lá e cá se abriam e deixavam aflorar corpos subterrâneos arredondados.

Inclinou-se para amarrar o sapato e observou melhor: eram cogumelos, cogumelos de verdade, que estavam rompendo a terra bem no coração da cidade! Marcovaldo teve a impressão de que o mundo cinzento e miserável que o circundava se tornava de repente generoso em riquezas escondidas e que ainda se podia esperar alguma coisa da vida, além das horas pagas pelo salário contratual, da compensação de perdas, do salário-família e da carestia.

No trabalho, ficou mais distraído que de costume; pensava que enquanto estava ali descarregando pacotes e caixas, no escuro da terra os cogumelos silenciosos, lentos, de cuja existência só ele sabia, amadureciam a polpa porosa, assimilavam seivas subterrâneas, rompiam a crosta dos torrões. “Bastaria uma noite de chuva”, disse consigo mesmo, “e estariam no ponto de serem colhidos.” E não via a hora de comunicar a descoberta à mulher e aos seis filhos.

— Ouçam o que tenho para contar! — anunciou durante o magro jantar. — Dentro de uma semana vamos comer cogumelos! Uma bela fritada! Garanto a vocês!

E aos filhos menores, que não sabiam o que eram cogumelos, explicou animado a beleza das muitas espécies, a delicadeza do sabor e como se devia cozinhá-los; e envolveu na discussão também a mulher, Domitilla, que se mostrava incrédula e distraída.

— E onde estão esses cogumelos? — perguntaram as crianças. — Diga-nos onde estão crescendo!

Diante de tal pergunta, o entusiasmo de Marcovaldo foi refreado por uma suspeita: “Se lhes disser onde estão, vão procurá-los com um dos costumeiros bandos de moleques, corre a notícia pelo bairro, e os cogumelos terminam na panela dos outros!”. Assim, aquela descoberta que de repente lhe enchera o coração de amor universal, agora lhe acendia a obsessão da posse, cercava-o de temor ciumento e desconfiado.

— Eu é que sei do lugar dos cogumelos, e só eu — disse aos filhos —, e aí de vocês se abrirem o bico.

Na manhã seguinte, Marcovaldo, aproximando-se da parada

do bonde, estava bastante apreensivo. Inclinou-se sobre o canteiro e viu com alívio os cogumelos um pouco mais crescidinhos, ainda quase totalmente ocultos pela terra.

Estava assim inclinado, quando percebeu que havia alguém atrás dele. Levantou de um salto e tentou simular uma expressão indiferente. Um varredor de ruas o observava, apoiado na vassoura.

Esse varredor, em cuja jurisdição se achavam os cogumelos, era um jovem magricela que usava óculos grandes. Chamava-se Amadigi, e Marcovaldo tinha antipatia por ele havia muito tempo, quem sabe por causa daqueles óculos que perscrutavam o asfalto das ruas em busca de qualquer vestígio natural a ser eliminado a golpes de vassoura.

Era sábado; e Marcovaldo passou a parte livre do dia dando voltas com ar distraído perto do canteiro, controlando de longe o varredor e os cogumelos, e calculando quanto tempo seria necessário para que crescessem.

Choveu à noite: como os camponeses que, depois de meses de seca, acordam e pulam de alegria ao rumor das primeiras gotas, Marcovaldo, o único em toda a cidade, sentou-se na cama, chamou a família.

— Chove, chove! — E respirou o cheiro de poeira molhada e mofo fresco que vinha da rua.

Ao amanhecer — era domingo —, com as crianças e um cesto emprestado, saiu correndo para o canteiro. Os cogumelos estavam lá, empinados em seus talos, com os chapéus altos sobre a terra ainda encharcada. “Viva!”, e começaram a colhê-los.

— Papai! Veja aquele senhor ali, quantos ele apanhou! — disse Michelino, e o pai, erguendo a cabeça, viu, em pé ao lado deles, Amadigi também com um cesto cheio de cogumelos debaixo do braço.

— Ah, vocês também estão colhendo? — falou o varredor. — Quer dizer que são bons para comer? Catei um pouco, mas não sabia se dava pra confiar... Na avenida, ali na frente, nasceram maiores ainda... Bem, agora que já sei, aviso aos meus parentes que

■ PRIMAVERA

estão lá discutindo se convém colhê-los ou deixá-los... — E se afastou com largas passadas.

Marcovaldo perdeu a fala: cogumelos ainda maiores, em que ele não reparara, uma colheita inesperada, que lhe era arrancada, assim sem mais nem menos, debaixo do seu nariz. Permaneceu um momento quase petrificado pela raiva, pela fúria, depois — como às vezes acontece — o refreamento daquelas paixões individuais se transformou num impulso generoso. Àquela hora, muita gente estava esperando o bonde, com o guarda-chuva pendurado no braço, pois o tempo continuava úmido e incerto.

— Ei, vocês aí! Querem preparar uma fritada de cogumelos hoje à noite? — gritou Marcovaldo ao grupo que se amontoava na parada. — Cresceram cogumelos aqui na rua! Venham comigo! Tem pra todo mundo! — E saiu na cola de Amadigi, seguido por uma comitiva.

Ainda encontraram cogumelos para todos e, na falta de cestos, usaram os guarda-chuvas abertos. Alguém comentou: “Seria bom almoçarmos todos juntos!”. Mas cada um pegou a sua parte e foi para casa.

Porém não demoraram a se reencontrar, ou melhor, foi na mesma noite, no mesmo setor do hospital, depois da lavagem estomacal que os salvou do envenenamento: nada de grave, porque a quantidade de cogumelos que cada um ingeriu foi bem pouca.

Marcovaldo e Amadigi estavam em camas vizinhas e se olhavam enviesado.

VERÃO

2

FÉRIAS NUM BANCO DE PRAÇA

Indo a pé todas as manhãs para o trabalho, Marcovaldo passava sob o verde de uma praça arborizada, um quadrilátero de jardim público recortado no meio de quatro ruas. Erguia os olhos entre as copas dos castanheiros-da-índia, onde eram mais densas e só deixavam dardejear raios amarelos na sombra transparente de seiva, e ouvia o alarido dos pássaros desafinados e invisíveis nos ramos. Pareciam-lhe rouxinóis; e dizia consigo mesmo: “Oh, quem me dera acordar uma vez com o chilrear dos passarinhos e não com o estrilo do despertador, os berros do recém-nascido Paolino e as reclamações da minha mulher Domitilla!”, ou então: “Oh, quem me dera dormir aqui, sozinho em meio a este verde tão fresco, e não naquele quarto baixo e quente; aqui no silêncio, não entre roncões e conversas durante o sono de toda a família e correria de bonde na rua; aqui na escuridão natural da noite, não naquela artificial das persianas fechadas, cortadas em listras pelos reflexos dos faróis; oh, quem me dera ver folhas e céu ao abrir os olhos!”. Com estes pensamentos, Marcovaldo começava todos os dias sua jornada de oito horas — mais as extraordinárias — de carregador.

Havia, num canto da praça, sob uma cúpula de castanheiros-da-índia, um banquinho isolado e meio escondido. E Marcovaldo o escolhera como seu. Naquelas noites de verão, quando no quarto em que dormiam em cinco não conseguia pegar no sono, sonhava com o banco como um sem-teto pode sonhar com a cama de um

palácio. Certa noite, enquanto a mulher roncava e as crianças trocavam pontapés no sono, levantou-se silenciosamente, vestiu-se, pôs o travesseiro debaixo do braço, saiu e foi para a praça.

Lá estavam o frescor e a paz. Já desfrutava antecipadamente o contato daquelas tábuas — tinha a certeza — macias e acolhedoras, em tudo preferíveis ao colchão gasto de sua cama; observaria as estrelas por um minuto e fecharia os olhos num sono reparador de todas as agressões do dia.

O frescor e a paz lá estavam, mas não o banco desocupado. Nele estavam sentados dois namorados, olhando-se nos olhos. Marcovaldo, discreto, se retraiu. “É tarde”, pensou, “não vão passar a noite ao ar livre! Vão terminar com os arrulhos!”

Mas os dois não arrulhavam: brigavam. E briga de namorados não dá nunca para dizer a que horas vai acabar.

Ele dizia:

— Mas você não quer admitir que dizendo o que disse sabia estar me provocando um dissabor em vez de um prazer como fingia acreditar?

Marcovaldo percebeu que continuariam por muito tempo.

— Não, não admito — respondeu ela, e Marcovaldo já esperava por isso.

— Por que não admite?

— Jamais vou admitir.

“Ai”, pensou Marcovaldo. Com o travesseiro apertado debaixo do braço, foi dar uma volta. Foi olhar a lua, cheia, grande acima das árvores e dos telhados. Regressou na direção do banco, passando meio de longe com receio de perturbá-los, mas no fundo esperando incomodá-los um pouco e persuadi-los a irem embora. Mas estavam muito exaltados com a discussão para notá-lo.

— Então admite?

— Não, não, não admito de jeito nenhum!

— Mas admitindo que você admitisse?

— Admitindo que admitisse, não admitiria aquilo que você quer me obrigar a admitir!

Marcovaldo tornou a olhar a lua, depois foi observar um semá-

foro que ficava um pouco mais adiante. Brilhava amarelo, amarelo, amarelo, continuando a acender e reacender. Marcovaldo comprou a lua e o semáforo. A lua com sua palidez misteriosa, também amarela, mas contra fundo verde e também azul, e o semáforo com aquele amarelinho vulgar. E a lua, toda calma, irradiando sua luz sem pressa, rabiscada de vez em quando por sutis fiapos de nuvens que ela com majestade deixava cair para trás; e o semáforo seguia sempre ali acende e apaga, acende e apaga, atarefado, falsamente vivaz, cansado e escravo.

Retornou para verificar se a moça havia admitido: qual nada, não admitia, ou melhor, não era mais ela quem não admitia, mas ele. A situação mudara inteiramente, e agora era ela que dizia para ele: “Então, admite?”, e ele a dizer que não. Assim se passou meia hora. Por fim ele admitiu, ou ela, enfim, Marcovaldo viu que se levantavam e partiam de mãos dadas.

Correu para o banco, esparramou-se, porém, com a espera, parte da doçura que pensava encontrar, não tinha mais disposição para senti-la, e também a cama de casa não lhe parecia mais tão dura. Mas isso eram nuances, sua intenção de aproveitar a noite ao ar livre continuava bem firme: mergulhou o rosto no travesseiro e se dispôs para o sono, para um sono do qual se desacostumara havia muito tempo.

Enfim encontrara a posição mais cômoda. Não se mexeria um milímetro por nada neste mundo. Pecado que, ficando assim, seu olhar não abarcasse uma perspectiva de apenas árvores e céu, de modo que o sono lhe fechasse os olhos numa visão de absoluta serenidade natural, mas diante dele se sucediam uma árvore, a espada de um general do alto de seu monumento, uma outra árvore, um painel para colar cartazes, uma terceira árvore, e depois, um pouco mais distante, aquela falsa lua intermitente do semáforo que continuava a arregalar seu amarelo, amarelo, amarelo.

É preciso dizer que nesses últimos tempos Marcovaldo andava com o sistema nervoso em tão mau estado que, embora morto de cansaço, bastava uma coisa à-toa, bastava que pusesse na cabeça que alguma coisa o incomodava, e ele não dormia. E agora o inco-

■ VERÃO

modava aquele semáforo que se acendia e se apagava. Estava lá, distante, um olho amarelo que pisca, solitário: nem mereceria atenção. Porém, Marcovaldo talvez estivesse num processo de esgotamento: fixava aquele acende e apaga e repetia consigo mesmo: “Como dormiria bem se não fosse aquela coisa! Como dormiria bem!”. Cerrava os olhos e parecia sentir sob as pálpebras o acende e apaga daquele amarelo idiota; piscava os olhos e via dezenas de semáforos; voltava a abri-los, tudo recomeçava.

Levantou-se. Devia pôr algo entre ele e o semáforo. Foi até o monumento do general e olhou ao redor. Ao pé do monumento havia uma coroa de louros, bem grossa, já seca e meio desfeita, montada sobre varetas, com uma grande fita um tanto desbotada: “Os Lanceiros do Décimo Quinto no Aniversário da Glória”. Marcovaldo pendurou-se no pedestal, içou a coroa, enfiou-a na espada do general.

O guarda-noturno Tornaquinci, fazendo a ronda, atravessava a praça de bicicleta; Marcovaldo ajeitou-se atrás da estátua. Tornaquinci vira no chão a sombra do monumento se mover: deteve-se cheio de suspeitas. Examinou aquela coroa na espada, notou que havia algo fora do lugar, mas não sabia bem o quê. Apontou para lá a luz de uma pequena lanterna, leu: “Os Lanceiros do Décimo Quinto no Aniversário da Glória”, sacudiu a cabeça em sinal de aprovação e foi embora.

Para permitir que ele se afastasse, Marcovaldo refez o circuito da praça. Numa rua vizinha, uma equipe de operários estava consertando um desvio nos trilhos do bonde. À noite, nas ruas desertas, aqueles pequenos grupos de homens agachados ao clarão das máquinas de soldar e as vozes que ressoam e logo arrefecem, têm um ar secreto, como de gente que prepara coisas que os habitantes do dia jamais deverão saber. Marcovaldo se aproximou, ficou observando a chama, os gestos dos operários, com uma atenção um tanto embaraçante e os olhos cada vez menores por causa do sono. Procurou um cigarro no bolso, para manter-se acordado, mas não tinha fósforos.

— Quem me acende? — perguntou aos operários.

— Com isso? — provocou o homem da chama oxídrica, soltando um jato de fagulhas.

Um outro operário se levantou, ofereceu-lhe o cigarro aceso.

— O senhor também faz o turno da noite?

— Não, trabalho de dia — respondeu Marcovaldo.

— E o que faz de pé a esta hora? Nós daqui a pouco paramos.

Voltou ao banco. Deitou-se. Agora o semáforo estava escondido de sua vista; podia adormecer, finalmente.

Antes, não notara o barulho. Agora, aquele zumbido, como um pesado sopro que aspirava e ao mesmo tempo como um arranhar interminável e também um chiado, continuava a ocupar-lhe os ouvidos. Não existe som mais corrosivo que o da máquina de soldar, uma espécie de berro abafado. Marcovaldo, sem se mexer, encolhido no banco, o rosto contra o travesseiro enrugado, não tinha descanso, e o barulho continuava a lembrar-lhe a cena iluminada pela chama cinzenta que espirrava faíscas de ouro ao redor, os homens de cócoras com o vidro enfumaçado protegendo o rosto, a pistola da máquina de soldar na mão agitada por um tremor veloz, o halo de sombra em torno do carrinho com instrumentos, em volta da alta armação de anagem que alcançava os fios. Abrindo os olhos, virou-se no banco, observou as estrelas entre os ramos. Os pássaros insensíveis continuavam a dormir lá em cima no meio das folhas.

Adormecer como um passarinho, ter uma asa para sob ela acomodar a cabeça, um mundo de galhos suspensos acima do mundo terrestre, que mal se adivinha lá embaixo, amortecido e remoto. Basta começar a não aceitar o próprio estado presente e sabe-se lá aonde se chega: agora, para dormir, Marcovaldo necessitava de algo que nem ele sabia bem o que era, nem sequer um silêncio verdadeiro lhe teria bastado mais, talvez um fundo de rumor mais macio que o silêncio, um vento suave que passa no verde de um bosque ou um murmúrio de água que brota e se perde num prado.

Tinha uma idéia na cabeça e se levantou. Não exatamente uma idéia, pois, meio tonto com o sono que incubava, não articulava bem nenhum pensamento; parecia a lembrança de que ali por per-

■ VERÃO

to havia algo relacionado com a idéia da água, seu correr alegre e discreto.

De fato havia um chafariz, ali perto, ilustre obra de escultura e hidráulica, com ninfas, faunos, deuses fluviais, que entrelaçavam esguichos, cascatas e jogos d'água. Acontece que estava seco: à noite, no verão, dada a pouca pressão do aqueduto, fechavam-no. Marcovaldo rodou por ali feito um sonâmbulo; mais por instinto do que por raciocínio sabia que um tanque deve ter uma torneira. Quem sabe ver, encontra aquilo que procura mesmo de olhos fechados. Abriu a torneira: das conchas, das barbas, dos focinhos dos cavalos se alçaram longos jatos, as saliências falsas se velaram com mantos cintilantes, e toda aquela água ressoava como o órgão de um coro na grande praça vazia, com todos os sussurros e estalidos que a água consegue orquestrar. O guarda-noturno Tornaquinci, que passava de novo em sua bicicleta triste, triste, pondo bilhetinhos sob as portas, ao ver explodir de repente diante dos olhos o chafariz como um fogo de artifício líquido, por pouco não caiu do selim.

Marcovaldo, tratando de abrir os olhos o menos que podia para não deixar fugir aquele fiapo de sono que parecia ter agarrado, correu para se jogar no banco. Pronto, agora estava como à beira de uma torrente, com o bosque acima dele, enfim, dormia.

Sonhou com um almoço, o prato estava coberto para não deixar esfriar a massa. Descobriu-o e havia um rato morto, que fedia. Olhou no prato da mulher: havia outra carcaça de rato. Diante dos filhos, outros ratinhos, menores mas também meio podres. Destampou a sopeira e viu um gato com a barriga para cima, e o mau cheiro o despertou.

Não muito longe estava o caminhão da limpeza urbana que sai à noite para esvaziar os depósitos de lixo. Distinguia, à meia-luz dos faróis, o guindaste que roncava aos arrancos, as sombras dos homens de pé em cima da montanha de lixo que conduziam com as mãos o recipiente pendurado na roldana, despejavam-no dentro do caminhão, amassavam com as pás, com vozes pesadas e estri-dentes como os arrancos do guindaste: "Levanta... Abaixa... Assim

não...”, e certos choques metálicos como gongos e o novo ligar do motor, lento, para depois parar pouco adiante e recomeçar a manobra.

Mas o sono de Marcovaldo já estava num ponto em que os ruídos não o alcançavam mais, e aqueles, mesmo tão sem graça e dissonantes, vinham como que envoltos por um suave halo de amortecimento, talvez pela própria consistência do lixo comprimido nos furgões: mas era o mau cheiro que o mantinha acordado, o mau cheiro acentuado por uma intolerável idéia de mau cheiro, fazendo com que também os ruídos, aqueles ruídos amortecidos e remotos, e a imagem à contraluz do carro com o guindaste não chegassem ao cérebro enquanto ruído e visão mas somente como mau cheiro. E Marcovaldo se atormentava, perseguindo em vão com a fantasia das narinas a fragrância de um roseiral.

O guarda-noturno Tornaquinci sentiu a testa úmida de suor ao entrever uma sombra humana que corria de quatro por um canteiro, arrancava ranúnculos furiosamente e desaparecia. Mas pensou que se tratasse ou de um cachorro, responsabilidade dos homens da carrocinha, ou de uma alucinação, responsabilidade do alienista, ou de um lobisomem, responsabilidade não se sabe exatamente de quem mas de preferência não dele, e se afastou.

Entretanto, Marcovaldo, de volta ao leito, apertava contra o nariz o convulsivo maço de ranúnculos, tentando preencher o olfato com o perfume deles: porém, pouco podia obter daquelas flores quase inodoras; mas a fragrância de orvalho, de terra e de erva pisada já era um bom bálsamo. Eliminou a obsessão da imundície e adormeceu. Amanhecia.

O despertar foi um imprevisto abrir de céu cheio de sol sobre a cabeça dele, um sol que parecia ter apagado as folhas e pouco a pouco as restituía à vista meio cega. Mas Marcovaldo não podia hesitar, pois um tremor o obrigara a pular fora: o borrifo de um hidrante, com o qual os jardineiros da prefeitura regavam os canteiros, fazia riosinhos frios correrem por suas roupas. E ao redor se atropelavam os bondes, os caminhões das feiras, os carrinhos-de-mão, pequenos furgões, e os operários em suas bicicletas motoriza-

■ VERÃO

das que corriam para as fábricas, e as portas metálicas das lojas subiam de repente, e as janelas das casas enrolavam as persianas, e os vidros cintilavam. Com a boca e os olhos pastosos, estremunhado, com a coluna dura e um lado dolorido, Marcovaldo corria para o trabalho.

OUTONO

3

O POMBO MUNICIPAL

Os itinerários que os pássaros seguem nas migrações, rumo ao sul ou ao norte, no outono ou na primavera, raramente atravessam a cidade. Os bandos cortam o céu bem alto, acima dos dorsos estriados dos campos e ao longo das margens dos bosques, e ora parecem acompanhar o traçado curvilíneo de um rio ou o sulco de um vale, ora as vias invisíveis do vento. Mas dão a volta assim que as cadeias de telhados de uma cidade surgem pela frente.

Contudo, certa vez, um vôo de narcejas outonais apareceu na fatia de céu de uma rua. E só Marcovaldo se deu conta, pois andava sempre com o nariz para cima. Guiava um pequeno triciclo com bagageiro e, ao ver os pássaros, pedalou mais forte, como se os perseguisse, tomado por uma fantasia de caçador, embora nunca tivesse segurado outro fuzil além daquele de soldado.

E andando assim, com os olhos grudados nos pássaros que voavam, achou-se no meio de um cruzamento, com o sinal vermelho, entre os carros, e por pouco não foi atropelado. Enquanto um guarda com a cara roxa anotava o nome e o endereço dele na caderneta, Marcovaldo buscou ainda com o olhar aquelas asas no céu, mas tinham desaparecido.

No trabalho, a multa provocou críticas ásperas.

— Mas nem os semáforos você consegue entender? — gritou-

lhe o chefe, sr. Viligelmo. — Para o que estava olhando, desta vez?

— Olhava um bando de narcejas... — disse ele.

— O quê? — E os olhos do sr. Viligelmo, velho caçador, brilharam. E Marcovaldo contou.

— Sábado, pego cachorro e fuzil! — disse o chefe, todo animado, já esquecido da briga. — Começou a migração, no alto das colinas. Certamente era um bando espantado pelos caçadores lá de cima que desviou para a cidade...

Durante o dia inteiro, a cabeça de Marcovaldo maquinou como um moinho. “Se sábado, como é provável, a colina vai estar cheia de caçadores, imagine quantas narcejas chegarão até a cidade; e, se eu trabalhar bem, domingo hei de comer narceja assada.”

O prédio em que Marcovaldo morava tinha um terraço em cima, com arames onde se estendia a roupa. Marcovaldo subiu até lá com três de seus filhos, com uma vasilha de visco, um pincel e um saco de milho. Enquanto as crianças espalhavam grãos de milho por todos os lados, ele pincelava com visco os parapeitos, os arames, os caixilhos das cumeeiras. Colocou tanto que por pouco Filippetto, brincando, não ficou grudado também.

Naquela noite, Marcovaldo sonhou com o telhado coberto de narcejas se debatendo cheias de visco. Sua mulher Domitilla, mais voraz e preguiçosa, sonhou com patos já assados pousados nas cumeeiras. A filha Isolina, romântica, sonhava com colibris para enfeitar o chapéu. Michelino sonhou encontrar uma cegonha.

No dia seguinte, de hora em hora, uma das crianças ia examinar o telhado: só punha a cabeça para fora da clarabóia, para que, no caso de estarem a ponto de pousar, não se assustassem, depois voltava para contar as novidades. As notícias nunca eram boas. Até que, por volta de meio-dia, Pietruccio voltou gritando:

— Chegaram! Papai, venha!

Marcovaldo subiu com um saco. Grudado na cola estava um

pobre pombo, um daqueles pombos urbanos cinzentos, habituados à multidão e à barulheira das praças. Voando em torno, outros pombos o contemplavam tristemente, enquanto tentava retirar as asas da porqueira onde pousara por descuido.

A família de Marcovaldo estava limpando os ossos daquele magro e fibroso pombo assado, quando ouviram bater à porta.

Era a empregada da senhoria:

— A patroa está chamando o senhor! Venha rápido!

Muito preocupado, pois fazia seis meses que não pagava o aluguel e temia o despejo, Marcovaldo foi ao apartamento dela, no andar nobre. Assim que entrou na sala, viu que havia uma visita: o guarda de cara roxa.

— Entre, Marcovaldo — disse a senhora. — Estão me alertando que em nosso terraço alguém caça os pombos da prefeitura. Sabe alguma coisa sobre isso?

Marcovaldo sentiu-se gelar.

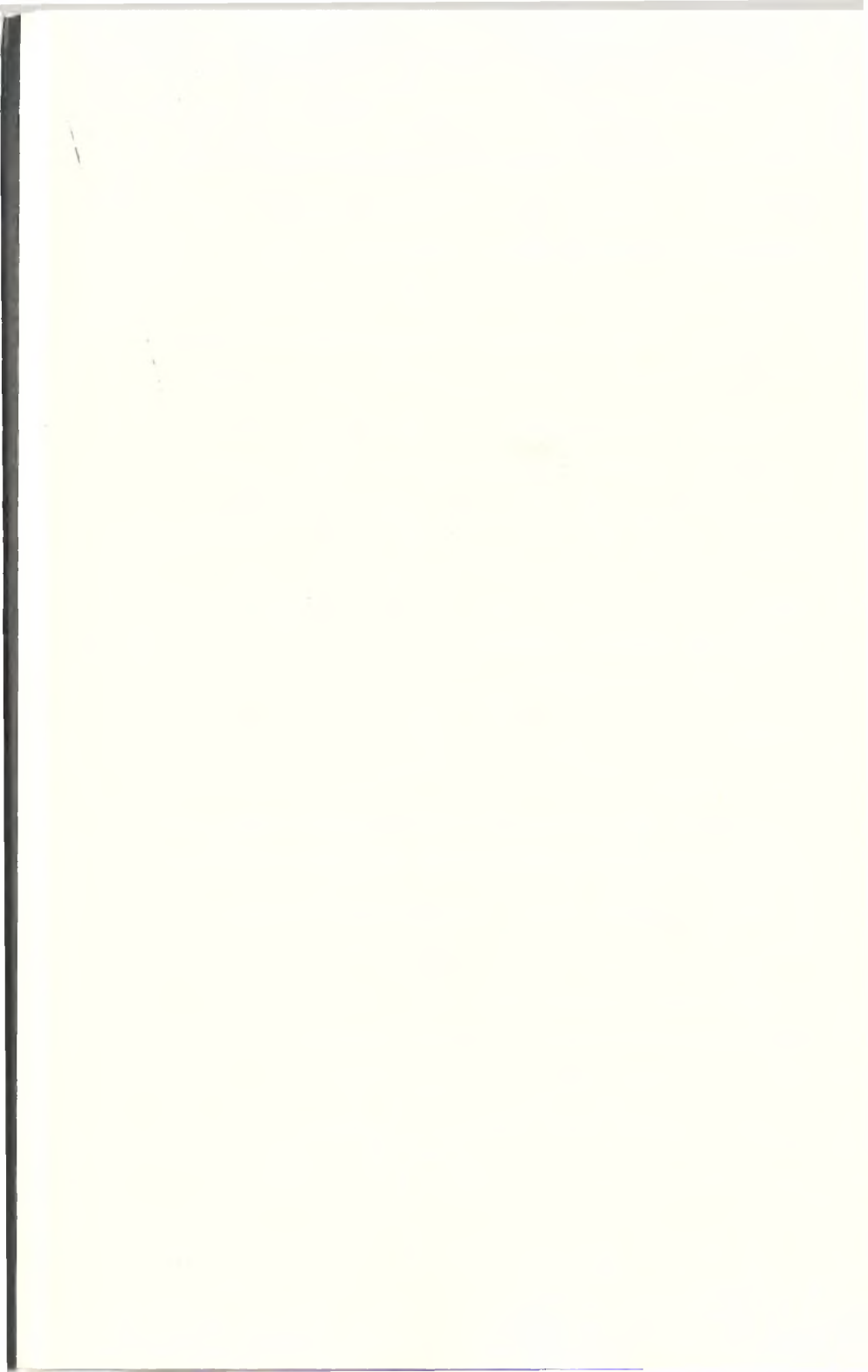
— Senhora! Senhora! — gritou naquele momento uma voz de mulher.

— O que está acontecendo, Guendalina?

A lavadeira entrou.

— Fui estender a roupa-branca no varal e ela ficou toda grudada. Puxei para arrancá-la, mas ela se rasgou! Estragou tudo! O que será aquilo?

Marcovaldo passava a mão no estômago como se não conseguisse digerir.



INVERNO

4

A CIDADE PERDIDA NA NEVE

Naquela manhã o silêncio o despertou. Marcovaldo levantou da cama com o sentimento de algo estranho no ar. Não entendia que horas eram, a luz entre as frestas da persiana era diferente daquela de todas as horas do dia e da noite. Abriu a janela: a cidade desaparecera, fora substituída por uma folha branca. Aguçando o olhar, distinguiu, em meio ao branco, algumas linhas quase apagadas que correspondiam àquelas da vista habitual: as janelas e os telhados e os lampiões dos arredores, mas perdidos debaixo de toda a neve que caíra durante a noite.

— Neve! — gritou Marcovaldo para a mulher, isto é, esforçou-se por gritar, mas a voz lhe saiu amortecida. Como sobre as linhas, cores e perspectivas, a neve caíra sobre os ruídos, ou melhor, sobre a própria possibilidade de fazer ruídos; os sons, como num espaço acolchoado, não vibravam.

Foi para o trabalho a pé; os bondes estavam parados por causa da neve. Pela rua, abrindo ele próprio o caminho, sentiu-se livre como nunca. Nas vias urbanas, toda diferença entre calçada e espaço para carros desaparecera, os veículos não podiam passar, e Marcovaldo, embora afundasse metade da perna a cada passo e sentisse a neve se infiltrando nas meias, estava à vontade para caminhar no meio da rua, pisar nos canteiros, atravessar fora dos limites prescritos, avançar em ziguezague.

As ruas e avenidas abriam-se intermináveis e desertas como

alvos desfiladeiros entre rochas de montanhas. A cidade oculta sob aquele manto seria sempre a mesma ou durante a noite teria sido trocada por uma outra? Quem garantia que debaixo daqueles montinhos brancos ainda se encontravam as bombas de gasolina, as bancas de jornais, as paradas dos bondes, ou será que tudo não se reduzia a sacos e sacos de neve? Andando, Marcovaldo sonhava perder-se numa cidade diferente: seus passos, ao contrário, o conduziam justamente ao local de trabalho de todos os dias, o depósito de sempre, e, superado o umbral, o carregador se admirou de achar-se entre aquelas paredes sempre iguais, como se a mudança que cancelara o mundo exterior só tivesse poupado sua empresa.

Lá, esperando-o, havia uma pá maior que ele. O chefe de estoque, sr. Viligelmo, entregando-a, anunciou:

— Em frente à empresa, a limpeza da calçada é responsabilidade nossa, ou seja, sua. — Marcovaldo pegou a pá e tornou a sair.

Limpar neve não é brincadeira, especialmente para quem tem o estômago vazio, mas Marcovaldo sentia a neve como amiga, como um elemento que anulava a gaiola de muros em que se aprisionara sua vida. E com grande entusiasmo entregou-se ao trabalho, fazendo voar grandes pazadas de neve da calçada para o meio da rua.

Também o desempregado Sigismondo estava muito grato à neve, pois, tendo se inscrito naquela manhã entre os limpadores de neve da prefeitura, finalmente tinha pela frente alguns dias de trabalho garantido. Mas aquele sentimento, em vez de inspirar-lhe vagas fantasias como acontecia com Marcovaldo, induzia-o a cálculos bem precisos sobre quantos metros cúbicos de neve devia deslocar para limpar tantos metros quadrados; enfim, queria marcar pontos junto ao chefe do grupo; e — ambição secreta — fazer carreira.

Sigismondo se vira e o que vê? O trecho de rua que acabara de limpar tornava a se encher de neve sob os movimentos desordenados da pá de um tipo que ofegava na calçada. Quase teve um ataque. Correu para enfrentá-lo, apontando-lhe a pá cheia de neve contra o peito.

— Ei, você! É você que está jogando a neve ali?

— Hã? O quê? — sobressaltou-se Marcovaldo, mas admitiu: — Ah, talvez sim.

— Bom, ou você a recolhe imediatamente com sua pазinha ou vai lamber até o último floco.

— Mas tenho de limpar a calçada.

— E eu a rua. Como ficamos?

— Onde vou pôr?

— Você é da prefeitura?

— Não. Da empresa SBAV.

Sigismondo o ensinou a amontoar a neve na beira da calçada e Marcovaldo limpou tudo o que sujara. Satisfeitos, com as pás enterradas na neve, puseram-se a contemplar a obra concluída.

— Tem uma guimba? — perguntou Sigismondo.

Estavam acendendo a metade de um cigarro para cada um, quando um carro limpador de neve passou pela rua levantando duas grandes ondas brancas que caíam pelos lados. Naquela manhã, qualquer ruído era apenas um sussurro: quando os dois ergueram o olhar, todo o trecho que haviam limpadado estava de novo recoberto de neve. “Que aconteceu? Tornou a nevar?”, e levantaram os olhos para o céu. O carro, rodando seus escovões, já dobrava a esquina.

Marcovaldo aprendeu a amontoar a neve num murinho compacto. Se continuasse a fazer murinhos iguais, poderia construir ruas só para ele, ruas que só ele saberia onde dariam, e nas quais todos os outros se perderiam. Refazer a cidade, amontoar montanhas altas como casas que ninguém poderia distinguir das casas de verdade. Ou quem sabe todas as casas tinham passado a ser de neve, dentro e fora; uma cidade inteira de neve, com monumentos, campanários e árvores, uma cidade que se podia desfazer a golpes de pá e ser refeita de outro modo.

Na beira da calçada, num determinado ponto, havia um monte de neve considerável. Marcovaldo já estava para nivelá-lo à altura de seus murinhos, quando percebeu que era um automóvel: o luxuoso carro do presidente do conselho administrativo, comendador Alboino, todo coberto de neve. Visto que a diferença entre um car-

ro e um monte de neve era tão pouca, Marcovaldo começou a modelar com a pá a forma de um carro. Deu certo: de fato, entre os dois não se reconhecia mais qual era o verdadeiro. Para dar os últimos retoques à obra, Marcovaldo usou alguns ferros velhos que lhe apareceram na pá: uma lata enferrujada vinha a calhar para modelar a forma de um farol; com um pedaço de torneira, a porta teve sua maçaneta.

Houve grandes salamaleques de porteiros, contínuos e office-boys, e o presidente, comendador Alboino, saiu pelo portão. Míope e eficiente, caminhou decidido e rápido para seu carro, agarrou a torneira que sobressaía, puxou, abaixou a cabeça e se enfiou no monte de neve até o pescoço.

Marcovaldo já dobrara a esquina e limpava o pátio.

Os meninos do pátio tinham feito um homem de neve.

— Falta o nariz! — disse um deles. — O que vamos usar? Uma cenoura! — E foi cada um para a respectiva cozinha procurar entre os legumes.

Marcovaldo contemplava o homem de neve. “Pronto, sob a neve não se distingue o que é de neve e o que só está recoberto. Exceto num caso: o homem, pois se sabe que eu sou eu e não este aqui.”

Absorto em suas meditações, não se deu conta de que do telhado dois homens gritavam: “Ei, meu senhor, afaste-se um pouco daí!”. Eram aqueles que limpam a neve das telhas. E, de repente, uma carga de neve de vinte arrobas caiu-lhe por cima.

Os meninos voltaram com seu saque de cenouras.

— Oh! Fizeram um outro homem de neve! — No meio do pátio havia dois bonecos idênticos, vizinhos.

— Vamos pôr narizes nos dois! — E enterraram duas cenouras na cabeça dos dois homens de neve.

Marcovaldo, mais morto que vivo, sentiu, através do invólucro em que fora sepultado e congelado, chegar-lhe comida. E mastigou.

— Nossa Senhora! A cenoura desapareceu! — Os meninos estavam muito assustados.

O mais corajoso não perdeu o ânimo. Tinha um nariz de reserva: um pimentão; e o colocou no homem de neve. O homem de neve engoliu também aquele.

Então experimentaram colocar-lhe como nariz um pedaço de carvão, daqueles compridinhos. Marcovaldo cuspiu-o fora com todas as suas forças.

— Socorro! Está vivo! Está vivo! — Os meninos saíram correndo.

Num canto do pátio havia uma grade da qual saía uma nuvem de calor. Marcovaldo, com o passo pesado de homem de neve, deslocou-se para lá. A neve se derreteu, desceu em cascata pelas roupas: reapareceu um Marcovaldo todo inchado e obstruído pelo resfriado.

Pegou a pá, sobretudo para aquecer-se, e se pôs a trabalhar no pátio. Tinha um espirro que ficara preso no alto do nariz, estava sai não sai, e não se decidia a sair. Marcovaldo cavava, com os olhos semicerrados, e o espirro continuava sempre empoleirado no nariz. De repente: o “Aaaaah...” foi quase um estrondo, e o “...tchim” foi mais forte que a explosão de uma mina. Com o deslocamento de ar, Marcovaldo foi atirado contra a parede.

Mais que deslocamento: o espirro tinha provocado um verdadeiro tufão. Toda a neve do pátio se ergueu, turbilhonou como numa tormenta, e foi sugada de novo para cima, pulverizando-se no céu.

Quando Marcovaldo reabriu os olhos voltando de seu desfalecimento, o pátio estava completamente limpo, sem nenhum floco de neve. E aos olhos de Marcovaldo se reapresentou o pátio de sempre, os muros cinzentos, as caixas do armazém, as coisas de todos os dias, ásperas e hostis.



O TRATAMENTO COM VESPAS

O inverno se foi e deixou para trás as dores reumáticas. Um leve sol meridiano vinha alegrar os dias, e Marcovaldo passava algumas horas olhando as folhas despontarem, sentado num banco, à espera da hora de voltar ao trabalho. Perto dele vinha sentar-se um velhinho, corcunda em seu capote todo remendado: era um certo sr. Rizieri, aposentado e sozinho no mundo, também ele assíduo nos bancos ensolarados. De vez em quando, esse sr. Rizieri dava um salto, gritava: "Ai!", e a corcunda crescia debaixo do capote. Vivia cheio de reumatismos, de artrites, de lombagos, que colhia no inverno úmido e frio e que o acompanhavam o ano inteiro. Para consolá-lo, Marcovaldo lhe explicava as várias fases dos seus reumatismos, os da mulher e da filha mais velha, Isolina, coitada, que não crescia muito saudável.

Todos os dias, Marcovaldo levava o almoço embrulhado numa folha de jornal; sentado no banco, desfazia o embrulho e dava o pedaço de jornal amassado ao sr. Rizieri, que estendia a mão impaciente, dizendo: "Vejam as notícias", e o lia com interesse sempre igual, mesmo que fosse de dois anos atrás.

E, assim, certo dia encontrou um artigo sobre o método de curar-se de reumatismos com o veneno das abelhas.

— Deve ser com o mel — disse Marcovaldo, sempre propenso ao otimismo.

— Não — retrucou Rizieri —, com o veneno, diz aqui, com

aquele do ferrão. — E leu alto alguns trechos. Discutiram longamente sobre as abelhas, suas virtudes e sobre quanto poderia custar aquele tratamento.

Desde então, andando pelas ruas, Marcovaldo apurava os ouvidos a qualquer zumbido, seguia com o olhar todo inseto que voasse por perto. Assim, observando os volteios de uma vespa de barriga grande com listras pretas e amarelas, viu que se escondia no oco de uma árvore e que outras vespas saíam dali: um zunzum, um vaivém que anunciava a presença de um vespeiro completo dentro do tronco. Marcovaldo se lançara à caça imediatamente. Tinha um frasco em cujo fundo ainda havia dois dedos de geléia. Deixou-o aberto próximo da árvore. Logo uma vespa veio zanzar ao redor do frasco e entrou, atraída pelo cheiro açucarado; Marcovaldo correu para tampar o vidro com um pedaço de papel.

E assim que viu o sr. Rizieri, disse: “Vamos, já, já lhe faço a injeção!”, mostrando-lhe o frasco com a vespa prisioneira furiosa.

O velhote estava hesitante, porém Marcovaldo não queria adiar a experiência a nenhum custo, e insistia para fazer tudo ali mesmo, no próprio banco: nem era preciso que o paciente tirasse a roupa. Com receio e esperança ao mesmo tempo, o sr. Rizieri ergueu uma aba do capote, da jaqueta e da camisa, e abrindo passagem entre as malhas furadas descobriu um ponto das costas onde lhe doía. Ali, Marcovaldo encostou a boca do frasco e arrancou o papel que servia de tampa. A princípio, não aconteceu nada; a vespa estava imóvel: teria dormido? Para acordá-la, Marcovaldo deu um tapa no fundo do vidro. Era justamente o golpe que faltava: o inseto disparou como uma flecha e cravou o ferrão nas costas do sr. Rizieri. O velhote soltou um berro, pulou, ficando de pé, e começou a andar como um soldado em passo de parada, esfregando a parte picada e vociferando confusas imprecações.

Marcovaldo estava todo satisfeito, o velhote nunca estivera tão espigado e marcial. Mas um guarda tinha parado ali perto e olhava atentamente; Marcovaldo pegou Rizieri pelo braço e se afastou assoviando.

Voltou para casa com outra vespa no vidro. Convencer a mulher a deixar-se picar não foi tarefa fácil, mas afinal conseguiu. Por algum tempo, Domitilla só se lamentou da ardência da vespa.

Marcovaldo se pôs a capturar vespas a todo o vapor. Fez uma aplicação em Isolina, uma segunda em Domitilla, pois só um tratamento sistemático poderia trazer resultados. Depois decidiu se deixar picar também. As crianças, sabemos como são, diziam: “Também quero, também quero”, mas Marcovaldo preferiu muni-las de vidros e mandá-las capturar novas vespas, para manter o consumo diário.

O sr. Rizieri veio procurá-lo em casa; vinha acompanhado de outro velhinho, o comendador Ulrico, que arrastava uma perna e queria começar urgentemente o tratamento.

A notícia se espalhou; Marcovaldo passou a trabalhar em série: tinha sempre uma meia dúzia de vespas de reserva, cada uma em seu frasco de vidro, arrumadas numa prateleira. Aplicava o frasco nas costas dos pacientes como se fosse uma seringa, retirava a tampa de papel e, quando a vespa havia picado, esfregava com o algodão embebido em álcool, com a mão desenvolta de um médico experiente. Sua casa só tinha um cômodo, no qual dormia toda a família; dividiram-na com um biombo improvisado, deste lado sala de espera, do outro consultório. Na sala de espera, a mulher de Marcovaldo introduzia os clientes e cobrava os honorários. As crianças pegavam os vidros vazios e corriam ao vespeiro para reabastecê-los. Às vezes, eram picados por uma vespa, mas quase não choravam, pois sabiam que fazia bem à saúde.

Naquele ano, os reumatismos enrodilhavam-se às pessoas como os tentáculos de um polvo; o tratamento de Marcovaldo ficou famoso; e no sábado à tarde ele viu a sua pobre casa invadida por uma pequena multidão de homens e mulheres aflitos, que apertavam as mãos na coluna ou nos quadris, alguns com aspecto maltrapilho de mendigos, outros com ares de pessoas de posse, atraídos pela novidade daquele remédio.

— Rápido — disse Marcovaldo aos três filhos homens —, pe-

guem os vidros e vão apanhar o máximo de vespas que puderem. — Os meninos foram.

Era um dia de sol, muitas vespas zumbiam pela rua. Os meninos costumavam caçá-las um pouco distante da árvore onde ficava o vespeiro, mirando nos insetos isolados. Mas naquele dia Michelino, para andar rápido e pegar mais, se pôs a caçar bem perto da boca do vespeiro. “Façam assim”, dizia aos irmãos, e tratava de apanhar uma vespa jogando-lhe o vidro em cima assim que pousava. Mas aquela fugia sempre e voltava a pousar cada vez mais perto do vespeiro. Agora parava bem na beira da cavidade do tronco, e Michelino estava a ponto de atirar-lhe o frasco, quando sentiu outras duas grandes vespas lançando-se contra ele como se quisessem picá-lo na cabeça. Defendeu-se, mas sentiu a pontada dos ferrões e, gritando de dor, deixou cair o frasco. Logo, a apreensão pelo que fizera anulou a dor: o vidro caíra dentro da boca do vespeiro. Não se ouvia mais nenhum zumbido, não saía mais nenhuma vespa; Michelino, sem força nem para gritar, recuou um passo, quando o vespeiro cuspiu uma nuvem negra, espessa, com um zunzum ensurdecedor: eram todas as vespas que avançavam num enxame enfurecido!

Os irmãos ouviram Michelino dar um berro e sair correndo como jamais correra em sua vida. Parecia movido a vapor, de tal modo aquela nuvem que levava atrás dele se assemelhava à fumaça de uma chaminé.

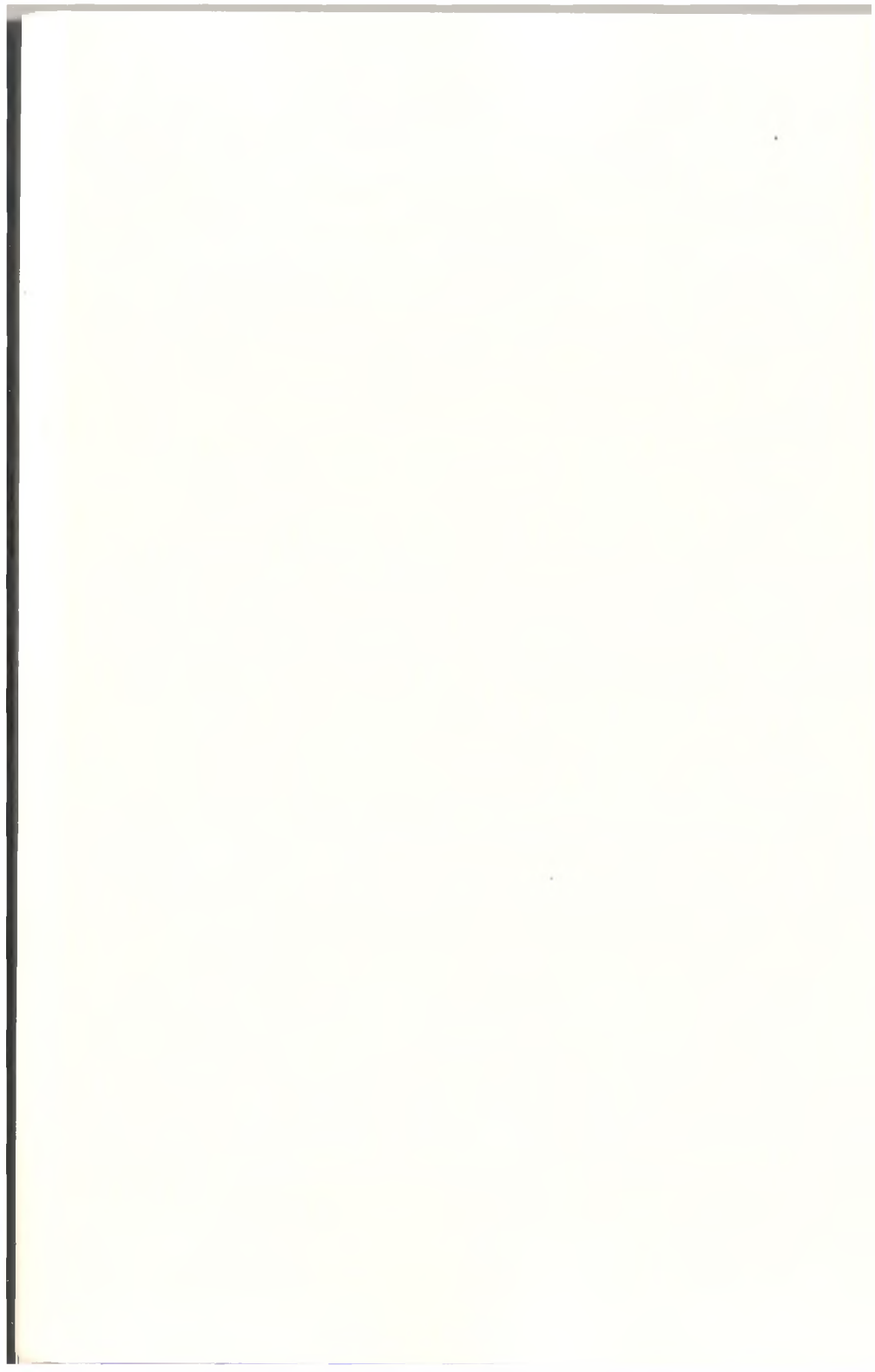
Para onde foge um menino perseguido? Para casa! Assim fez Michelino.

Os transeuntes não tinham tempo de entender o que era aquela aparição entre a nuvem e o ser humano que dardejava pelas ruas com um barulho parecido com um zumbido.

Marcovaldo estava dizendo a seus pacientes: “Tenham paciência, já vão chegar as vespas”, quando a porta se abriu e o enxame invadiu o aposento. Nem sequer viram Michelino, que ia enfiar a cabeça numa bacia d’água: o lugar foi todo ocupado pelas vespas e os pacientes se abraçavam na inútil tentativa de expulsá-las,

e os reumáticos faziam prodígios de agilidade e os artelhos encolhidos se soltavam em movimentos furiosos.

Chegaram os bombeiros e depois a Cruz Vermelha. Deitado em sua maca no hospital, irreconhecível pelo inchaço das picadas, Marcovaldo não ousava reagir contra as imprecações que, das outras macas do corredor, lhe lançavam seus clientes.



VERÃO

6

*UM SÁBADO DE SOL,
AREIA E SONO*

— Para o seu reumatismo — dissera o médico da Previdência Social —, neste verão é bom um tratamento com areia.

E Marcovaldo, num sábado à tarde, explorava as margens do rio, procurando um lugar ensolarado e com areia seca. Mas onde havia areia, o rio era só um grasnar de correntes enferrujadas; dragas e guindastes estavam em ação: máquinas velhas como dinossauros que escavavam o rio e entornavam enormes colheradas de areia nos caminhões das empresas de construção parados entre os salgueiros. A fila das caçambas das dragas subia direito e descia de ponta-cabeça, e os guindastes erguiam no longo pescoço um papo de pelicano que pingava gotas da lama negra do fundo. Marcovaldo se inclinava para apalpar a areia, esmagava-a nas mãos; era úmida, uma argamassa, um lodo: mesmo ali onde o sol formava uma crosta seca e friável na superfície, um centímetro abaixo ainda estava molhada.

Os filhos de Marcovaldo, que o pai levava junto na esperança de fazê-los trabalhar cobrindo-o de areia, não agüentavam mais de tanta vontade de tomar banho.

— Papai, papai, vamos mergulhar! Vamos nadar no rio!

— Ficaram doidos? Há um cartaz dizendo “Perigosíssimo nadar”! A gente se afoga, afunda como pedra! — E explicava que, onde o fundo do rio é escavado pelas dragas, formam-se funis vazios que sugam a corrente em redemoinhos ou turbilhões.

■ VERÃO

— O redemoinho, mostre-nos o redemoinho! — Para as crianças a palavra soava alegre.

— Não dá pra ver: você é agarrado por um pé, enquanto nada, e arrastado para baixo.

— E aquilo, por que não afunda? O que é, um peixe?

— Não, é um gato morto — explicava Marcovaldo. — Flutua porque tem a barriga cheia d'água.

— O redemoinho pega o gato pelo rabo? — perguntou Michelino.

O declive da margem com capim, num certo ponto, se alargava num espaço mais plano onde fora instalada uma grande peneira. Dois areeiros estavam peneirando um monte de areia, usando pás, e sempre com as pás carregavam-na para uma barcaça negra e baixa, uma espécie de chata, que ali flutuava amarrada num salgueiro. Os dois homens barbudos trabalhavam ao sol de chapéu e paletó, mas tudo rasgado e mofado, e calças que terminavam em tiras, no joelho, deixando nus pernas e pés.

Naquela areia que fora deixada secando por dias e mais dias, fina, separada da escória, clara como areia marinha, Marcovaldo reconheceu o que necessitava. Mas a descoberta fora muito tardia: já estavam amontoando tudo na barcaça para levá-la embora...

Não, ainda não: os areeiros, arrumada a carga, apanharam uma garrafa de vinho e, depois de fazê-la circular algumas vezes e de ter bebido sem pôr a boca no gargalo, deitaram-se à sombra dos choupos para deixar passar a hora mais quente.

“Enquanto eles ficam ali dormindo, posso deitar na areia e fazer meu tratamento!”, pensou Marcovaldo, e ordenou às crianças, a meia voz:

— Rápido, ajudem-me!

Pulou na barcaça, tirou camisa, calças e sapatos, e se atirou na areia.

— Cubram-me! com a pá! — disse aos filhos. — Não, a cabeça não; ela me serve para respirar e tem de ficar de fora! Todo o resto!

Para as crianças era como quando se fazem as construções de areia.

— Vamos brincar com as forminhas? Não, um castelo com ameias! Nada disso: melhor uma pista de bolinhas de gude!

— Agora desapareçam! — enfureceu-se Marcovaldo, de sob seu sarcófago de areia. — Não: primeiro me ponham um chapéu de papel na testa e nos olhos. E depois pulem para a margem e vão brincar mais adiante, senão os areeiros acordam e me expulsam!

— Podemos fazê-lo navegar pelo rio puxando a barçaça com uma corda — propôs Filippetto, e já estava soltando as amarras.

Marcovaldo, imobilizado, torcia a boca e os olhos para repreendê-los.

— Se vocês não sumirem já e me obrigarem a sair daqui de baixo, bato em todos com a pá! — Os meninos saíram correndo.

O sol dardejava, a areia queimava, e Marcovaldo, suando em bicas sob o chapeuzinho de papel, experimentava, com o sofrimento de estar ali cozinhando imóvel, a sensação de satisfação que os tratamentos cansativos ou os remédios desagradáveis propiciam, quando se pensa: quanto pior for, melhor o resultado.

Adormeceu, embalado pela corrente leve que ora esticava ora afrouxava as amarras. Estica aqui e afrouxa ali, o nó, que Filippetto já deixara meio solto, se desfez completamente. E a chata carregada de areia desceu livre pelo rio.

Era a hora mais quente da tarde, tudo dormia: o homem sepulto na areia, as pérgolas dos embarcadouros, as pontes desertas, as casas que despontavam com as persianas fechadas além das muralhas. O rio estava seco, mas a barçaça, impelida pela corrente, evitava os baixios de lama que afloravam de vez em quando, ou bastava uma sacudidela no fundo para reorientá-la pelo fio da água mais profunda.

Numa das sacudidelas, Marcovaldo abriu os olhos. Viu o céu ensolarado, onde passavam as nuvens baixas do verão. “Como correm”, pensou a propósito das nuvens. “E dizer que não há nem um pouco de vento!” Depois viu fios elétricos: também eles corriam como as nuvens. Olhou de lado, aquele tanto que lhe permitia

a carga de areia que o cobria. A margem direita estava distante, verde, e corria; a esquerda estava cinzenta, distante, e também em fuga. Percebeu que estava no meio do rio, em viagem; ninguém respondia: achava-se sozinho, enterrado numa barçaça de areia à deriva sem remos nem leme. Sabia que precisava erguer-se, tentar encostar, pedir socorro; mas ao mesmo tempo predominava a lembrança de que o tratamento exigia uma imobilidade completa, sentia-se obrigado a permanecer ali o mais quieto possível, a fim de não desperdiçar instantes preciosos para sua cura.

Naquele momento viu a ponte; e pelas estátuas e lampiões que enfeitavam a balaustrada, pela amplitude das arcadas que invadiam o céu, reconheceu-a: não imaginava ter ido tão longe. E, enquanto entrava na opaca região de sombra que as abóbadas produziam, lembrou-se da corredeira. Uns cem metros depois da ponte, o leito do rio apresentava uma queda d'água; a barçaça se precipitaria pela cascata, soçobrando, e ele seria submerso pela areia, pela água, pela barçaça, sem nenhuma esperança de sair vivo. Contudo, naquele momento, sua maior preocupação ainda eram os efeitos benéficos do tratamento com areia que se perderiam de repente.

Aguardou a queda. E aconteceu: mas foi um baque de baixo para cima. Na borda da corredeira, naquela estação de seca tinham se amontoado bancos de lama, alguns esverdeados por finos tufos de caniços e juncos. A barçaça encalhou em cheio com sua quilha achatada, fazendo saltar toda a carga de areia e o homem enterrado nela. Marcovaldo se viu projetado no ar como de uma catapulta, e naquele momento viu o rio debaixo dele. Isto é: não o viu de fato, viu apenas a confusão de gente que enchia o rio.

Aos sábados à tarde, uma grande massa de banhistas lotava aquele trecho do rio, onde a água baixa chegava só até o umbigo, e classes inteiras de crianças chapinhavam, e mulheres gordas, e senhores que se faziam de mortos, e moças de biquíni, e moleques que lutavam, e colchõezinhos, bolas, salva-vidas, pneus, barcos a remo, barcos a pangaia, barcos a vela, canoas de borracha, canoas a motor, canoas do serviço de salvamento, ioles da sociedade dos

remadores, pescadores com rede, pescadores com anzol, velhas com sombrinha, senhoritas com chapéu de palha, e cães, cães, cães, de cães d'água a são-bernardos, de modo que não se via nem um centímetro de água em todo o rio. E Marcovaldo, voando, tinha dúvidas se cairia num colchãozinho de borracha ou entre os braços de uma portentosa matrona, mas de uma coisa estava certo: nem uma gota d'água o atingiria.



OUTONO

7

A MARMITA

Os prazeres daquele recipiente redondo e achatado conhecido como “marmita” consistem antes de mais nada no fato de ele ser desatarraxável. Já o movimento de desatarraxar a tampa dá água na boca, especialmente quando não se sabe o que há dentro, porque é a esposa quem lhe prepara a marmita todas as manhãs, por exemplo. Destampada a marmita, vê-se a comida ali socada: lingüiças e lentilhas, ou ovos duros e beterrabas, ou então polenta e bacalhau, tudo bem arrumado naquela área de circunferência como os continentes e os mares nos mapas-múndi, e mesmo quando é pouca coisa produz o efeito de algo substancial e compacto. A tampa, uma vez desatarraxada, serve de prato, e assim se obtêm dois recipientes e se pode começar a dividir o conteúdo.

O carregador Marcovaldo, desatarraxada a marmita e rapidamente aspirado o perfume, pega os talheres que traz sempre no bolso, embrulhados, desde quando almoça de marmita em vez de voltar para casa. Os primeiros golpes do garfo servem para despetar um pouco aquelas comidas entorpecidas, dar a relevância e a atração de um prato recém-servido na mesa àqueles alimentos que ficaram ali amontoados tantas horas. Então se começa a ver que a comida é pouca, e se pensa: “É melhor comer devagar”, mas já foram levadas à boca, velozes e famélicas, as primeiras garfadas.

O primeiro gosto é o da tristeza da comida fria, mas logo recomeçam os prazeres, reencontrando-se os sabores da mesa familiar, transportados para um cenário insólito. Agora, Marcovaldo começou a mastigar lentamente: está sentado no banco de uma alameda, perto do lugar onde trabalha; como sua casa fica longe e, para ir até lá ao meio-dia, perde tempo e furos nos bilhetes do bonde, ele carrega o almoço na marmita, comprada de propósito, e come ao ar livre, observando quem passa, e depois bebe água numa fonte. Se é outono e faz sol, escolhe os lugares onde chegam alguns raios; as folhas vermelhas e brilhantes que caem das árvores servem de guardanapo; as cascas do salame vão para os cachorros vagabundos que não demoram a se tornar amigos dele; e das migalhas de pão se encarregam os pássaros, numa hora em que a alameda estiver deserta.

Enquanto come, pensa: “Por que me dá prazer reencontrar aqui o sabor da comida de minha mulher, mas em casa, entre brigas, choros, dívidas que surgem a cada conversa, não consigo apreciá-la?”. E depois pensa: “Agora me lembro, isso é o que sobrou da janta de ontem”. E é de novo tomado pelo descontentamento, talvez porque tenha de almoçar os restos, frios e meio rançosos, talvez porque o alumínio da marmita passe um sabor metálico aos alimentos, mas o pensamento que lhe ocupa a cabeça é: “Mas não é que a lembrança de Domitilla consegue estragar até as refeições longe dela?”.

Nisso, percebe que está quase no fim, e de novo lhe parece que aquele prato é algo de muito saboroso e raro, e come com entusiasmo e devoção os últimos restos no fundo da marmita, aqueles que têm mais gosto de metal. Depois, contemplando o recipiente vazio e gorduroso, é outra vez tomado pela tristeza.

Então embrulha e guarda tudo, levanta-se, ainda é cedo para voltar ao trabalho, nos grandes bolsos do casaco os talheres batucam contra a marmita vazia. Marcovaldo dirige-se a um botequim e pede um copo de vinho cheio até em cima; ou então vai a um café e saboreia uma xicrinha; depois olha os doces na vitrine, as caixas de balas e torrões, se convence de que não é exatamente

aquilo que deseja, que não quer nada, observa por um momento o futebol totó para convencer-se de que pretende enganar o tempo e não o apetite. Volta para a rua. Os bondes estão novamente cheios, já é quase hora de recomeçar o trabalho; e ele se prepara.

Acontece que a mulher, Domitilla, por decisão própria, comprou uma grande quantidade de lingüiça. E, durante três noites seguidas, Marcovaldo teve de jantar lingüiça e nabo. Mas aquela lingüiça devia ser de cachorro; só o cheiro bastava para tirar-lhe o apetite. Quanto ao nabo, essa hortaliça pálida e escorregadia, era o único vegetal que Marcovaldo jamais suportara.

Ao meio-dia, de novo: a mesma lingüiça e nabo frio e gorduroso na marmita. Desligado como era, desatarraxava sempre a tampa com curiosidade e gula, sem se lembrar o que havia comido na noite anterior, e todo dia era a mesma desilusão. No quarto dia, espetou o garfo lá dentro, farejou mais uma vez, ergueu-se do banco e, segurando a marmita aberta na mão, encaminhou-se distraidamente para a alameda. Os transeuntes viam aquele homem passando com um garfo numa das mãos e um recipiente com lingüiça na outra, e não se decidindo a levar à boca a primeira garfada.

De uma janela, um menino disse:

— Ei, você aí!

Marcovaldo levantou os olhos. No segundo andar de uma rica mansão, um menino estava com os cotovelos apoiados no parapeito, onde havia um prato.

— Ei, você! O que está comendo?

— Lingüiça e nabo!

— Felizardo! — disse o menino.

— Hum... — resmungou Marcovaldo, vagamente.

— Imagine que sou obrigado a comer fritada de miolos...

Marcovaldo examinou o prato no parapeito. Havia uma fritada de miolos macios e encrespados como cúmulos. As narinas dele vibraram.

— Por que, você não gosta de miolos...? — perguntou à criança.

— Não, me deixaram aqui de castigo porque não quero comer. Mas vou jogar tudo pela janela.

— E de lingüiça, você gosta?

— Ah, sim, parece uma lombriga... Em nossa casa nunca se come lingüiça...

— Então você me dá o seu prato e eu lhe dou o meu.

— Viva! — O menino ficou todo contente. Ofereceu ao homem o seu prato de porcelana com um garfo de prata lavrada, e o homem lhe deu a marmita com o garfo de estanho.

E assim os dois começaram a comer: o menino no parapeito e Marcovaldo sentado num banco ali em frente, um e outro lambendo os lábios e dizendo que nunca tinham provado coisa tão boa.

Mas de repente, por trás do menino aparece uma governanta com as mãos na cintura.

— Senhorzinho! Meu Deus! O que está comendo?

— Lingüiça! — exclama o menino.

— E quem foi que lhe deu isso?

— Aquele homem ali. — E apontou para Marcovaldo, que interrompeu sua lenta e diligente mastigação de um bocado de miolo.

— Cuspa tudo! Era só o que faltava! Cuspa tudo!

— Mas é tão boa...

— E o seu prato? O garfo?

— Estão com aquele homem... — E apontou de novo para Marcovaldo, que mantinha o garfo no ar, com um pedaço de miolo mordido espetado.

Ela se pôs a gritar:

— Ladrão! Ladrão! Os talheres!

Marcovaldo se levantou, olhou ainda por um momento a fritada deixada pela metade, aproximou-se da janela, pousou prato e garfo no parapeito, fixou a governanta com desdém e se afastou. Ouvia a marmita rolar pela calçada, o choro do menino, a batida da janela que foi fechada com maus modos. Inclinou-se para recolher a marmita e a tampa. Estavam um pouco amassadas; a tampa não fechava bem. Enfiou tudo no bolso e foi para o trabalho.

INVERNO

8

O BOSQUE NA RODOVIA

O frio tem mil formas e mil modos de se mover no mundo: no mar, corre como uma cavalaria; no campo, se lança como uma nuvem de gafanhotos; nas cidades, como lâmina de faca corta as ruas e penetra pelas fissuras das casas não aquecidas. Na casa de Marcovaldo, naquela noite, haviam terminado os últimos gravetos, e a família, toda encapotada, observava as brasas empalidecendo na estufa, e as nuvenzinhas saindo de suas bocas a cada respiração. Não diziam mais nada; as nuvenzinhas falavam por eles: a mulher as expelia longas como suspiros, os filhos, extasiados, sopravam-nas como bolas de sabão, e Marcovaldo disparava-as para cima como clarões de gênio que logo se desvanecem.

Afinal Marcovaldo se decidiu: “Vou buscar lenha; quem sabe encontro”. Pôs quatro ou cinco folhas de jornal entre a jaqueta e a camisa à guisa de couraça contra os golpes de vento, escondeu sob o capote um comprido serrote e assim saiu pela noite, acompanhado por longos olhares esperançosos dos familiares, emitindo um ruge-ruge de papel a cada passo, e o serrote de vez em quando lhe saindo pela gola.

Sair à procura de lenha na cidade: falar é fácil! Marcovaldo dirigiu-se logo para um trecho de jardim público que havia entre duas avenidas. Tudo estava deserto. Marcovaldo estudava as plantas nuas uma a uma pensando na família que o esperava tiritando...

O pequeno Michelino, tiritando, lia um livro de histórias, retira-

do na pequena biblioteca da escola. O livro falava de um menino, filho de um lenhador, que saía com o machado para cortar lenha no bosque. “Pronto, é este o lugar onde se deve ir”, disse Michelino, “no bosque! Lá é que tem lenha!” Nascido e crescido na cidade, jamais vira um bosque, nem de longe.

Dito e feito, combinou com os irmãos: um pegou um machado, outro um gancho, e o terceiro uma corda, despediram-se da mãe e saíram à procura de um bosque.

Andavam pela cidade iluminada por lâmpioes e só viam casas: de bosques, nem sombra. Encontravam algum raro transeunte, mas não se atreviam a perguntar-lhe onde havia um bosque. E assim chegaram ao ponto em que acabavam as casas da cidade e a rua se transformava numa rodovia.

Nas margens da rodovia, os meninos viram o bosque: uma densa vegetação de árvores estranhas cobria a vista da planície. Tinham os troncos finos, finos, retos ou oblíquos; e copas achata-das e amplas, com formas as mais estranhas e as mais estranhas cores, quando um carro passou e iluminou-as com os faróis. Ramos em forma de dentifrício, de rosto, de queijo, de mão, de navalha, de garrafa, de vaca, de pneu, constelados por folhagens de letras do alfabeto.

— Viva! — disse Michelino. — Isto é um bosque!

E os irmãos observavam encantados a lua despontar entre aquelas sombras estranhas:

— Como é bonito...

Michelino lembrou-lhes logo o objetivo pelo qual tinham ido até ali: a lenha. Assim, abateram uma arvorezinha em forma de flor de primula amarela, cortaram-na em pedaços e levaram-na para casa.

Marcovaldo voltava com sua magra carga de ramos úmidos, e encontrou a estufa acesa.

— Onde pegaram isso? — exclamou, apontando os restos do cartaz de publicidade que, sendo de madeira compensada, queimara muito rápido.

— No bosque! — responderam os meninos.

— Que bosque?

— O da rodovia. Está cheio disso!

Visto que era tão simples, e que já precisavam de mais lenha, valia a pena seguir o exemplo das crianças. Marcovaldo saiu de novo com seu serrote e foi para a rodovia.

O agente Astolfo da polícia rodoviária era meio míope e à noite, correndo de moto, teria de usar óculos; mas não dizia nada, com medo de prejudicar a carreira.

Naquela noite, fora denunciado o fato de que na rodovia um bando de moleques andava derrubando os cartazes de publicidade. O agente Astolfo saiu para inspecionar.

Nas margens da estrada, a selva de estranhas figuras admoestadoras e gesticuladoras acompanha Astolfo, que examina bem uma por uma, arregalando os olhos míopes. Eis que, com a luz do farol da moto, surpreende um moleque trepado num cartaz. Astolfo freia: “Ei! O que está fazendo aí? Pula fora rápido!”. O moleque nem se move e lhe mostra a língua. Astolfo se aproxima e vê que é a propaganda de um queijinho, com um garotão que lambe os lábios. “Ok, ok”, resmunga Astolfo, e parte em alta velocidade.

Depois de algum tempo, na sombra de um enorme cartaz, ilumina uma cara tristonha e assustada. “Alto lá! Não tente fugir!” Mas ninguém foge: é um rosto humano dolorido, pintado no meio de um pé cheio de calos: propaganda de um anticalos. “Oh, desculpe”, diz Astolfo, e vai embora.

O outdoor de um comprimido contra a cefaléia era uma cabeça gigantesca de homem, com as mãos nos olhos por causa da dor. Astolfo passa, e o farol ilumina Marcovaldo trepado em cima do cartaz, tentando cortar um pedaço com o serrote. Cegado pela luz, Marcovaldo se encolhe, se encolhe e permanece imóvel, agarrado numa orelha da cabeçorra, com o serrote que já atingiu o meio da testa.

Astolfo examina bem, diz: “Ah, sim: comprimidos Stappa! Um cartaz eficiente! Boa sacada! Aquele homenzinho lá em cima com o serrote significa a cefaléia que corta a cabeça em duas! Entendi logo!”. E vai embora satisfeito.

■ *INVERNO*

Tudo é silêncio e gelo. Marcovaldo dá um suspiro de alívio, se ajeita no cavalete incômodo e reinicia o trabalho. No céu iluminado pela lua se propaga o grasnido abafado do serrote contra a madeira.

AR PURO

— Seria bom que estes meninos — disse o médico da Previdência Social — respirassem um pouco de ar puro, numa certa altitude, corressem pelos campos...

Estava entre as camas do subsolo onde morava a pequena família, e pressionava o estetoscópio contra a coluna de Teresina, entre as omoplatas frágeis como as asas de um passarinho implume. As camas eram duas e as quatro crianças, todas doentes, punham as cabecinhas de fora nas cabeceiras e nos pés das camas, com as faces quentes e os olhos brilhantes.

— Nos campos como o canteiro da praça? — perguntou Michelino.

— Uma altura como a do arranha-céu? — perguntou Filippetto.

— Ar puro é bom de comer? — quis saber Pietruccio.

Marcovaldo, alto e esguio, e sua mulher Domitilla, baixa e atarracada, estavam cada um com um dos cotovelos apoiado nos dois lados de uma cômoda desconjuntada. Sem mover os cotovelos, ergueram o outro braço e o deixaram cair nos quadris reclamando:

— E aonde é que vamos, oito bocas, cheios de dívidas, o que acha que podemos fazer?

— O melhor lugar para onde podemos mandá-los — esclareceu Marcovaldo — é a rua.

— Ar puro não de respirar — concluiu Domitilla — quando formos despejados e tivermos de dormir ao relento.

Num sábado à tarde, assim que se restabeleceram, Marcovaldo pegou as crianças e levou-as para passear no alto de um morro. Moravam num bairro da cidade que era o mais distante dos morros. Para chegar às encostas andaram um bocado num bonde entupido de gente e os meninos só viam pernas de passageiros em volta deles. Pouco a pouco o bonde se esvaziou; nas janelas finalmente livres apareceu uma alameda que subia. Assim chegaram ao fim da linha e se puseram a caminho.

A primavera estava começando; as árvores floresciam sob um sol morno. As crianças olhavam ao redor um tanto desambientadas. Marcovaldo conduziu-as por uma ruazinha em forma de escada, que subia no meio do verde.

— Por que há uma escada sem casa em cima? — perguntou Michelino.

— Não é uma escada de casa: é feito uma rua.

— Uma rua... E os carros, como fazem com os degraus?

Ao redor havia muros de jardins com árvores.

— Paredes sem teto... Houve um bombardeio?

— São jardins... uma espécie de pátio... — explicava o pai. —

A casa fica dentro, atrás daquelas árvores.

Michelino sacudiu a cabeça, não muito convencido:

— Mas os pátios ficam dentro das casas, não fora.

Teresina perguntou:

— As árvores moram nestas casas?

À medida que subia, Marcovaldo tinha a sensação de eliminar o cheiro de mofo do depósito em que deslocava pacotes oito horas por dia e das manchas de umidade nas paredes de sua casa, e a poeira que caía, dourada, no cone de luz da janelinha, e o barulho de tosse durante a noite. Agora os filhos lhe pareciam menos amarelados e magros, já quase confundidos com aquela luz e aquele verde.

— Vocês estão gostando daqui, não?

— Sim.

— Por quê?

— Não há guardas. Podemos arrancar as plantas, atirar pedras.

— E respirar, vocês respiram?

— Não.

— Aqui o ar é bom.

Mastigaram:

— Conversa. Não tem gosto de nada.

Subiram até quase o pico do morro. Numa curva, a cidade surgiu, lá embaixo, ao fundo, esparramada sem contornos pela cinzenta teia de aranha das ruas. Os meninos rolavam pela grama como se não tivessem feito outra coisa a vida inteira. Soprou uma brisa; já anoitecia. Na cidade algumas luzes se acendiam num piscar confuso. Marcovaldo experimentou a mesma sensação de quando, jovem, chegara à cidade e se sentira atraído por aquelas ruas, por aquelas luzes como se esperasse sabe-se lá o quê. As andorinhas cortavam o céu sobre a cidade.

Então foi invadido pela tristeza de ter de voltar lá para baixo, e decifrou na paisagem incrustada a sombra de seu bairro: ele lhe pareceu uma charneca de chumbo, estagnada, recoberta pelas densas escamas dos telhados e pelas tiras de fumaça esvoaçando sobre as colunas das chaminés.

Esfriara um pouco: talvez fosse preciso chamar as crianças. Mas, ao vê-los balançando-se tranqüilos nos ramos mais baixos de uma árvore, expulsou aquele pensamento. Michelino aproximou-se e perguntou:

— Papai, por que não mudamos para cá?

— Ah, seu bobo, aqui não há casas, ninguém mora aqui! — falou Marcovaldo irritado, pois estava justamente sonhando poder viver lá em cima.

E Michelino:

— Ninguém? E aqueles homens? Olhe!

O céu ia ficando cinzento e dos prados lá embaixo vinha um grupo de homens, de várias idades, todos vestidos com uma pesada roupa cinza, fechada como um pijama, todos com boné e bastão. Vinham em grupos, alguns falando em voz alta ou rindo, es-

petando os bastões no capim ou arrastando-os pendurados no braço pelo cabo encurvado.

— Quem são? Aonde vão? — perguntou Michelino ao pai, porém Marcovaldo os observava quieto.

Um deles passou perto: era um grandalhão com cerca de quarenta anos.

— Boa noite! — disse. — Então, que novidade nos traz lá da cidade?

— Boa noite — respondeu Marcovaldo —, mas de que novidade está falando?

— Nada, é força de expressão — falou o homem, parando; tinha uma cara grande, branca, com uma única mancha rosa, ou vermelha, como uma sombra, bem em cima das bochechas. — Digo sempre o mesmo para os que vêm da cidade. Há três meses estou aqui em cima, imagine só.

— E não desce nunca?

— Bem, quando os médicos decidirem! — E deu uma risada curta. — E estes aqui! — E bateu com os dedos no peito, e deu a mesma risada curta, um pouco ofegante. — Já me deram alta duas vezes, mas basta voltar para a fábrica e, batata! começa tudo de novo. E me mandam para cá outra vez. Bom, ânimo!

— E eles também?... — perguntou Marcovaldo apontando para os outros homens que haviam se espalhado em torno, e ao mesmo tempo buscando com o olhar Filippetto, Teresa e Pietrucio, que perdera de vista.

— Todos companheiros de veraneio — falou o homem, e piscou o olho —, estamos no horário de passeio, antes do toque de recolher... Nós vamos cedo para a cama... Não podemos nos afastar dos limites, entende?...

— Que limites?

— Aqui ainda é terreno do sanatório, não sabia?

Marcovaldo agarrou a mão de Michelino, que ficara escutando meio intimidado. A noite ocupava as encostas; lá embaixo não se distinguia mais o bairro e ele não parecia ter sido engolido pela

sombra mas ter dilatado sua sombra por toda a parte. Era hora de voltar.

— Teresa! Filippetto! — chamou Marcovaldo e se pôs a procurá-los. — O senhor me desculpe — disse ao homem —, não estou vendo mais os outros meninos.

O homem levantou uma das sobranceiras.

— Lá estão — apontou —, colhem cerejas.

Num buraco, Marcovaldo viu uma cerejeira e em volta estavam os homens vestidos de cinza que, com seus bastões encurvados, aproximavam os ramos e colhiam os frutos. E Teresa e os dois meninos junto deles, felizes da vida, colhiam cerejas e apanhavam outras das mãos dos homens, rindo com eles.

— É tarde — disse Marcovaldo. — Está frio. Vamos para casa...

O homem grandalhão movia a ponta do bastão em direção às luzes que se acendiam lá no fundo.

— À noite — comentou —, com este bastão, faço meu passeio pela cidade. Escolho uma rua, uma fileira de lâmpões, e a acompanho, assim... Detenho-me nas vitrines, encontro as pessoas, cumprimento-as... Quando caminharem pela cidade, pensem nisso algumas vezes: meu bastão os acompanha...

As crianças retornavam coroadas de folhas, de mãos dadas com os internos.

— Como a gente se sente bem aqui, papai! — disse Teresa. — Voltaremos para brincar, não?

— Papai — animou-se Michelino —, por que nós também não podemos vir morar com estes senhores?

— É tarde! Despeçam-se dos senhores! Digam: obrigado pelas cerejas. Rápido! Vamos!

Tomaram o rumo de casa. Estavam cansados. Marcovaldo não respondia às perguntas. Filippetto quis ir no colo, Pietruccio nas costas, Teresa se fazia arrastar pelas mãos, e Michelino, o maior, ia na frente sozinho, chutando as pedras.



VERÃO

10

UMA VIAGEM COM AS VACAS

Os ruídos da cidade que nas noites de verão entram pelas janelas abertas dos quartos de quem não pode dormir por causa do calor, os verdadeiros ruídos da cidade noturna fazem-se ouvir quando numa certa hora o estrondo anônimo dos motores rareia e emudece, e do silêncio emergem, discretos, nítidos, graduados conforme a distância, um passo de notâmbulo, o rumor da bicicleta de um guarda-noturno, um vozerio abafado e distante, e um roncar dos andares superiores, o gemido de um doente, um velho pêndulo que a toda hora continua batendo as horas. Até que de madrugada começa a orquestra dos despertadores nas casas operárias, e nos trilhos passa um bonde.

E assim, certa noite, Marcovaldo, entre a mulher e as crianças que suavam no sono, estava de olhos cerrados escutando tudo o que daquela poeira de sons tênues ele filtrava das pedras da calçada pelas janelinhas até sua casa no subsolo. Ouvia o salto alegre e veloz de uma mulher atrasada, a sola gasta do catador de bitucas de cigarro em suas paradas irregulares, o assovio de quem se sente sozinho, e de vez em quando um acúmulo fragmentado de palavras de um diálogo entre amigos, permitindo adivinhar se falavam de esporte ou de dinheiro. Mas na noite quente tais ruídos perdiam qualquer relevância, se desfaziam como que abafados pelo calor sufocante que obstruía o vazio das ruas, e contudo pareciam querer impor-se, sancionar o próprio domínio sobre aquele reino

■ VERÃO

desabitado. Em cada presença humana Marcovaldo reconhecia tristemente um irmão, como ele prisioneiro, mesmo no período de férias, daquele forno de cimento cozido e poeirento, pelas dívidas, pelo peso da família, pelo salário baixo.

E, como se a idéia de férias impossíveis lhe tivesse de repente aberto as portas de um sonho, pareceu-lhe ouvir à distância um som de sinos e o latido de um cão, e também um breve mugido. Mas estava com os olhos abertos, não sonhava, e buscava, apurando o ouvido, encontrar ainda um ponto de apoio para aquelas vagas impressões, ou um desmentido; e de fato lhe chegava um barulho semelhante a centenas e centenas de passos, lentos, dispersos, surdos, que se aproximava e se sobrepunha a qualquer outro som, exceto justamente àquele dobre enferrujado.

Marcovaldo se levantou, vestiu a camisa e as calças.

— Aonde vai? — perguntou a mulher, que dormia com um olho só.

— Tem um rebanho de gado passando pela rua. Vou olhar.

— Eu também! Eu também! — gritaram os meninos, que sabiam acordar no momento certo.

Era um rebanho dos que atravessam a cidade à noite, no início do verão, dirigindo-se às montanhas para o pasto. Subindo a rua com os olhos ainda meio colados pelo sono, as crianças viram o rio dos dorsos cinzentos e malhados que invadia a calçada, e se esfregava contra as paredes cobertas de cartazes, as portas de correr, os postes sinalizando parada proibida, as bombas de gasolina. Avançando os cascos prudentes do meio-fio aos cruzamentos, os focinhos sem jamais um sobressalto de curiosidade encostados nos lombos daquelas que as precediam, as vacas traziam consigo seu cheiro de forragem e de flores do campo e de leite, e o som lânguido dos sinos, e a cidade parecia não tocá-las, já absortas como estavam em seu mundo de prados úmidos, névoas montanhesas e vaus de torrentes.

Ao contrário, impacientes, como se ansiosos por ultrapassar a cidade, surgiam os vaqueiros, que se desdobravam em corridas breves, inúteis ao lado da fila, erguendo os bastões e explodindo

em vozes aspiradas e entrecortadas. Os cães, para quem nada do que é humano é estranho, exibiam desenvoltura caminhando de focinho erguido, tocando o sino, atentos ao próprio trabalho, mas se percebia que também eles estavam inquietos e pouco à vontade, caso contrário teriam se distraído e começado a farejar cantos, faróis, manchas do calçamento, como é o primeiro pensamento de qualquer cão da cidade.

— Papai — disseram as crianças —, as vacas são como os bondes? Fazem paradas? Onde é o ponto final das vacas?

— Nada a ver com os bondes — explicou Marcovaldo. — Estão indo para as montanhas.

— Põem esquis? — perguntou Pietruccio.

— Vão para o pasto, comer capim.

— E não recebem multas se estragam a grama?

Quem não fazia perguntas era Michelino, que, mais velho que os outros, já tinha algumas idéias sobre vacas e agora só tratava de comprová-las, observando os chifres dóceis, os dorsos e as barbelas de diferentes tipos. E assim acompanhava o rebanho, trotando ao lado como os cães pastores.

Quando os últimos passaram, Marcovaldo pegou os meninos pela mão para voltar a dormir, mas não via Michelino. Desceu ao quarto, perguntou à mulher:

— Michelino já voltou?

— Michelino? Não estava com você?

“Começou a acompanhar o rebanho e quem sabe onde foi parar”, pensou, e voltou correndo para a rua. O rebanho já havia atravessado a praça e Marcovaldo teve de procurar a rua onde tinham virado. Mas parecia que naquela noite vários rebanhos estavam atravessando a cidade, cada um por ruas diferentes, cada um se dirigindo para o seu vale. Marcovaldo localizou e alcançou um rebanho, depois se deu conta de que não era o seu; numa travessa viu que quatro ruas mais adiante um outro rebanho seguia paralelamente e correu para aquele lado; lá os vaqueiros o advertiram de que haviam deparado com um outro que ia em sentido contrário.

Assim, até que o último som de chocalho se dissipou à luz do alvorecer, Marcovaldo continuou dando voltas inútilmente.

O comissário a quem se dirigiu para denunciar o desaparecimento do filho disse: “Atrás de um rebanho? Terá ido para a montanha, tirar umas férias, sorte dele. Fique calmo, ele voltará gordo e bronzeado”.

A opinião do comissário foi confirmada alguns dias depois por um empregado da firma onde Marcovaldo trabalhava, que regressava do primeiro turno de férias. Numa passagem da montanha encontrara o rapaz: trabalhava com o rebanho, mandava lembranças ao pai, estava bem.

No calorão poeirento da cidade, Marcovaldo pensava no filho afortunado, que agora certamente passava as horas à sombra de um abeto, assobiando com uma folha de capim na boca, observando as vacas que se moviam lerdas pelo prado, e escutando na sombra do vale um murmúrio de água.

A mãe, porém, não via a hora que ele retornasse:

— Voltará de trem? Voltará de ônibus? Já faz uma semana... Já faz um mês... Vem aí mau tempo... — E não tinha sossego, embora uma boca a menos à mesa, todos os dias, já fosse um alívio.

— Sorte dele, sombra e água fresca, e se enchendo de manteiga e queijo — dizia Marcovaldo, e, todas as vezes que do fundo de uma rua lhe aparecia, coberto apenas pelo calor do verão, o recorte branco e cinzento das montanhas, sentia-se como mergulhado num poço, sob cuja luz, lá no alto, parecia-lhe ver cintilar copas de bordos e castanheiros, e zumbir abelhas selvagens, e Michelino lá em cima, preguiçoso e feliz, entre o leite e o mel e as amoras nas sebes.

Mas também ele aguardava a volta do filho noite após noite, mesmo não pensando, como a mãe, nos horários do trem e dos ônibus: noite adentro, escutava os passos na rua como se a janelinha do quarto fosse a boca de uma concha, rica de muitos ecos, quando nela se encosta a orelha, repetindo os ruídos das montanhas.

Enfim, certa noite, sentando-se de repente na cama, não era uma ilusão, ouviu no calçamento aproximar-se aquele incon-

fundível tropel de cascos rachados, mesclado com o repicar dos sinos.

Correram para a rua, ele e toda a família. O rebanho retornava, lento e pesado. E no meio do gado, montado na garupa de uma vaca, as mãos firmes na coleira, a cabeça pulando a cada passo, meio adormecido, lá estava Michelino.

Tiraram-no lá de cima, abraçaram-no e beijaram-no. Ele estava meio atordoado.

— Como vai? Foi bom?

— Ah... sim...

— Sentiu saudades de casa?

— Sim...

— É bonita a montanha?

Estava em pé, na frente deles, com as sobranceiras franzidas, o olhar duro.

— Trabalhava como uma mula — disse, e cuspiu longe. Tinha ficado com cara de homem. — Todas as tardes mudar os baldes dos ordenhadores de um animal para outro, de um animal para outro, e depois esvaziá-los nos latões, rápido, cada vez mais rápido, até tardê. E, de manhã, bem cedo, rolar os latões até os caminhões que os transportam para a cidade... E contar, contar sempre: os animais, os latões, ai de quem errasse...

— E você deitava na grama? Quando os animais pastavam?...

— A gente nunca tinha tempo. Havia sempre o que fazer. Correr atrás do leite, da palha dos animais, do estrume. E tudo isso para quê? Com a desculpa de que eu não tinha contrato de trabalho, quanto me pagaram? Uma miséria. Mas, se estão pensando que agora vou dar tudo para vocês, desistam. Para casa, vamos dormir que estou morto de cansado.

Sacudiu os ombros, assoou o nariz e entrou em casa.

O rebanho continuava a se afastar na rua, levando consigo os mentirosos e lânguidos odores de feno e sons de sinos.



OUTONO

11

O COELHO VENENOSO

Quando chega o dia de sair do hospital, a gente fica sabendo desde cedo, e se já está em forma anda pelos corredores, treina o passo para quando estiver lá fora, assovia, faz pose de quem teve alta, não para ser invejado mas pelo prazer de usar um tom encorajador. Observa o sol fora das vidraças, ou a neblina se for o caso, ouve os ruídos da cidade: e tudo é diferente de antes, quando todas as manhãs a gente os percebia — luz e som de um mundo inatingível — ao acordar entre as barras daquela cama. Agora lá fora está de novo o seu mundo: quem teve alta o reconhece como natural e costumeiro; e, inesperadamente, redescobre o cheiro do hospital.

Certa manhã, Marcovaldo assim estava farejando em volta, de alta, aguardando que lhe fizessem umas anotações na caderneta da Previdência Social para ir embora. O médico pegou os papéis e lhe disse: “Espere aqui”, e deixou-o sozinho no laboratório. Marcovaldo olhava os móveis esmaltados brancos que tanto odiara, as provetas cheias de substâncias turvas, e tratava de animar-se com a idéia de que estava para deixar tudo aquilo, mas não conseguia sentir a alegria que seria de prever. Talvez fosse a idéia de voltar à firma para descarregar caixas, ou então as trapalhadas que seus filhos certamente teriam aprontado naquele ínterim, e mais que tudo a neblina que havia do lado de fora e que dava a idéia de sair no vazio, de desfazer-se num úmido nada. Assim, olhava em torno, com uma

necessidade indefinida de afeiçoar-se a alguma coisa lá de dentro, mas tudo o que via lhe dava a sensação de tortura ou de mal-estar.

Foi então que viu um coelho numa gaiola. Era um coelho branco, de pêlo comprido e macio, com um triângulo rosa por nariz, os olhos vermelhos arredondados, as orelhas quase peladas achatadas sobre o dorso. Não que fosse grande, mas naquela gaiola estreita o seu corpo oval encolhido fazia inchar a rede metálica e deixava de fora tufos de pêlos agitados por um leve tremor. Do lado de fora da gaiola, na mesa, havia restos de capim e uma cenoura. Marcovaldo pensou em como deveria estar infeliz, fechado naquele lugar apertado, vendo aquela cenoura e não podendo comê-la. E abriu-lhe a portinhola da prisão. O coelho não saiu: estava lá parado, só com um leve movimento do focinho como se fingisse mastigar para aparentar seriedade. Marcovaldo pegou a cenoura, aproximou-a dele, depois a retirou devagar, para convidá-lo a sair. O coelho seguiu-o, abocanhou circunspecto a cenoura e com cuidado começou a roê-la na mão de Marcovaldo. O homem acariciou-o no dorso, enquanto o apalpava para ver se era gordo. Sentiu-o meio ossudo, sob o pêlo. Por isso, e pelo modo como puxava a cenoura, se deduzia que não deviam dar-lhe muita comida. “Se fosse meu”, pensou Marcovaldo, “havia de entupi-lo até virar uma bola.” E o observava com olhos amorosos de criador que consegue fazer coexistir a bondade em relação ao animal e a previsão do assado no mesmo impulso do espírito. Eis que após dias e dias de miserável permanência no hospital, no momento de ir embora, descobria uma presença amiga, que bastaria para preencher suas horas e pensamentos. E devia abandoná-la, para retornar à cidade nevoenta, onde não se encontram coelhos.

A cenoura estava quase acabando, Marcovaldo pegou o animal no colo e procurou em volta alguma coisa para lhe dar. Aproximou o focinho dele a um vaso de gerânio que estava sobre a escrivaninha do médico, mas o animal deu a entender que não lhe agradava. Justamente naquele momento Marcovaldo ouviu os passos do médico que entrava: como explicar-lhe por que estava com o coelho no colo? Tinha vestido o casaco de trabalho, fechado até

a cintura. Rápido, enfiou o coelho dentro dele, e, para que o doutor não visse aquele inchaço sobressaindo no estômago, fez com que o coelho passasse para trás, para as costas. O coelho, assustado, ficou quieto. Marcovaldo pegou os papéis e recolocou o animal no peito, pois tinha de virar-se e sair. Assim, com o coelho escondido no casaco, deixou o hospital e foi para o trabalho.

— Ah, melhorou afinal? — disse o chefe, sr. Viligelmo, vendo-o chegar. — E o que foi que cresceu aí? — E lhe indicou o peito saliente.

— É um emplastro quente contra as câibras — respondeu Marcovaldo.

Nisso o coelho deu uma escorregadela, e Marcovaldo pulou como um epilético.

— O que está acontecendo? — perguntou Viligelmo.

— Nada, soluço — respondeu ele, e com uma das mãos empurrou o coelho para trás.

— Você ainda está meio ruim, dá para ver — comentou o chefe.

O coelho tentava subir-lhe pelas costas e Marcovaldo sacudia os ombros para fazê-lo descer.

— Você está com calafrios. Fique em casa mais um dia. Amanhã trate de estar bom.

Marcovaldo chegou em casa segurando o coelho pelas orelhas como um caçador bem-sucedido.

— Papai! Papai! — Foi aclamado pelos filhos que corriam ao encontro dele. — Onde o pegou? Dá para nós? É um presente para nós? — E queriam logo agarrá-lo.

— Voltou? — disse a mulher e, pelo olhar que lhe dirigiu, Marcovaldo entendeu que o período de internação só servira para fazê-la acumular novos motivos de ressentimento contra ele. — Um animal vivo? E o que pretende fazer? Suja tudo.

Marcovaldo desocupou a mesa e pôs no meio dela o coelho, que se encolheu como que tentando sumir.

— Ai de quem tocar nele! — ameaçou. — É o nosso coelho, e engordará tranqüilo até o Natal.

— Mas é um coelho ou uma coelha? — perguntou Michelino.

Marcovaldo não pensara na possibilidade de que fosse uma coelha. Logo lhe veio à mente um novo plano: se fosse uma fêmea, poderia emprenhar e eles fariam uma criação de coelhinhos. E na sua fantasia as paredes úmidas da casa já desapareciam e surgia uma fazenda verde entre os campos.

Todavia, não passava de um macho. Mas a idéia da criação já entrara na cabeça de Marcovaldo. Era um macho, porém um macho belíssimo, para quem se poderia conseguir uma esposa e os meios para constituir uma família.

— E o que vamos lhe dar de comer, se não há nem para nós? — perguntou a mulher, cortante.

— Deixe por minha conta — disse Marcovaldo.

No dia seguinte, na firma, tirou uma folha de cada uma de certas plantas verdes postas em vasos nos escritórios da direção, as quais ele devia levar para fora todas as manhãs, regar e trazer de volta: largas folhas brilhantes de um lado e opacas do outro; e enfiou-as no casaco. Depois, perguntou a uma funcionária que vinha com um maço de flores: “Presente do namorado? E não me dá nem uma?”, e embolsou também aquela. A um rapaz que descascava uma pêra, disse: “Deixe as cascas comigo”. E assim, uma folha aqui, uma casca ali, uma pétala mais adiante, esperava saciar a fome do animalzinho.

Em dado momento, o sr. Viligelmo mandou chamá-lo. “Terão percebido as plantas peladas?”, interrogou-se Marcovaldo, habituado a sentir-se culpado sempre.

Na sala do chefe, encontrava-se o médico do hospital, dois funcionários da Cruz Vermelha e um guarda-civil. “Ouça”, disse o médico, “um coelho desapareceu do meu laboratório. Se souber algo sobre isso, convém não bancar o esperto. Porque lhe injetamos os germes de uma doença terrível e ele pode espalhá-la por toda a cidade. Não pergunto se o comeu, pois a esta hora já não estaria entre os vivos.”

Do lado de fora uma ambulância esperava; subiram correndo, e com a sirene ligada a todo volume percorreram ruas e avenidas

até a casa de Marcovaldo: e pelo caminho ficou um rastro de folhas, cascas e flores que Marcovaldo jogava tristemente pela janela.

Naquela manhã a mulher de Marcovaldo não sabia o que colocar na panela. Olhou o coelho que o marido levara para casa um dia antes e que agora estava numa gaiola improvisada, cheia de aparas de papel. “Veio mesmo a calhar”, disse consigo mesma. “Dinheiro não temos; o salário já se foi com remédios extras que a Previdência Social não paga; os armazéns já nos cortaram o crédito. Nada de fazer criação, ou de esperar o Natal para colocá-lo no forno! Estamos pulando refeições e ainda temos de engordar um coelho!”

— Isolina — disse à filha —, você já está crescida, tem de aprender como se cozinha um coelho. Comece matando-o e tirando-lhe a pele e depois lhe explico como deve fazer.

Isolina estava lendo uma revista feminina de histórias de amor.

— Não — resmungou —, comece você matando-o e tirando-lhe a pele, e depois eu vejo como se cozinha.

— Esperta! — disse a mãe. — Não tenho coragem de matá-lo. Mas sei que é uma coisa à-toa, é só pendurá-lo pelas orelhas e dar uma pancada forte na nuca. Quanto a tirar a pele, depois veremos.

— Não vamos ver nada — disse a filha sem levantar o nariz da revista —, não vou dar pancada nenhuma na nuca de um coelho vivo. E nem me passa pela cabeça tirar a pele dele.

Os três meninos tinham ouvido este diálogo de olhos arregalados.

A mãe ficou preocupada por um momento, observou-os, depois disse:

— Meninos...

Os meninos, como se tivessem combinado, viraram as costas para a mãe e saíram do cômodo.

— Esperem, meninos! — disse a mãe. — Queria perguntar-lhes se não gostariam de sair com o coelho. Vamos pôr uma bela fita no pescoço dele e vocês vão passear.

Os meninos pararam e trocaram olhares.

— Passear onde? — perguntou Michelino.

— Bem, podem dar uma voltinha. Depois vão à casa da dona Diomira, levem o coelho e perguntem se ela pode, por favor, matá-lo e tirar a pele, ela que é tão boa.

A mãe tocara na tecla certa: os meninos, é sabido, ficam impressionados com aquilo que mais lhes agrada, e preferem não pensar no resto. Assim acharam uma fita lilás comprida, amarraram-na ao redor do pescoço do animalzinho e a utilizaram como coleira, puxando-o e arrastando atrás deles o coelho relutante e meio estrangulado.

— Digam à dona Diomira — recomendou a mãe — que depois pode ficar com uma coxa! Não, melhor oferecer a cabeça. Enfim, ela é quem decide.

Os meninos tinham acabado de sair quando a casa de Marcovaldo foi cercada e invadida por enfermeiros, médicos, guardas e policiais. Marcovaldo estava no meio deles, mais morto que vivo.

— Está aqui o coelho que foi retirado do hospital? Rápido, mostre-nos onde está sem tocá-lo: é portador de uma doença tremenda!

Marcovaldo levou-os até a gaiola, mas estava vazia.

— Já comeram?

— Não, não!

— E onde anda?

— Na casa da dona Diomira!

E os perseguidores retomaram a caçada. Bateram à porta da dona Diomira.

— O coelho? Que coelho? Enlouqueceram? — Ao ver a casa invadida por desconhecidos, de avental branco e fardados, procurando um coelho, a velhinha quase teve um ataque. Não sabia nada do coelho de Marcovaldo.

De fato, os três meninos, querendo salvar o coelho da morte, pensaram em levá-lo para um lugar seguro, brincar um pouco e depois deixá-lo ir embora; e, em vez de parar no andar da dona

Diomira, decidiram subir em um terraço que havia nos telhados. Diriam à mãe que ele arrancara a coleira e fugira. Mas nenhum animal parecia tão pouco afeito a uma fuga quanto aquele coelho. Obrigá-lo a subir todas aquelas escadas era um problema: se encolhia assustado em cada degrau. Acabaram por pegá-lo no colo e levá-lo para cima à força.

No terraço, queriam fazê-lo correr: não corria. Experimentaram pô-lo numa cornija para ver se andava como os gatos, mas parecia sofrer de vertigens. Tentaram içá-lo até uma antena de televisão para ver se sabia se equilibrar: não, caía. Chateados, os meninos arrancaram-lhe a coleira, deixaram o bicho livre num ponto em que se lhe abriam pela frente os caminhos dos telhados, mar oblíquo e anguloso, e foram embora.

Quando ficou sozinho, o coelho começou a se mexer. Ensaaiou alguns passos, olhou ao redor, mudou de rumo, virou-se, depois com pequenos impulsos, dando pulinhos, pôs-se a andar pelos telhados. Era um animal que nascera prisioneiro: seu desejo de liberdade não tinha grandes horizontes. Não conhecia outro bem da vida além de poder ficar algum tempo sem medo. Eis que agora podia mover-se, sem nada em volta que lhe provocasse medo, talvez como nunca antes em sua vida. O lugar era insólito, mas jamais pudera construir uma clara idéia do que fosse ou não habitual. E, desde quando sentia roer dentro de si um mal indistinto e misterioso, o mundo inteiro lhe interessava cada vez menos. Assim caminhava pelos telhados; e os gatos que o viam pular não entendiam bem quem era e recuavam temerosos.

Entretanto, o itinerário do coelho não passara despercebido das águas-furtadas, das clarabóias, dos mirantes. E houve quem começasse a expor pratinhos de alface nos parapeitos vigiando por trás das cortinas, quem pusesse um talo de pêra nas telhas e amarrasse ao redor um pedaço de barbante, quem espalhasse uma fileira de pedacinhos de cenoura na cornija, conduzindo até a própria água-furtada. E uma palavra de ordem corria em todas as famílias que moravam no último andar: “Hoje, coelho ensopado”, ou “Fricassê de coelho”, ou “Coelho assado”.

O animal se dera conta daquelas maquinações, daquelas silenciosas ofertas de alimento. E, embora tivesse fome, desconfiava. Sabia que, todas as vezes que os homens tentavam atraí-lo oferecendo-lhe comida, acontecia algo obscuro e doloroso: ou cravavam-lhe uma seringa na carne, ou um bisturi, ou escondiam-no à força num casaco abotoado, ou arrastavam-no com uma fita no pescoço... E a lembrança de tais desgraças se unia ao mal que sentia por dentro, com a alteração lenta de órgãos que captava, com o pressentimento da morte. E com a fome. Mas como se soubesse que de todos esses dissabores só a fome poderia ser aliviada, e reconhecesse que aqueles pérfidos seres humanos lhe podiam dar — além de sofrimentos cruéis — um senso — do qual necessitava — de proteção, de calor doméstico, decidiu render-se, prestar-se ao jogo dos homens: não importava como tudo terminaria. Assim, começou a comer os pedacinhos de cenoura, seguindo a pista que, bem sabia, tornaria a fazê-lo prisioneiro e mártir, mas voltando a provar quem sabe pela última vez o bom sabor terrestre das hortaliças. Eis que ele se aproximava da janela da água-furtada, e mãos se estenderiam para agarrá-lo: de repente, pelo contrário, a janela se fechou e deixou-o de fora. Este era um fato estranho à sua experiência: uma armadilha que se recusava a disparar. O coelho virou-se, procurou outros sinais de insídia por perto, para escolher a qual delas lhe convinha render-se. Mas ao redor as folhas de alface eram retiradas, os barbantes jogados fora, as pessoas debruçadas nas janelas desapareciam, travavam janelas e clarabóias, as sacadas se esvaziavam.

Acontece que uma perua da polícia tinha atravessado a cidade, gritando por um alto-falante: “Atenção atenção! Perdeu-se um coelho branco de pêlo comprido, atacado por uma doença contagiosa grave! Quem o encontrar, esteja avisado de que sua carne é venenosa e basta um contato para transmitir germes nocivos! Quem o avistar, comunique à delegacia, hospital ou quartel de bombeiros mais próximo!”.

O terror se espalhou pelos telhados. Todos ficaram de guarda e, assim que avistavam o coelho passando, com um salto leve, de

um telhado para outro, davam o alarme e todos desapareciam como se uma nuvem de gafanhotos se aproximasse. O coelho ia adiante equilibrando-se pelas cimalthas; este senso de solidão, justamente no momento em que descobrira a necessidade da presença do homem, parecia-lhe ainda mais ameaçador, intolerável.

Entretanto, o comendador Ulrico, velho caçador, carregara seu fuzil com cartuchos para lebre e tomara posição numa sacada, atrás de uma chaminé. Quando viu a sombra branca do coelho aflorar na neblina, disparou; mas tamanha era sua emoção ao pensar nos malefícios do animal, que a roseta dos grãos saraivou meio longe, sobre as telhas. O coelho ouviu o tiro ricochetear em volta, e um chumbinho atravessou-lhe uma orelha. Entendeu: era uma declaração de guerra; agora qualquer relação com os homens fora rompida. E, em sinal de desprezo em relação a eles, àquilo que de algum modo sentia como uma surda ingratidão, decidiu acabar com a vida.

Um telhado coberto de chapas descia obliquamente, e terminava no vazio, no nada opaco da neblina. O coelho se apoiou nele com as quatro patas, cauteloso a princípio, depois se abandonando. E assim escorregando, devorado e cercado pelo mal, rumava para a morte. No beiral, a calha o reteve um momento, em seguida ele caiu...

E terminou entre as mãos enluvadas de um bombeiro, içado ao topo de uma escada portátil. Impedido até mesmo daquele gesto extremo de dignidade animal, o coelho foi carregado para uma ambulância que partiu em alta velocidade em direção ao hospital. Nela estavam também Marcovaldo, a mulher e os filhos, internados para observação e uma série de experiências com vacinas.



INVERNO

12

O PONTO ERRADO

Para quem sente aversão pela casa inóspita, o refúgio preferido nas noites frias é sempre o cinema. A paixão de Marcovaldo eram os filmes coloridos, na tela grande que permite abranger os mais vastos horizontes: pradarias, montanhas rochosas, florestas equatoriais, ilhas onde se vive coroadado de flores. Via o filme duas vezes, só saía quando o cinema fechava; e em pensamento continuava a viver naquelas paisagens e a respirar aquelas cores. Mas voltar para casa na noite chuvosa, esperar no ponto o bonde número 30, constatar que sua vida não havia de conhecer outro cenário além de bondes, semáforos, subsolos, fogareiros a gás, roupa estendida, armazéns e departamentos de embalagem, tudo isso anulava o esplendor do filme numa tristeza desbotada e cinzenta.

Naquela noite, o filme que tinha visto se passava nas florestas da Índia: do bosque pantanoso se erguiam nuvens de vapor, e as serpentes subiam pelas lianas e se dependuravam nas estátuas de antigos templos engolidos pela selva.

Na saída do cinema, abriu os olhos na rua, tornou a fechá-los, a reabri-los: não via nada. Absolutamente nada. Nem um palmo adiante do nariz. Durante as horas em que estivera lá dentro, a neblina tinha invadido a cidade, uma neblina espessa, opaca, que envolvia as coisas e os ruídos, achatava as distâncias num espaço sem dimensões, misturava as luzes dentro do escuro, transformando-as em brilhos sem forma nem lugar.

Marcovaldo dirigiu-se maquinalmente ao ponto do 30 e bateu o nariz no poste do ponto. Naquele momento, se deu conta de ser feliz: a neblina, cancelando o mundo ao redor, lhe permitia conservar nos olhos as visões da tela panorâmica. Também o frio era abafado, como se a cidade tivesse vestido uma nuvem semelhante a um cobertor. Marcovaldo, agasalhado com seu capotão, se sentia protegido de toda sensação externa, jogado no vazio, e podia colorir esse vazio com as imagens da Índia, do Ganges, da selva, de Calcutá.

Chegou o bonde, evanescente como um fantasma, tocando a campainha lentamente; as coisas existiam apenas aquele pouco que basta; para Marcovaldo, estar naquela noite no fundo do bonde, de costas para os demais passageiros, olhando a noite vazia fora dos vidros, atravessada só por indistintas presenças luminosas e por algumas sombras mais negras que a escuridão, era a situação perfeita para sonhar de olhos abertos, para projetar diante de si um filme ininterrupto numa tela sem limites.

Com a imaginação livre, perdera a conta das paradas; de repente se perguntou onde estava; viu o bonde quase vazio; perscrutou fora dos vidros, interpretou os clarões que a floravam, decidiu que seu ponto era o próximo, correu até a saída em cima da hora, desceu. Olhou ao redor buscando alguma referência. Mas o pouco de sombras e luzes que seus olhos conseguiam reunir não compunha nenhuma imagem conhecida. Errara o ponto e não sabia onde estava.

Se encontrasse um transeunte, ele lhe indicaria o caminho facilmente; mas, como o lugar era solitário, por causa da hora, do tempo fechado, não se via a sombra de ninguém. Finalmente viu uma sombra, e esperou que se aproximasse. Não: se afastava, talvez estivesse atravessando, ou caminhasse no meio da rua, quem sabe não era um pedestre mas um ciclista, numa bicicleta sem luzes.

Marcovaldo gritou:

— Por favor! Por favor, meu senhor! Sabe onde fica a rua Pancrazio Pancrazietti?

A figura ia se afastando, quase não se via mais. Disse:

— Do lado de lááá... — Mas não se sabia que direção indicava.

— Lado direito ou esquerdo? — gritou Marcovaldo, mas não sabia se falava com o vazio.

Chegou uma resposta, ou um fiapo de resposta: um "... eito!" que podia ser também "...erdo!". De qualquer modo, dado que um não via como o outro estava posicionado, direita ou esquerda não significavam nada.

Marcovaldo andava agora na direção de uma claridade que parecia vir da outra calçada, um pouco mais adiante. Contudo, a distância era muito maior: era preciso atravessar uma espécie de praça, com uma ilha arborizada no meio, e as flechas (único sinal inteligível) da mão obrigatória para os carros. Era tarde, mas decerto ainda havia alguns bares abertos, alguns restaurantes; o sinal luminoso que começava a decifrar dizia: Bar... E se apagou; sobre o que devia ser um vidro iluminado caiu uma lâmina de escuridão, como uma porta de correr. O bar estava fechando, e ficava — pareceu-lhe entender naquele momento — muito distante.

Dava no mesmo dirigir-se para outra luz: Marcovaldo, caminhando, não sabia se andava em linha reta, se o ponto luminoso para o qual se dirigia era sempre o mesmo ou se se desdobrava, triplicava ou ia mudando de lugar. O chuvisco de um negrume meio leitoso dentro do qual se movia era tão miudinho que já o sentia infiltrar-se pelo casaco, entre os fios do tecido, como numa peneira, encharcando-o feito esponja.

A luz aonde chegou era a porta enfumaçada de uma taberna. Dentro havia gente sentada e de pé, no balcão, porém, fosse pela iluminação precária, fosse pela neblina que penetrava por todos os lados, também ali as figuras pareciam fora de foco, exatamente como em certas tabernas que se vêem no cinema, situadas em tempos antigos ou em países distantes.

"Estava procurando... se alguém sabe... Rua Pancrazietti...", começou a dizer, mas no local havia barulho, bêbados que riam pensando que ele também estivesse bêbado e as perguntas que conseguiu fazer, as explicações que conseguiu obter, eram igualmente nebulosas e desfocadas. Tanto mais que, para aquecer-se,

pediu — ou melhor: deixou-se levar por aqueles que estavam no balcão — um quarto de vinho, de início, e depois mais meio litro, e ainda alguns copos que, com grandes tapas nas costas, lhe foram oferecidos pelos outros. Enfim, quando foi embora, suas idéias a caminho de casa não estavam mais claras que antes, porém, em compensação, mais que nunca a neblina podia conter todos os continentes e as cores.

Com o calor do vinho no corpo, Marcovaldo andou bem uns quinze minutos, em passos que sentiam continuamente a necessidade de alargar-se à esquerda e à direita para dar-se conta da amplitude da calçada (se é que ainda acompanhava uma calçada) e mãos que sentiam a necessidade de tatear continuamente as paredes (se é que ainda acompanhava uma parede). Ao caminhar, diminuía a neblina nas idéias; mas a de fora permanecia densa. Lembrava que na taberna lhe tinham dito que pegasse uma determinada rua, seguisse por ela uns cem metros e voltasse a perguntar. Mas agora não sabia quanto tinha se afastado da taberna, ou se não estivera apenas dando voltas pelo quarteirão.

Os lugares pareciam desabitados, entre muros de tijolos como interiores de fábricas. Numa esquina, certamente havia uma placa com o nome da rua, mas a luz do lampião, suspenso na metade do passeio, não chegava até em cima. Para se aproximar da inscrição, Marcovaldo trepou num poste baixo que indicava estacionamento proibido. Subiu até encostar o nariz na tabuleta, mas a inscrição estava apagada e ele não tinha fósforos para iluminá-la melhor. Acima da placa, o muro culminava numa borda plana e larga, e, com a ajuda do sinal de estacionamento proibido, Marcovaldo conseguiu içar-se até lá em cima. Tinha entrevisto, fincado acima da borda do muro, um grande cartaz esbranquiçado. Deu alguns passos pela borda do muro, até o cartaz; aqui o lampião clareava as letras negras contra o fundo branco, mas a inscrição “É rigorosamente proibida a entrada de pessoas não autorizadas” não servia para lhe iluminar nenhuma idéia.

A borda do muro era suficientemente larga para ele poder se equilibrar em cima dela e caminhar; ou melhor, pensando bem, era

melhor que a calçada, porque os lampiões estavam na altura exata para iluminar os passos, deixando um rastro claro no meio da escuridão. Num determinado ponto o muro terminava e Marcovaldo viu-se contra o capitel de uma pilastra; não, fazia um ângulo reto e continuava...

Assim, entre esquinas, reentrâncias, bifurcações, pilastras, o percurso de Marcovaldo seguia um desenho irregular; diversas vezes ele pensava que o muro tinha acabado e depois descobria que continuava noutra direção; entre tantas vira-voltas não sabia mais em que sentido estava virado, ou seja, de que lado deveria ter pulado, querendo descer novamente para a rua. Pular... E se o desnível tivesse aumentado? Acocorou-se no alto de uma pilastra, tentou perscrutar embaixo, de um lado e de outro, mas nenhum raio de luz chegava até o chão: podia se tratar tanto de um pulinho de dois metros quanto de um abismo. Só lhe restava continuar lá em cima.

A saída não tardou a aparecer. Era uma superfície plana, esbranquiçada, contígua ao muro: talvez o telhado de um edifício, de cimento — como Marcovaldo percebeu começando a andar —, que se prolongava no escuro. Logo se arrependeu de ter ido tão longe: agora perdera todas as referências, se distanciara da fileira de lampiões, e cada passo que dava podia levá-lo até a borda do telhado, ou mais adiante, no vazio.

O vazio era realmente um precipício. De baixo transluziam pequenos focos, como a uma grande distância, e se lá embaixo brilhavam os lampiões, o chão devia ser muito mais embaixo ainda. Marcovaldo se encontrava suspenso num espaço impossível de imaginar: no alto, intermitentes, apareciam luzes verdes e vermelhas, dispostas em formas irregulares como constelações. Perscrutando aquelas luzes com o nariz apontando para cima, não tardou a dar um passo no vazio e nele precipitar-se.

“Morri!”, pensou, mas no mesmo instante se viu sentado num terreno mole; suas mãos tateavam capim; caíra no meio de um gramado, incólume. As luzes baixas, que lhe haviam parecido tão distantes, eram inumeráveis lâmpadas enfileiradas no nível do chão.

Um lugar insólito para pôr luzes, todavia cômodo, pois lhe traçavam um caminho. Seus pés já não pisavam o capim mas o asfalto: no meio dos gramados passava uma grande avenida asfaltada, iluminada por aqueles raios luminosos no chão. Ao redor, nada: somente os altíssimos lampejos coloridos, que apareciam e desapareciam.

“Um caminho asfaltado levará para algum lugar”, pensou Marcovaldo, e foi adiante. Chegou a uma bifurcação, ou melhor, a um cruzamento, sendo cada ramal flanqueado por aquelas pequenas lâmpadas baixas, e com enormes cifras brancas assinaladas no chão.

Desanimou. Que importava escolher para que lado ir se ao redor só havia aquela planície achatada e neblina vazia? Foi nesse momento que viu, na altura de um homem, um movimento de raios de luz. Um homem, de fato um homem com os braços abertos, vestido — parecia — com um macacão amarelo, agitava duas plaquetas luminosas como aquelas dos chefes de estação.

Marcovaldo correu na direção do homem e mesmo antes de alcançá-lo começou a dizer, todo afobado:

— Ei, senhor, me diga, eu aqui, perdido nessa neblina, como se faz, ouça...

— Não se preocupe — respondeu tranqüila e cortês a voz do homem de amarelo —, acima de mil metros não há neblina, suba tranqüilo, a escadinha está logo ali, os outros já subiram.

Era um discurso obscuro, mas encorajador: mais que tudo, Marcovaldo gostou de saber que a pouca distância havia outras pessoas; avançou para juntar-se a elas sem fazer outras perguntas.

A escadinha misteriosamente prenunciada era mesmo uma pequena escada de cômodos degraus flanqueados por dois para-peitos, luzindo branca no escuro. Marcovaldo subiu. No umbral de uma portinhola, uma jovem cumprimentou-o com tanta gentileza que parecia impossível que estivesse mesmo se dirigindo a ele.

Marcovaldo desdobrou-se em reverências: “Meus respeitos, senhorita! Desejo-lhe tudo de bom!”. Encharcado de frio e umidade

como estava não lhe parecia verdade encontrar refúgio debaixo de um teto...

Entrou, piscou os olhos ofuscado pelas luzes. Não estava numa casa. Que lugar era aquele? Um ônibus, chegou a pensar, um ônibus comprido com muitos lugares vazios. Sentou-se; em geral, ao voltar para casa não pegava o ônibus mas o bonde, pois o bilhete custava um pouco menos, mas desta vez tinha se perdido numa região tão distante que certamente não havia escolha. Que sorte ter chegado a tempo para essa que devia ser a última corrida! E que poltronas macias, acolhedoras! Marcovaldo, agora que sabia, passaria a tomar sempre o ônibus, mesmo que os passageiros desvessem se submeter a algumas imposições (“...É favor”, dizia um altofalante, “não fumar e apertar os cintos...”), mesmo que o barulho do motor se preparando para partir fosse um tanto exagerado.

Uma pessoa de uniforme passava entre os assentos.

— Desculpe, senhor bilheteiro — disse Marcovaldo —, sabe se há um ponto para os lados da rua Pancrazio Pancrazietti?

— O que disse, senhor? A primeira escala é Bombaim, depois Calcutá e Cingapura.

Marcovaldo olhou em volta. Nos outros lugares estavam sentados indianos impassíveis de barba e turbante. Havia também algumas mulheres, envoltas em saris bordados e com uma bolinha pintada na testa. Nas janelinhas, a noite surgia cheia de estrelas, agora que o avião, superado o denso manto de neblina, voava no céu límpido das grandes alturas.



ONDE O RIO É MAIS AZUL

Era uma época em que os alimentos mais simples encerravam ameaças, armadilhas e fraudes. Não passava um dia sem que um jornal falasse de espantosas descobertas nas compras do mercado: o queijo era feito de matéria plástica, a manteiga com velas de estearina, na fruta e na verdura o arsênico dos inseticidas estava concentrado em porcentagens mais fortes do que as vitaminas, para engordar os frangos enchiam-nos com certas pílulas sintéticas que podiam transformar em frango quem comesse uma coxa deles. O peixe fresco havia sido pescado o ano passado na Islândia e seus olhos eram maquiados para que parecesse de ontem. De algumas garrafas de leite saíra um rato, não se sabia se vivo ou morto. Das de óleo não escorria o sumo dourado da azeitona, mas gordura de mulas velhas, destilada de propósito.

No trabalho ou no café, Marcovaldo ouvia contarem essas coisas e todas as vezes sentia como o coice de uma mula no estômago, ou a corrida de um rato pelo esôfago. Em casa, quando sua mulher Domitilla voltava das compras, a visão da cesta que antes lhe dava tanto prazer, com os aipos, as berinjelas, o papel áspero e poroso dos pacotes do quitandeiro e do salsicheiro, agora lhe provocava medo como se houvesse infiltração de presenças inimigas entre as paredes da casa.

“Todos os meus esforços devem ser dirigidos”, comprometeu-se, “para prover a família de alimentos que não tenham passado

pelas mãos desleais de especuladores.” De manhã, a caminho do trabalho, às vezes encontrava homens com vara de pesca e botas de borracha dirigindo-se para a beira do rio. “Eis a solução”, Marcovaldo disse consigo mesmo. Mas o rio ali na cidade, que recebia restos, lixo e esgotos, inspirava-lhe profunda repugnância. “Tenho de procurar um lugar”, continuou, “onde a água seja realmente água e os peixes realmente peixes. Ali vou jogar minha linha.”

Os dias começavam a ficar mais longos: com sua bicicleta motorizada, depois do trabalho Marcovaldo se lançava na exploração do rio em seu curso a montante, fora da cidade, e dos córregos que para ele afluíam. Interessavam-lhe sobretudo os trechos em que a água corria mais distante da estrada asfaltada. Tomava os atalhos, entre os grupos de salgueiros, na bicicleta motorizada enquanto agüentava, depois — encostando-a numa moita — a pé, até chegar ao curso de água. Certa vez se perdeu: andava e andava por margens íngremes e cheias de arbustos, e não achava nenhum atalho, nem sabia mais para que lado ficava o rio: de repente, deslocando alguns ramos, viu, poucos metros abaixo, a água silenciosa — era um alargamento do rio, quase uma bacia pequena e calma —, com um tom azul que lembrava um laguinho de montanha.

A emoção não o impediu de averiguar embaixo entre as sutis encrespações da corrente. E, pronto, a sua obstinação fora premiada! uma pulsação, o deslizar inconfundível de uma barbatana aflorando na superfície, e depois outro, e outro ainda, uma felicidade a ponto de não acreditar nos próprios olhos: aquele era o local de reunião dos peixes do rio inteiro, o paraíso dos pescadores, talvez ainda desconhecido de todos exceto dele. Retornando (já escurecia), deteve-se para deixar marcas na casca dos ulmeiros e para amontoar pedras em certos pontos, a fim de poder reencontrar o caminho.

Agora só lhe faltava equipar-se. Para dizer a verdade, já pensara nisso: entre os vizinhos e o pessoal da firma já identificara uma dezena de apaixonados pela pesca. Com meias palavras e alusões, prometendo informações a cada um, assim que estivesse bem cer-

to, de um lugar cheio de tencas que só ele conhecia, conseguiu emprestado um pouco de uns, um pouco de outros um arsenal de pescador, o mais completo nunca antes visto.

A essa altura não lhe faltava nada: vara linha anzóis isca rede botas cesta, uma bela manhã, duas horas livres — das seis às oito — antes de ir trabalhar, o rio com as tencas... Podia deixar de apanhá-las? De fato: bastava jogar a linha e as apanhava; as tencas abocanhavam sem desconfiar de nada. Visto que era tão fácil com a linha, experimentou com a rede: eram criaturas tão bem-dispostas que pulavam de cabeça para baixo na rede.

Quando teve de ir embora, sua cesta já estava cheia. Procurou um caminho, subindo ao longo do rio.

— Você aí! — Numa curva da margem, entre os álamos, estava parado um tipo com boné de guarda, que o olhava de cara feia.

— Eu? Qual é o problema? — retrucou Marcovaldo, pressentindo uma ameaça desconhecida contra suas tencas.

— Onde é que pegou esses peixes aí? — disse o guarda.

— Hã? Por quê? — E Marcovaldo já sentia o coração na garganta.

— Se os apanhou lá embaixo, jogue fora rápido: não viu a fábrica aqui em cima? — E indicava exatamente uma construção comprida e baixa que agora, superada a curva do rio, se avistava, além dos salgueiros, e que deitava fumaça no ar, e na água uma nuvem densa de uma cor incrível entre turquesa e violeta. — Pelo menos a água, terá notado de que cor é! Fábrica de tintas: o rio está envenenado por causa daquele azul, e os peixes também. Jogue fora rápido, senão apreendo tudo!

Marcovaldo agora queria atirá-los longe o mais depressa possível, livrar-se deles, como se só o cheiro bastasse para envenená-lo. Mas não queria fazer má figura na frente do guarda.

— E se os tivesse pescado mais acima?

— Aí já seria outra história. Além da apreensão, haveria uma multa. Acima da fábrica existe uma reserva de pesca. Não vê o cartaz?

— Bem, na verdade — apressou-se a dizer Marcovaldo —,

■ *PRIMAVERA*

carrego a vara por carregar, para mostrar aos amigos, mas os peixes foram comprados numa peixaria da cidade aqui perto.

— Então, nada a dizer. Só falta o imposto a ser pago para levá-los para a cidade: aqui estamos fora do perímetro urbano.

Marcovaldo já abrira a cesta e a emborcava no rio. Alguma das tencas ainda devia estar viva, pois deslizou toda contente.

VERÃO

14

LUA E GNAC

A noite durava vinte segundos, e vinte segundos o GNAC. Durante vinte segundos se via o céu azul entrecortado de nuvens negras, a foice da lua crescente dourada, sublinhada por um halo impalpável, e depois estrelas que quanto mais se olhava para elas mais acentuavam sua pungente pequenez, até a poeira da Via Láctea, tudo isso visto rápido rápido, cada detalhe no qual nos detínhamos era algo do conjunto que se perdia, pois os vinte segundos logo terminavam e começava o GNAC.

O GNAC era uma parte da inscrição publicitária SPAAK-COGNAC no telhado em frente, que ficava vinte segundos acesa e vinte apagada, e quando estava acesa não se via mais nada. Inesperadamente, a lua empalidecia, o céu se tornava uniformemente negro e achatado, as estrelas perdiam o brilho, e os gatos e as gatas que havia dez segundos emitiam grunhidos de amor, mexendo-se lânguidos um na direção do outro ao longo das calhas e dos beirais, agora, com o GNAC, se agachavam sobre as telhas com os pêlos eriçados, na luz fosforescente de néon.

Debruçada na mansarda onde morava, a família de Marcovaldo era invadida por correntes de pensamentos contrárias. Era noite e Isolina, agora uma moça-feita, se sentia transportada pelo luar, o coração se derretia, e até o mais abafado murmúrio do rádio nos andares inferiores do prédio lhe chegava como ecos de uma serenata; lá estava o GNAC e aquele rádio parecia adquirir um outro

ritmo, um ritmo de jazz, e Isolina pensava nas boates cheias de luzes e ela coitada lá em cima sozinha. Pietruccio e Michelino esbugalhavam os olhos na noite e se deixavam invadir por um caloroso e suave medo de estarem cercados por florestas cheias de bandidos; depois, o GNAC!, e disparavam com os polegares em pé e os indicadores tesos, um contra o outro: “Mãos ao alto! Sou Nembo Kid!”. Domitilla, a mãe, em cada apagar da noite pensava: “Agora é preciso pôr os meninos para dentro, este ar pode fazer mal a eles. E Isolina olhando para a rua a esta hora, não está certo!”. Mas logo tudo ficava de novo luminoso, elétrico, tanto fora quanto dentro, e Domitilla se sentia como se estivesse visitando uma casa importante.

Ao contrário, Fiordaligi, jovem melancólico, toda vez que se apagava o GNAC via aparecer dentro da voluta do *g* a janelinha recém-iluminada de uma água-furtada, e por trás do vidro um rosto de moça cor de lua, cor de néon, cor de luz na noite, uma boca ainda quase de menina que, tão logo ele lhe sorria, se entreabria imperceptivelmente e já parecia abrir-se num sorriso, quando de repente do escuro voltava a se sobressair aquele impiedoso *g* do GNAC e o rosto perdia os contornos, se transformava numa débil sombra clara, e da boca menina não se sabia mais se respondera ao sorriso dele.

Em meio a essa tempestade de paixões, Marcovaldo tratava de ensinar aos filhos a posição dos corpos celestes.

— Aquele é o Grande Carro, um dois três quatro e ali está o leme, aquele é o Pequeno Carro, e a Estrela Polar indica o norte.

— E aquela outra, indica o quê?

— Aquela indica *c*. Mas não tem nada a ver com as estrelas. É a última letra da palavra COGNAC. Porém, as estrelas indicam os pontos cardeais. Norte sul leste oeste. A lua tem a corcunda no oeste. Corcunda no poente, lua crescente. Corcunda no levante, lua minguante.

— Papai, então o *cognac* é minguante? O *c* tem a corcunda no levante!

— Não tem nada a ver, crescente ou minguante: é uma publicidade colocada ali pela empresa Spaak.

— E a lua foi colocada por qual empresa?

— A lua não foi colocada por nenhuma empresa. É um satélite, e está sempre lá.

— Se está sempre lá, por que sua corcunda muda de lado?

— São os quartos. Só se vê uma parte.

— Também de COGNAC só se vê uma parte.

— Porque há o telhado do edifício Pierbernardi que é mais alto.

— Mais alto que a lua?

E assim, a cada piscar do GNAC, os astros de Marcovaldo iam confundir-se com o comércio terrestre, e Isolina transformava um arquejar no soluçar de um mambo cantarolado, e a moça da água-furtada desaparecia naquele anel ofuscante e frio, ocultando a sua resposta ao beijo que Fiordaligi finalmente tivera a coragem de mandar-lhe na ponta dos dedos, e Filippetto e Michelino com os punhos diante do rosto brincavam de ataque aéreo — Tá-tá-tá-tá... — contra a inscrição luminosa, que após vinte segundos se apagava.

— Tá-tá-tá... Viu, papai? consegui apagá-la só com uma rajada — disse Filippetto, mas, fora da luz do néon, seu fanatismo guerreiro já desaparecera e os olhos se enchiam de sono.

— Tomara! — o pai deixou escapar — que se partisse em pedaços! Poderia mostrar-lhes Leão, Gêmeos...

— Leão! — Michelino ficou entusiasmado. — Espere! — Tivera uma idéia. Pegou o estilingue, carregou-o com as pedrinhas que sempre tinha em estoque no bolso, e disparou uma saraivada com toda a força contra o GNAC.

Ouviu-se o granizo cair esparramado nas telhas do telhado em frente, nas chapas da calha, o tinido dos vidros de uma janela atingida, o gongo de uma pedrinha batendo num farol, uma voz na rua: “Estão chovendo pedras! Ei, vocês aí em cima! Mal-educados!”. Mas a inscrição luminosa justo no momento do tiro se apagara, seus vinte segundos já tinham passado. E todos na mansarda começaram a contar mentalmente: um dois três, dez onze, até vinte. Chegaram a dezenove, prenderam a respiração, contaram vinte, conta-

ram vinte e um vinte e dois, receando ter contado muito rápido, mas não, nada, o GNAC não se reacendia, restava um negrume rabiscado mal decifrável entrelaçado com seu castelo de sustentação como a videira na pérgola. “Aaah!”, gritaram todos e a abóbada celeste se elevou infinitamente estrelada acima deles.

Marcovaldo, interrompido com a mão erguida no pescoço que pretendia dar em Michelino, sentiu-se como que projetado no espaço. A escuridão que agora reinava na altura dos telhados fazia uma espécie de barreira escura que excluía o mundo lá embaixo, onde continuavam a turbilhonar hieróglifos amarelos, verdes e vermelhos, e piscantes olhos de semáforo, e o navegar luminoso dos bondes vazios, e os automóveis invisíveis que empurravam diante de si o cone de luzes dos faróis. Deste mundo só chegava lá em cima uma fosforescência difusa, vaga como fumaça. E, ao se levantar o olhar não mais ofuscado, abria-se a perspectiva dos espaços, as constelações se dilatavam em profundidade, o firmamento rodava em todas as direções, esfera que contém tudo e não é contida por nenhum limite, e somente um diluir de sua trama, como uma brecha, abria no rumo de Vênus, para fazê-la ressaltar sozinha sobre a moldura da terra, com sua imóvel punctura de luz explodida e concentrada num ponto.

Suspensa naquele céu, a lua nova, em vez de ostentar a aparência abstrata de meia-lua, revelava a sua natureza de esfera opaca iluminada ao redor pelos raios enviesados de um sol desgarrado da terra, mas que ainda conserva — como se pode observar só em certas noites do começo do verão — seu colorido quente. E Marcovaldo, olhando aquela estreita costa de lua recortada entre sombra e luz, experimentava a nostalgia de alcançar uma praia que ficou miraculosamente ensolarada durante a noite.

Assim permaneciam debruçados na mansarda, os meninos assustados com as conseqüências desmesuradas de seu gesto, Isolina arrebatada por uma espécie de êxtase, Fiordaligi que, único entre todos, distinguia a água-furtada tenuamente iluminada e enfim o sorriso lunar da moça. A mãe despertou:

— Vamos, vamos, é tarde, o que fazem aí debruçados? Vão ficar doentes, com tanto luar!

Michelino apontou o estilingue para o alto.

— E eu apago a lua! — Foi agarrado pelos cabelos e posto na cama.

Assim, pelo resto daquela noite e também por toda a noite seguinte, a inscrição luminosa no telhado em frente só dizia SPAAK-CO e da mansarda de Marcovaldo se via o firmamento. Fiordaligi e a moça lunar trocavam beijos com os dedos, e talvez falando por meio de sinais conseguissem marcar um encontro.

Mas na manhã do segundo dia, no telhado, entre os castelos da inscrição luminosa, recortavam-se delgadas delgadas as figuras de dois eletricitas de macacão que verificavam os tubos e os fios. Com o ar dos velhos que prevêm o tempo, Marcovaldo pôs o nariz para fora e disse:

— Esta noite será de novo uma noite de GNAC.

Alguém batia à porta da mansarda. Abriam. Era um senhor de óculos.

— Desculpem, poderia dar uma olhada pela janela de vocês? Obrigado. — E se apresentou: — Doutor Godifredo, agente de publicidade luminosa.

“Estamos arruinados! Querem nos obrigar a pagar os danos!”, pensou Marcovaldo e já devorava os filhos com os olhos, esquecido de seus enlevos astronômicos. “Agora olha pela janela e percebe que as pedras só podem ter sido atiradas daqui.” Tentou se defender:

— Sabe? são jovens, atiram assim, nos pássaros, pedrinhas, não sei como acabou estragando aquele painel da Spaak. Mas eu os castiguei, sim, ah, se os castiguei! E pode estar certo de que isso não vai se repetir mais.

O dr. Godifredo fez uma expressão atenta.

— Na verdade, trabalho para a Cognac Tomawak, não para a Spaak. Tinha vindo para estudar a possibilidade de um anúncio luminoso neste telhado. Mas conte, conte assim mesmo, me interessa.

■ VERÃO

Foi assim que Marcovaldo, meia hora depois, concluía um contrato com a Cognac Tomawak, a principal concorrente da Spaak. Os meninos deviam atirar com o estilingue contra o GNAC toda vez que a inscrição fosse reativada.

— Esta será a gota d'água — disse o dr. Godifredo.

Não se enganava; já à beira da falência por causa das grandes despesas realizadas com publicidade, a Spaak viu os contínuos estragos em seu mais belo anúncio luminoso como um mau auspício. A inscrição que ora dizia COGAC ora CONAC ora CONC difundia entre os credores a idéia de uma ruína; num determinado ponto, a agência publicitária se recusou a fazer outros concertos se não lhe pagassem os atrasados; a inscrição apagada fez aumentar o alarme entre os credores; a Spaak faliu.

No céu de Marcovaldo a lua cheia arredondava-se em todo o seu esplendor.

Era o último quarto minguante, quando os eletricitistas voltaram a subir no telhado da frente. E naquela noite, em caracteres de fogo, caracteres altos com o dobro da espessura dos anteriores, lia-se COGNAC TOMAWAK, e não havia mais lua nem firmamento nem céu nem noite, somente COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK, que acendia e apagava a cada dois segundos.

O mais atingido de todos foi Fiordaligi; a água-furtada da moça lunar desaparecera atrás de um enorme, impenetrável w.

A CHUVA E AS FOLHAS

Na firma, entre várias outras incumbências, cabia a Marcovaldo aguar todas as manhãs a planta do vaso que ficava na entrada. Era uma daquelas plantas verdes que se tem em casa, com uma haste reta e delgada da qual se destacam, de um lado e de outro, em talos compridos, folhas largas e brilhantes: enfim, uma daquelas plantas tão em forma de planta, com folhas tão em forma de folha, que nem parecem verdadeiras. Mesmo assim era uma planta e como tal sofria, pois ficando ali, entre a cortina e o porta-guardachuvas, faltava-lhe luz, ar e orvalho. Todas as manhãs, Marcovaldo descobria algum sinal maligno: o talo de uma folha se inclinava como se não pudesse mais suportar o peso, uma outra ia se salpicando de manchas como a face de uma criança com sarampo, a ponta de uma terceira amarelava; até que, uma ou outra, tac!, terminava no chão. Entretanto (o que mais doía no coração) a haste da planta se alongava, se alongava, não mais ordenadamente folhada, mas nua como um bastão, com um pequeno tufo em cima que a tornava semelhante a uma palmeira.

Marcovaldo tirava do chão as folhas caídas, limpava o pó das saudáveis, jogava no pé da planta (lentamente, para que não transbordasse sujando o ladrilho) meio regador de água, logo bebido pela terra do vaso. E nesses gestos simples punha uma atenção como não punha em nenhum outro trabalho, quase uma compaixão pelas desgraças de uma pessoa da família. E suspirava, não se

sabe se pela planta ou por si mesmo, pois naquele arbusto que amarelava mirrado entre as paredes burocráticas reconhecia um irmão de desventura.

A planta (assim, simplesmente, ela era chamada, como se qualquer nome mais preciso fosse inútil num ambiente em que só a ela cabia representar o reino vegetal) entrara na vida de Marcovaldo a ponto de dominar seus pensamentos a cada hora do dia e da noite. O olhar com que ele agora perscrutava no céu o adensamento das nuvens não era mais aquele do cidadão que se pergunta se deve ou não pegar o guarda-chuva, mas o do agricultor que dia após dia espera o fim da seca. E tão logo, erguendo os olhos do trabalho, divisava contra a luz, fora da janelinha do armazém, a cortina de chuva que começara a cair densa e silenciosa, abandonava tudo ali, corria para a planta, pegava o vaso no colo e o colocava lá fora, no pátio.

A planta, ao sentir a água que lhe escorria pelas folhas, parecia expandir-se para oferecer a maior superfície possível às gotas, e com o prazer coloria-se com seu verde mais brilhante, ou pelo menos assim parecia a Marcovaldo, que se detinha a contemplá-la, esquecendo de abrigar-se.

Permaneciam ali no pátio, homem e planta, um diante do outro, o homem quase experimentando as sensações da planta debaixo da chuva, a planta — desacostumada com o ar livre e os fenômenos da natureza — admirada quase quanto um homem que se achasse de repente molhado da cabeça aos pés e com as roupas encharcadas. Marcovaldo, com o nariz para cima, saboreava o aroma da chuva, um aroma — para ele — já de bosques e gramados, e ia buscando com a mente lembranças indistintas. Mas dentre aquelas lembranças se impunha, mais clara e próxima, a das dores reumáticas que o afligiam todos os anos; e então voltava para dentro correndo.

Terminado o horário de trabalho, era preciso fechar a firma. Marcovaldo perguntou ao chefe do armazém:

— Posso deixar a planta lá fora, no pátio?

O chefe, sr. Viligelmo, era um sujeito que fugia às responsabilidades muito onerosas.

— Está louco? E se for roubada? Quem responde por isso?

Marcovaldo, contudo, vendo o proveito que a planta tirava da chuva, não tinha coragem de trancá-la de novo: seria desperdiçar aquele presente do céu.

— Poderia guardá-la comigo até amanhã cedo... — propôs. — Vou carregá-la no porta-bagagem e levá-la para casa... Assim, deixo que tome o máximo de chuva...

O sr. Viligelmo pensou um pouco, depois concluiu:

— Quer dizer que é você o responsável por ela. — E consentiu.

Marcovaldo atravessava a cidade debaixo da chuva pesada, curvado sobre o guidão da sua bicicleta motorizada, encapuzado com uma jaqueta impermeável. Atrás, no porta-bagagem, amarrara o vaso, e bicicleta homem planta pareciam uma coisa só, ou melhor, o homem encurvado e encapotado desaparecia, e só se via uma planta de bicicleta. De vez em quando, sob o capuz, Marcovaldo olhava para trás até ver tremular atrás de suas costas uma folha gotejante: e toda vez lhe parecia que a planta tinha ficado mais alta e mais folhada.

Em casa — uma mansarda com um parapeito sobre os telhados —, assim que Marcovaldo chegou com o vaso nos braços, as crianças começaram a brincar de roda.

— A árvore de Natal! A árvore de Natal!

— Não, o que passa pela cabeça de vocês? Falta muito para o Natal! — protestava Marcovaldo. — Atenção com as folhas, que são delicadas!

— Nesta casa já estamos como sardinha em lata — resmungou Domitilla. — Se traz até uma árvore para cá, teremos de sair nós...

— Mas é uma plantinha! Vou colocá-la na sacada...

Da sala dava para ver a sombra da planta na sacada. Durante o jantar, Marcovaldo não olhava para o prato mas além dos vidros da janela.

Desde quando tinham trocado o subsolo pela mansarda, a vida de Marcovaldo e família havia melhorado bastante. Porém, mesmo

morar sob os telhados tinha seus inconvenientes: o teto, por exemplo, deixava escorrer algumas gotas. As gotas caíam em quatro ou cinco pontos bem precisos, em intervalos regulares; e Marcovaldo punha embaixo bacias ou panelas. Nas noites de chuva, quando todos estavam na cama, ouvia-se o tic-toc-tuc das várias gotinhas, o que provocava um calafrio como num presságio de reumatismos. Naquela noite, ao contrário, para Marcovaldo, todas as vezes que em seu sono inquieto acordava e apurava o ouvido, o tic-toc-tuc parecia uma musiquinha alegre: dizia-lhe que a chuva continuava, suave e ininterrupta, e nutria a planta, empurrava a seiva pelos pedúnculos delgados acima, desfraldava as folhas como velas. “Amanhã, ao me debruçar na janela, vou encontrá-la crescida!”, pensava.

Todavia, apesar de tudo o que tinha pensado, abrindo a janela de manhã não podia acreditar em seus olhos: a planta agora tapava meia janela, as folhas haviam pelo menos dobrado de número, e não estavam mais vergadas sob o próprio peso mas retas e pontiagudas como espadas. Desceu as escadas com o vaso apertado no peito, amarrou-o no porta-bagagem e correu para o trabalho.

Havia parado de chover, mas o dia continuava incerto. Marcovaldo ainda não descera do selim, quando recomeçou a pingar. “Visto que lhe faz tão bem, vou deixá-la no pátio um pouco mais”, pensou ele.

No armazém, de vez em quando punha o nariz para fora da janelinha que dava para o pátio. Aquela sua distração no trabalho não agradava ao armazenista-chefe.

— Bom, o que tem hoje aqui, para olhar para fora?

— Está crescendo! Venha ver também, senhor Viligelmo! — E Marcovaldo lhe fazia sinal com a mão, e falava quase sussurrando, como se a planta não devesse perceber. — Veja como está crescendo! Viu como cresceu?

— Sim, cresceu um bocado — admitiu o chefe, e para Marcovaldo foi uma daquelas satisfações que a vida na empresa raramente oferece ao pessoal.

Era sábado. O trabalho terminava à uma e ninguém voltava até

segunda-feira. Marcovaldo tinha vontade de carregar a planta consigo, mas agora, sem chuva, não sabia que desculpa dar. Mas o céu não estava limpo: nuvens negras, em cúmulos, espalhavam-se um pouco aqui e um pouco ali. Foi até o chefe, que, apaixonado por meteorologia, tinha um barômetro pendurado acima da mesa.

— Como está o tempo, senhor Viligelmo?

— Ruim, sempre ruim — ele disse. — De resto, aqui não está chovendo, mas no bairro onde moro está: telefonei agora para minha mulher.

— Então — Marcovaldo apressou-se a propor — levarei a planta para dar uma volta onde está chovendo. — E dito e feito, tornou a arrumar o vaso no porta-bagagem da bicicleta.

Sábado à tarde e domingo, Marcovaldo passou assim: ziguezagando no selim de sua bicicleta a motor, com a planta atrás, interrogava o céu, procurava uma nuvem que lhe parecesse bem-intencionada, e corria pelas ruas até encontrar chuva. De vez em quando, virando-se, via a planta um pouco mais alta: alta como os táxis, como as caminhonetes, como os bondes! E com as folhas sempre mais largas, de onde a chuva escorregava no seu capuz impermeável como uma ducha.

Agora era uma árvore sobre duas rodas, aquilo que corria pela cidade desorientando guardas motoristas pedestres. E as nuvens, ao mesmo tempo, percorriam os caminhos do vento, refrescavam com chuva um bairro e depois o abandonavam; e os transeuntes um a um estendiam a mão e fechavam os guarda-chuvas; e, por ruas e avenidas e praças, Marcovaldo perseguia sua nuvem, curvado no guidão, embuçado no capuz do qual só despontava o nariz, com o motorzinho crepitando a todo o vapor, mantendo a planta na trajetória das gotas, como se o cortejo de chuva que a nuvem rebocava tivesse ficado preso nas folhas e assim tudo corresse arastado pela mesma força: vento nuvem chuva planta rodas.

Na segunda-feira Marcovaldo se apresentou ao sr. Viligelmo de mãos vazias.

— E a planta? — perguntou logo o chefe de estoque.

— Está lá fora. Venha.

— Onde? — perguntou Viligelmo. — Não estou vendo.

— É aquela ali. Cresceu um pouco... — E apontou para uma árvore que chegava ao segundo andar. Não estava mais plantada no velho vaso mas numa espécie de barril, e em vez da bicicleta Marcovaldo tivera de providenciar um furgãozinho.

— E agora? — enfureceu-se o chefe. — Como faremos para colocá-la na entrada? Não passa mais pelas portas!

Marcovaldo encolheu os ombros.

— A única solução — disse Viligelmo — é devolvê-la ao viveiro em troca de outra com dimensões adequadas!

Marcovaldo subiu de novo no selim.

— Estou indo.

Recomeçou a corrida pela cidade. A árvore enchia de verde o centro das ruas. Os guardas, preocupados com o trânsito, paravam-no em cada cruzamento; depois — quando Marcovaldo explicava que estava devolvendo a planta ao viveiro para livrar-se dela — deixavam-no prosseguir. Mas, anda anda, Marcovaldo não se decidia a pegar o caminho do viveiro. Separar-se de sua criatura, agora que a fizera crescer com tanto êxito, não tinha coragem: parecia-lhe não ter tido nunca tanta satisfação em sua vida como com aquela planta.

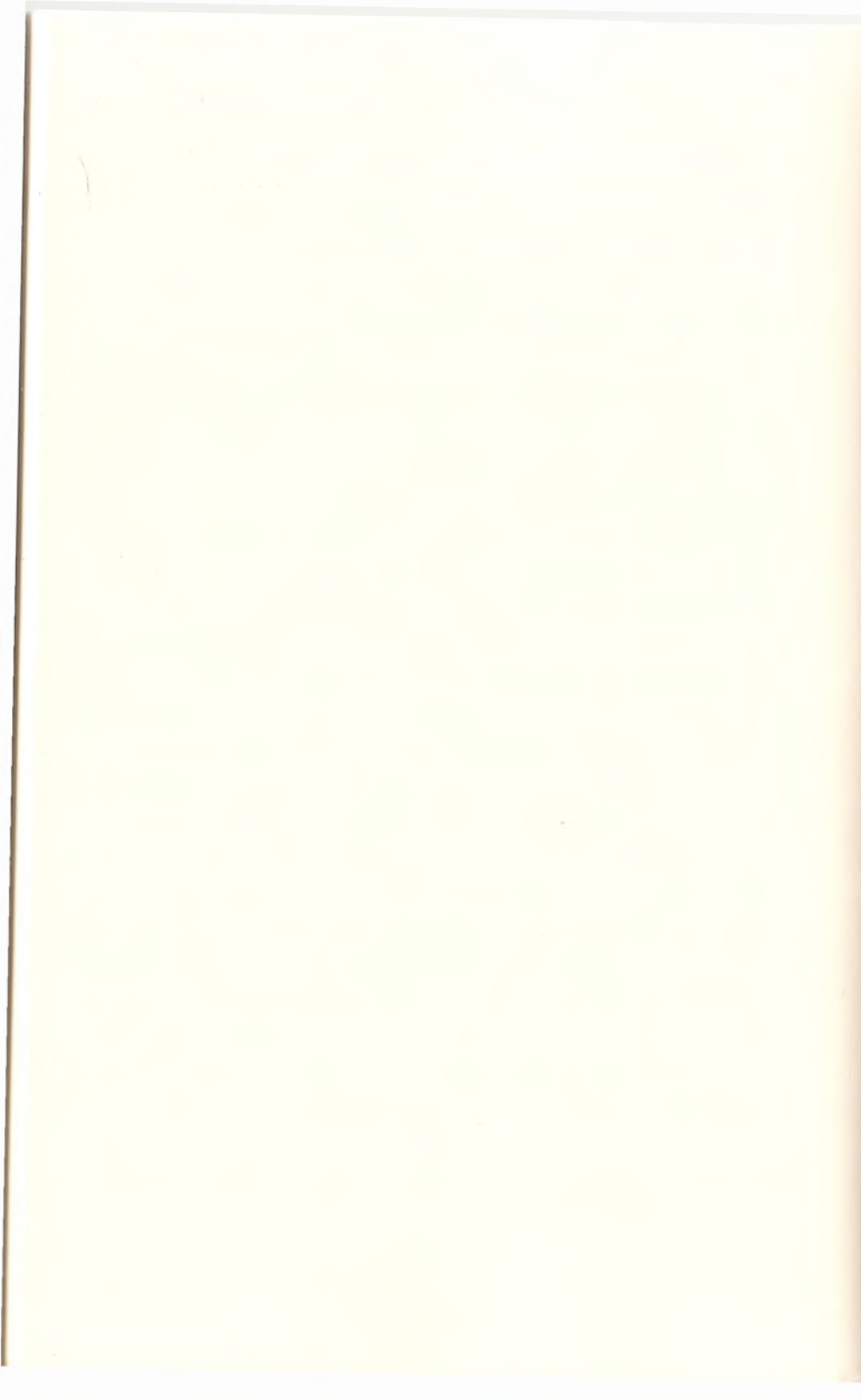
E assim continuava fazendo o vaivém por ruas e praças e beiras de rio e pontes. E um verdor de floresta tropical se espalhava até cobrir-lhe a cabeça as costas os braços, até fazê-lo desaparecer no verde. E todas essas folhas e talos de folhas e também a haste (que permanecera delgadíssima) oscilavam oscilavam como num tremor contínuo, tanto com jatos de chuva que ainda desciam para percorrê-los quanto com as gotas que se faziam mais raras, ou mesmo se interrompendo de todo.

Parou de chover. Aproximava-se a hora do pôr-do-sol. No fundo das ruas, no espaço entre as casas, pousou uma luz confusa de arco-íris. A planta, depois daquele impetuoso esforço de crescimento que a mantivera firme enquanto durara a chuva, encontrou-se meio desfalecida. Marcovaldo, continuando sua corrida sem

rumo, não se dava conta de que atrás dele as folhas, uma por uma, passavam do verde intenso ao amarelo, um amarelo dourado.

Havia algum tempo, um cortejo de motos e carros e bicicletas e jovens se pusera a seguir a árvore que passava pela cidade, sem que Marcovaldo se desse conta, e gritavam: “O baobá! O baobá!”, e com sonoros “Oooh!” de admiração acompanhavam o amarelar das folhas. Quando uma folha caía e voava, muitas mãos se erguiam para colhê-la no ar.

Começou a ventar; as folhas de ouro, em rajadas, moviam-se a meia altura, esvoaçavam. Marcovaldo ainda acreditava ter atrás de si a árvore verde e copada, quando de repente — talvez se sentindo sem proteção contra o vento — virou-se. Não havia mais árvore: só um fino espeto do qual partia uma auréola de pedúnculos nus, e ainda uma última folha amarela lá em cima. À luz do arco-íris todo o resto parecia negro: as pessoas na calçada, as fachadas das casas que abriam alas; e sobre este negro, a meia altura, rodavam rodavam as folhas de ouro, brilhantes, às centenas; e mãos vermelhas e rosadas às centenas se erguiam da sombra para agarrá-las; e o vento levantava as folhas de ouro na direção do arco-íris lá no fundo, e as mãos, e os gritos; e arrancou também a última folha que de amarela se tornou cor de laranja depois vermelha violeta azul verde depois de novo amarela e depois desapareceu.



MARCOVALDO NO SUPERMERCADO

Às seis da tarde, a cidade caía nas mãos dos consumidores. O dia inteiro, a grande tarefa da população produtiva era produzir: produziam bens de consumo. Numa determinada hora, como se um interruptor fosse acionado, cessavam a produção e, rua! lançavam-se todos a consumir. Todos os dias uma inflorescência impetuosa mal tinha tempo de desabrochar atrás das vitrines iluminadas, os salames vermelhos balançando, as torres de pratos de porcelana erguendo-se até o teto, as peças de tecido desdobrando drapeados como caudas de pavão, e eis que já irrompia a multidão consumidora para dismantelar corroer apalpar roubar. Uma fila ininterrupta serpenteava por todas as calçadas e portais, alongava-se através das portas de vidro nas lojas ao redor de todos os bancos, movida pelas cotoveladas de cada um nas costelas dos outros como por contínuos golpes de um êmbolo. Consumam! e tocavam nas mercadorias e voltavam a colocá-las no lugar e as retomavam e as arrancavam das mãos uns dos outros; consumam! e obrigavam as pálidas vendedoras a estender no balcão roupa-branca e roupa-branca; consumam! e os rolos de barbante colorido giravam como piões, as folhas de papel florido frufrulhavam frenéticas, envolvendo as compras em pacotinhos e os pacotinhos em pacotes e os pacotes em embrulhos, cada um amarrado com seu laço de fita. E rapidamente embrulhos pacotes pacotinhos bolsas bolsinhas redemoinhavam em volta do caixa num engarrafamento, mãos que

revistavam as bolsinhas procurando os porta-níqueis e dedos que revistavam os porta-níqueis procurando trocados, e mais adiante, em meio a uma floresta de pernas desconhecidas e abas de sobretudos, as crianças não mais puxadas pelas mãos se perdiam e choravam.

Numa noite dessas Marcovaldo estava levando a família para passear. Estando sem dinheiro, o passeio deles era olhar os outros fazerem compras; pois o dinheiro, quanto mais circula, mais é esperado por quem não o tem: “Mais cedo ou mais tarde acabará por passar um pouco também por meus bolsos”. Ao contrário, com Marcovaldo, o salário, entre ser pouco e servir a tanta gente na família, e serem tantas prestações e dívidas para pagar, ia embora quase sem ser notado. De qualquer modo, era sempre bom olhar, especialmente dando uma volta no supermercado.

O supermercado funcionava com self-service. Havia aqueles carrinhos, como cestinhos de ferro com rodas, e cada cliente empurrava o seu e o enchia de todas as maravilhas. Ao entrar, também Marcovaldo pegou um carrinho para ele, sua mulher pegou outro e os quatro filhos um para cada um. E assim seguiam em procissão com os carrinhos na frente, entre prateleiras apinhadas de montanhas de coisas comestíveis, mostrando uns aos outros salames e queijos e chamando-os pelos nomes, como se reconhecessem na multidão rostos de amigos, ou pelo menos conhecidos.

— Papai, podemos pegar este? — perguntavam os meninos a cada minuto.

— Não, não mexam, é proibido — dizia Marcovaldo lembrando que no final daquele circuito a moça do caixa os esperava para fazer a soma.

— E por que aquela senhora ali pode pegar? — insistiam, ao ver todas aquelas boas mulheres que, tendo entrado para comprar só duas cenouras e um aipo, não sabiam resistir perante uma pirâmide de latas e tum! tum! tum! com um gesto entre distraído e resignado deixavam cair latinhas de tomates sem pele, pêssegos em calda, anchovas conservadas em óleo, tamborilando no carrinho.

Em resumo, se o seu carrinho está vazio e os outros cheios, dá

para agüentar até um certo ponto, depois você é dominado pela inveja, pelo desgosto e não resiste mais. Então Marcovaldo, depois de ter recomendado à mulher e aos filhos não tocar em nada, virou rápido numa travessa entre as gôndolas, esquivou-se da vista da família e, pegando uma caixa de tâmaras de uma prateleira, depositou-a no carrinho. Só queria sentir o prazer de carregá-la por dez minutos, exibir também ele suas compras como os outros, e depois recolocá-la de onde a retirara. Essa caixa, e também uma garrafa vermelha de molho picante e um saquinho de café e um pacote azul de espaguete. Marcovaldo estava certo de que, fazendo com cuidado, podia desfrutar pelo menos por quinze minutos do prazer de quem sabe escolher o produto, sem ter de pagar nem um centavo. Mas aí dele se os meninos o vissem! Logo se poriam a imitá-lo e sabe-se lá que confusão armariam!

Marcovaldo tratava de apagar seus vestígios, percorrendo um caminho em ziguezague entre as prateleiras, ora seguindo empregadas atarefadas ora senhoras cobertas de pele. E, quando uma ou outra adiantava a mão para pegar uma abóbora amarela e cheirosa ou uma caixa de queijinhos triangulares, ele a imitava. Os alto-falantes difundiam musiquinhas alegres: os consumidores se mexiam ou paravam acompanhando o ritmo, e no momento exato estendiam o braço e pegavam um objeto e o pousavam no cesto, tudo ao som de música.

O carrinho de Marcovaldo agora estava abarrotado de mercadorias; seus passos o levavam a penetrar em setores menos frequentados; os produtos com nomes cada vez menos decifráveis estavam fechados em caixas com figuras que não esclareciam se se tratava de adubo para alface ou de semente de alface ou de alface propriamente ou de veneno para as lagartas da alface ou de comida para atrair os pássaros que comem aquelas lagartas ou ainda de tempero para salada ou para pássaros assados. De qualquer maneira, Marcovaldo apanhava duas ou três caixas.

Assim caminhava entre duas divisórias altas de prateleiras. De repente, o corredor acabava e havia um grande espaço vazio e deserto com luzes de néon que faziam brilhar os ladrilhos. Marco-

valdo estava ali, sozinho com seu carro de coisas, e no fundo daquele espaço vazio ficava a saída com o caixa.

O primeiro instinto foi sair correndo de cabeça baixa empurrando o carrinho na frente como um tanque e fugir do supermercado com o saque antes que a moça do caixa pudesse dar o alarme. Mas naquele momento, de um corredor vizinho, surgiu um carrinho ainda mais carregado que o seu, e quem o empurrava era sua mulher Domitilla. E de outro lado surgiu um outro e Filippetto o empurrava com todas as suas forças. Aquele era um ponto em que os corredores de muitas seções convergiam, e de cada saída aparecia um filho de Marcovaldo, todos empurrando veículos carregados como navios mercantes. Cada um tivera a mesma idéia e agora, ao reencontrar-se, percebiam ter reunido uma amostragem de todas as ofertas do supermercado.

— Papai, então estamos ricos? — perguntou Michelino. — Teremos comida para um ano?

— Para trás! Rápido! Longe do caixa! — exclamou Marcovaldo fazendo meia-volta e se escondendo, ele e suas mercadorias, atrás das prateleiras; e saiu em disparada dobrado em dois como sob fogo inimigo, voltando a se perder nas seções. Um estrondo ressoava às suas costas; virou-se e viu toda a família que, empurrando seus vagões como um trem, galopava em seus calcanhares.

— Aqui nos cobram uma conta de um milhão!

O supermercado era grande e intrincado como um labirinto, dava para circular horas e horas. Com tantas provisões à disposição, Marcovaldo e os familiares poderiam passar o inverno inteiro sem sair. Mas os alto-falantes já tinham interrompido a musiquinha e diziam: “Atenção! Dentro de quinze minutos o supermercado fechará! É favor dirigir-se rapidamente ao caixa!”.

Era hora de desfazer-se da carga: agora ou nunca mais. Ao apelo do alto-falante, a multidão de clientes era tomada por uma fúria frenética, como se fossem os últimos minutos do último supermercado do mundo todo, uma fúria que não se entendia se era para pegar tudo aquilo que havia ou deixar tudo ali, em resumo, as pessoas empurram empurram em volta das prateleiras, e Marcovaldo

com Domitilla e os filhos aproveitavam para devolver a mercadoria às seções ou para fazê-la escorregar nos carrinhos de outras pessoas. As restituições aconteciam meio por acaso: o inseticida na prateleira do presunto, uma couve entre os doces. Não perceberam que em vez do carrinho de compras uma senhora empurrava um carrinho de bebê com um recém-nascido: enfiaram lá dentro um frasco de vinho do Piemonte.

Isso de privar-se das coisas sem tê-las nem ao menos provado era um sofrimento que arrancava lágrimas. E assim, no mesmo momento em que abandonavam um tubinho de maionese, topavam com um cacho de bananas e agarravam-no; ou um frango assado em vez de um escovão de náilon; com tal sistema, seus carrinhos quanto mais se esvaziavam mais tornavam a se encher.

A família com suas provisões subia e descia pelas escadas rolantes e em cada andar, de todos os lados, se encontrava diante de passagens obrigatórias onde um caixa de sentinela apontava máquinas calculadoras crepitantes como uma metralhadora contra todos aqueles que faziam menção de sair. O rodeio de Marcovaldo e família se assemelhava cada vez mais ao de animais em jaulas ou de prisioneiros num cárcere iluminado com paredes de painéis coloridos.

Num certo ponto, os painéis de uma parede estavam desmontados, havia uma escada portátil apoiada ali, martelos, instrumentos de carpinteiro e pedreiro. Uma empresa estava fazendo uma ampliação do supermercado. Terminado o horário de trabalho, os operários tinham ido embora deixando tudo jogado. Marcovaldo, provisões na frente, passou pelo buraco na parede. Do outro lado estava escuro; ele avançou. E a família, com os carrinhos, foi atrás dele.

As rodas de borracha dos carrinhos trepidavam num piso onde faltavam pedaços e que tinha trechos arenosos, depois num pavimento de tábuas desencontradas. Marcovaldo caminhava equilibrado sobre uma tábua; os outros o seguiam. De repente viram adiante e atrás e em cima e embaixo tantas luzes semeadas à distância, e em volta o vazio.

■ *INVERNO*

Encontravam-se numa armação de tábuas, na altura de um prédio de sete andares. A cidade abria-se embaixo deles num cintilar luminoso de janelas e painéis de publicidade e lampejos elétricos das antenas dos bondes; mais acima, o céu estrelado e pequenas lâmpadas vermelhas de antenas de estações de rádio. O tablado tremia sob o peso de toda aquela mercadoria suspensa lá em cima. Michelino disse: “Estou com medo!”.

Da escuridão avançou uma sombra. Era uma boca enorme, sem dentes, que se abria alongando-se num comprido pescoço metálico: um guindaste. Caía sobre eles, detinha-se na altura em que estavam, a queixada inferior contra a borda do tablado. Marcovaldo inclinou o carrinho, derramou a mercadoria na goela de ferro, foi em frente. Domitilla fez o mesmo. As crianças imitaram os pais. O guindaste tornou a cerrar a goela com todo o saque do supermercado dentro e com um movimento cortante puxou o pescoço para trás, afastando-se. Embaixo se acendiam e rodavam as inscrições luminosas multicoloridas que convidavam a comprar os produtos à venda no grande supermercado.

*FUMAÇA, VENTO
E BOLHAS DE SABÃO*

Todos os dias, o carteiro deixava alguns envelopes nas caixas dos inquilinos; só na de Marcovaldo jamais havia nada, pois ninguém nunca lhe escrevia, e se não fosse, ocasionalmente, a conta da luz ou do gás a sua caixa não serviria mesmo para nada.

— Papai, tem carta! — grita Michelino.

— Deixe disso! — responde ele. — É a propaganda de sempre!

Em todas as caixas sobressaía uma folha dobrada azul e amarela. Dizia que, para obter uma boa espuma, Blancasol era o melhor produto; quem se apresentasse com o folheto azul e amarelo ganharia uma amostra grátis.

Como as folhas eram estreitas e compridas, algumas delas saíam da boca das caixas; outras estavam no chão, emboladas ou só meio amassadas, porque muitos inquilinos, ao abrir a caixa, costumavam jogar fora imediatamente toda a papelada de publicidade que a enchia. Filippetto, Pietruccio e Michelino, entre catá-los no chão, puxá-los pelas frestas, ou até mesmo pescá-los com um arame, começaram a colecionar bônus Blancasol.

— Quem tem mais sou eu!

— Não, conte tudo! Aposto que tenho mais!

A campanha publicitária de Blancasol cobrira todo o bairro, de

portão em portão. E de portão em portão os irmãos cobriram o bairro, açambarcando os bônus. Algumas porteiras os expulsaram aos berros: “Moleques! Que vieram roubar? Vou telefonar para a polícia!”. Outras ficaram contentes de que limpassem um pouco todo aquele papelório que se depositava ali todos os dias.

À noite, os dois pobres cômodos de Marcovaldo estavam completamente azuis e amarelos de folhetos de Blancasol; os meninos os contavam, recontavam e amontoavam em pacotes como os caixas dos bancos fazem com as cédulas.

“Papai, se temos tantos, poderíamos montar uma lavanderia?”, perguntava Filippetto.

Naquela ocasião, o mundo da produção de sabões em pó fervia. A campanha publicitária de Blancasol pusera em alarme as empresas concorrentes. Para o lançamento de seus produtos, elas distribuíam em todas as caixas postais da cidade aqueles cupons que davam direito a amostras grátis cada vez maiores.

Nos dias seguintes os filhos de Marcovaldo andaram muito atarefados. Cada manhã as caixas do correio floresciam como árvores de pêssego na primavera: folhetos com desenhos verdes rosa azuis laranja prometiam roupas alvas a quem usasse Spumador ou Lavolux ou Saponalba ou Limpialin. Para os meninos, as coleções de cupons e bônus-brindes se ampliavam sempre com novas classificações. Ao mesmo tempo, se ampliava o território da coleta, estendendo-se aos portões de outras ruas.

Naturalmente, tais manobras não podiam passar despercebidas. Os meninos da vizinhança não tardaram a entender o que Michelino e os irmãos procuravam o dia inteiro, e imediatamente aqueles folhetos, aos quais até então nenhum deles dera a menor importância, tornaram-se um butim ambicionado. Houve um período de rivalidade entre os vários bandos de moleques, em que a coleta numa zona mais do que em outra foi motivo de disputas e escaramuças. Depois, em seguida a uma série de trocas e negociações, puseram-se de acordo: um arranjo organizado da busca era mais rentável do que um saque desordenado. E a coleta dos folhetos se tornou tão metódica que, assim que o homenzinho do Candofior

ou do Risciaquick passava fazendo o circuito dos portões, seu percurso era vigiado e acompanhado passo a passo, e o material, assim que era distribuído, era logo requisitado pelos moleques.

Comandando as operações, é claro, estavam sempre Filippetto, Pietruccio e Michelino, pois a primeira idéia tinha sido deles. Chegaram a convencer os outros de que os cupons eram patrimônio comum e deviam guardá-los todos juntos.

— Como num banco! — precisou Pietruccio.

— Somos donos de uma lavanderia ou de um banco? — perguntou Michelino.

— Seja como for, estamos milionários!

Os meninos não dormiam mais por causa da excitação e faziam projetos para o futuro:

— Basta arrecadar todas estas amostras e juntaremos quantidades imensas de sabão em pó.

— Onde vamos guardá-lo?

— Temos de alugar um armazém!

— Por que não um navio?

A publicidade, como as flores e os frutos, muda com a estação. Após algumas semanas, a estação dos sabões acabou; nas caixas só se encontravam anúncios de remédios contra calos.

“Vamos juntar também estes?”, propôs alguém. Mas prevaleceu a idéia de dedicar-se logo à arrecadação das riquezas acumuladas em sabões em pó. Tratava-se de entrar nas lojas indicadas e receber uma amostra para cada cupom; porém, essa nova fase do plano deles, tão simples na aparência, se revelou muito mais longa e complicada do que a primeira.

As operações eram levadas a cabo em ordem dispersa: um menino de cada vez numa loja de cada vez. Podiam ser apresentados até três ou quatro cupons juntos, desde que de marcas diferentes, e se os vendedores só quisessem dar uma amostra de certa marca e nada mais era preciso dizer: “A minha mãe quer experimentar todos para ver qual é melhor”.

As coisas se complicavam quando, como acontecia em muitas lojas, as amostras grátis só eram entregues a quem fizesse compras; as mães nunca tinham visto os filhos tão ansiosos para ir às drogarias.

Em suma, a transformação de bônus em mercadoria ia longe e exigia gastos suplementares, pois as encomendas com o dinheiro das mães eram poucas e as drogarias a serem percorridas eram muitas. Para obter fundos não restava outro meio senão iniciar logo a terceira fase do plano, isto é, a venda do sabão já arrecadado.

Decidiram ir vender nas casas, tocando as campainhas.

— Senhora! Está interessada? Lavagem perfeita! — E mostravam a caixa de Risciaquick ou o envelopinho de Blancasol.

— Sim, sim, pode me dar, obrigada — dizia alguma delas e, assim que pegava a amostra, batia-lhes a porta na cara.

— Como? E o pagamento? — E davam socos na porta.

— Pagamento? Não é grátis? Vão embora, moleques!

De fato, justamente naqueles dias, estavam passando de casa em casa representantes das diversas marcas para entregar amostras grátis: era uma nova ofensiva publicitária promovida por todo o ramo de sabões em pó, haja vista o resultado pouco frutífero da campanha dos cupons-brindes.

A casa de Marcovaldo parecia o depósito de uma drogaria, cheia como estava de produtos Candofior, Limpialin, Lavolux; mas de toda aquela quantidade de mercadoria não dava para extrair nem um centavo; era coisa que se dá, como água de fonte.

Naturalmente, não tardou a espalhar-se entre os responsáveis pelas empresas a notícia de que alguns jovens estavam fazendo o próprio circuito de porta em porta, vendendo os mesmos produtos que eles pediam para aceitar de graça. No mundo do comércio são freqüentes as ondas de pessimismo: começaram a dizer que, enquanto as pessoas respondiam, a quem os oferecia de graça, não saber o que fazer com os sabões, compravam-nos de quem cobrava. Reuniram-se os gabinetes de estudo de várias empresas, foram consultados especialistas em “pesquisa de mercado”: a conclusão a que se chegou foi que uma concorrência tão desleal só podia ser feita por receptadores de mercadoria roubada. A polícia, a partir de denúncia regulamentar contra desconhecidos, começou a dar batidas no bairro em busca dos ladrões e do esconderijo do roubo.

De um momento para outro o sabão se tornou perigoso como dinamite. Marcovaldo se assustou: “Não quero mais nem um grama desses pozinhos em minha casa!”. Mas não se sabia onde colocá-lo, ninguém queria aquilo em casa. Foi decidido que os meninos jogariam tudo no rio.

Ainda não havia amanhecido; à ponte chegou um carrinho puxado por Pietruccio e empurrado pelos irmãos, carregado de caixas de Saponalba e Lavolux, depois um outro carrinho igual puxado por Uguccione, o filho da porteira do prédio da frente, e outros, muitos outros. Pararam no meio da ponte, deixaram passar um ciclista curioso que se virava para observar, depois, “Fora!”, Michelino começou o lançamento das caixas no rio.

— Idiota! Não está vendo que flutuam? — gritou Filippetto. — É preciso jogar o pó no rio, não a caixa!

E, das caixas abertas uma por uma, caía delicadamente uma nuvem branca, pousava na corrente que parecia absorvê-la, reaparecia num pulular de bolhinhas miúdas, depois parecia afundar.

— Assim está bem! — E os meninos continuavam a descarregar miriagramas e miriagramas.

— Atenção, lá embaixo! — gritou Michelino, e apontou para o vale.

Depois da ponte havia a corredeira. Onde a corrente pegava a descida, não se viam mais as bolhinhas: tornavam a pular para fora mais abaixo, mas agora tinham virado bolhas grandes que inchavam empurrando-se umas às outras por baixo, uma onda ensaboada que se erguia, se agigantava, já estava tão alta quanto a corredeira, uma espuma esbranquiçada como a vasilha de um barbeiro remexida com pincel. Parecia que todos aqueles pozinhos de marcas concorrentes, por capricho, tivessem começado a comprovar sua efervescência: o rio transbordava de espuma de sabão nos cais e os pescadores, que desde a aurora já estavam com as botas de molho, retiravam as linhas e fugiam.

Pelo ar da manhã correu um fio de vento. Um cacho de bolhas se destacou da superfície da água, e voava voava, ligeiro. Amanhe-

cia e as bolhas se coloriam de rosa. As crianças viam-nas passar altaneiras acima de suas cabeças e gritavam: “Oooo...”.

As bolhas voavam seguindo os trilhos invisíveis das correntes de ar pela cidade, desembocavam nas ruas à altura dos telhados, sempre evitando aflorar arestas e calhas. Agora a densidade do cacho se dissolvera: umas depois das outras, as bolhas voaram por conta própria; cada uma, tomando uma rota diferente pela altitude, rapidez e traçado, vagava a meia altura. Poderíamos dizer que se tinham multiplicado; ou melhor, era isso mesmo, pois o rio continuava a transbordar de espuma como uma leiteira no fogo. E o vento, o vento levava para o alto espumas e flocos e cúmulos que se alongavam em guirlandas irisadas (os raios do sol oblíquo, superados os telhados, já se haviam apossado da cidade e do rio) e invadiam o céu acima dos fios e das antenas.

Sombras escuras de operários corriam para as fábricas em bicicletas motorizadas barulhentas e o enxame verderosazul suspenso sobre eles os seguia como se cada um deles puxasse um cacho de balõeszinhos amarrados ao guidão com uma linha comprida.

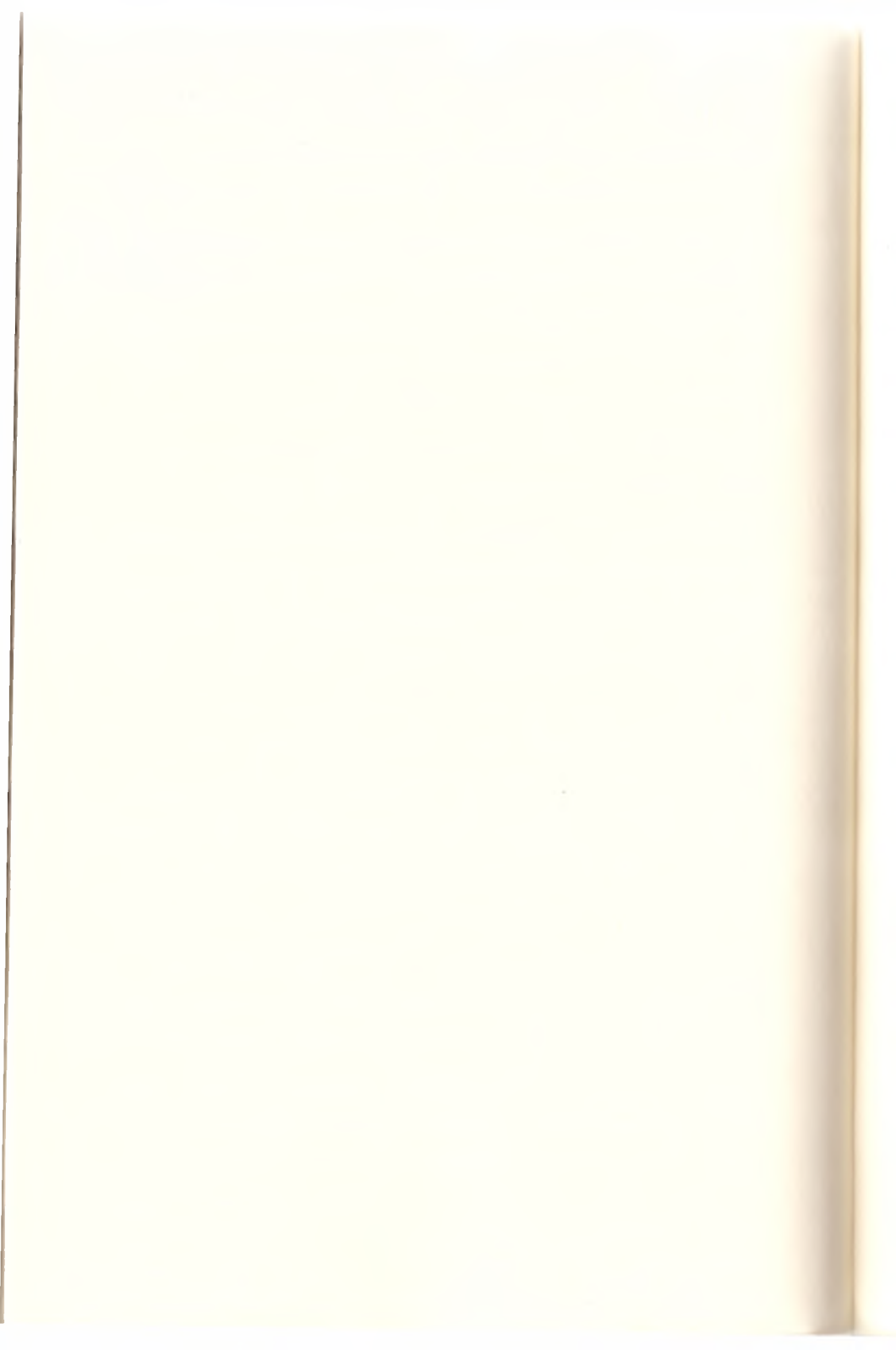
Foi de um bonde que se deram conta: “Olhem lá! Ei, olhem lá! O que é aquilo lá em cima?”. O condutor do bonde parou e desceu: todos os passageiros desceram e ficaram olhando para o céu, detinham-se as bicicletas, as motos, os automóveis, os jornaleiros, os padeiros e todos os transeuntes madrugadores, entre eles Marcovaldo, que estava indo para o trabalho, e todos puseram o nariz para o alto, seguindo o vô das bolhas de sabão.

“Não será uma coisa atômica?”, perguntou uma velha, e o medo percorreu as pessoas, e quem via uma bolha cair-lhe por cima fugia gritando: “É radioativa!”.

Mas as bolhas continuavam borboleteando, irisadas e frágeis e leves, bastando um sopro e piff! já não existiam: e logo o alarme arrefeceu entre as pessoas assim como se acendera. “Que radioativas que nada! É sabão! Bolhas de sabão como as das crianças!” e uma alegria frenética se apoderou de todos. “Vejam aquela! E aquela! E aquela!”, porque viam voar algumas enormes, de dimensões incríveis, e ao se tocarem as bolhas se fundiam, duplica-

vam e triplicavam, e o céu, os telhados, os arranha-céus através daquelas cúpulas transparentes se vestiam de formas e cores nunca antes vistas.

Como todas as manhãs, as fábricas haviam começado a lançar a fumaça negra por suas chaminés. E os enxames de bolhas se encontravam com as nuvens de fumaça e o céu ficava dividido entre correntes de fumaça negra e correntes de espuma irisada, e em alguns moinhos de vento parecia que lutavam, e por um instante, um único instante, pareceu que o cimo das chaminés havia sido conquistado pelas bolhas, mas logo houve uma tal mistura — entre a fumaça que aprisionava o arco-íris da espuma e as esferas ensaboadas que aprisionavam um véu de grãos de fuligem — que não se entendia mais nada. Até que num certo ponto Marcovaldo procura procura no céu e não consegue mais ver as bolhas mas apenas fumaça fumaça fumaça.



VERÃO

18

A CIDADE TODA PARA ELE

Durante onze meses por ano, a população amava tanto a cidade que ai de quem tocasse nela: os arranha-céus, os distribuidores de cigarros, os cinemas com tela panorâmica, todos motivos indiscutíveis de atração contínua. O único habitante ao qual não se podia atribuir esse sentimento com certeza era Marcovaldo; mas aquilo que ele pensava — primeiro — era difícil saber, dada sua pouca comunicabilidade e — segundo — contava tão pouco que acabava dando no mesmo.

Numa certa altura do ano, começava o mês de agosto. E pronto: assistia-se uma mudança geral de sentimentos. Ninguém mais gostava da cidade: os próprios arranha-céus, passagens subterrâneas para pedestres e estacionamento tão amados até a véspera tornavam-se antipáticos e irritantes. A população só desejava ir embora o mais rápido possível; e assim, entupindo trens e engarrafando rodovias furiosamente, no dia 15 todos já se tinham ido. Exceto um. Marcovaldo era o único habitante a não deixar a cidade.

De manhã, saiu para caminhar no centro. As ruas abriam-se largas e intermináveis, vazias de carros e desertas; as fachadas das casas, da sebe cinzenta das portas de correr abaixadas até as infinitas varetas de aço, estavam fechadas como anteparos de fortificações. Marcovaldo sonhara o ano inteiro em poder usar as ruas como ruas, isto é, caminhar no meio delas: agora podia fazê-lo, e também

podia passar os semáforos no vermelho, e atravessar em diagonal, e parar no meio das praças. Mas entendeu que o prazer não era tanto o de fazer essas coisas insólitas quanto o de ver tudo de um outro modo: as ruas como fundos de vale ou leitos de rios secos, as casas como blocos de montanhas íngremes, ou paredes de escolhos.

Certamente, a falta de alguma coisa saltava aos olhos; mas não da fila de carros estacionados ou do engarrafamento nos cruzamentos, ou do fluxo da multidão na porta da grande loja, ou da ilhota de gente parada à espera do bonde; o que faltava para preencher os espaços vazios e encurvar as superfícies esquadriadas talvez fosse uma enchente para estourar os condutos de água, ou uma invasão de raízes de árvores da alameda para arrebentar a pavimentação. O olhar de Marcovaldo perscrutava ao redor buscando o aflorar de uma cidade diferente, uma cidade de cascas, escamas, brotos e nervuras sob a cidade de verniz, asfalto, vidro e reboco. E eis que o casario em frente ao qual passava todos os dias revelava ser na realidade uma pedreira de arenito cinzento e poroso; as fundações de um canteiro de obras eram de tábuas de pinheiro ainda fresco com nós que pareciam gemas; na placa de uma grande loja de tecidos repousava uma fileira de casulos de traças, adormecidos.

Poderíamos dizer que, tão logo desertada pelos homens, a cidade havia caído nas mãos de habitantes ocultos até a véspera que agora passavam a dominar: o passeio de Marcovaldo seguia um pouco o itinerário de uma fileira de formigas, depois se deixava desviar do vôo de um escaravelho perdido, depois se demorava em acompanhar o movimento sinuoso de uma minhoca. Não eram somente os animais que invadiam o campo: Marcovaldo descobria que nas bancas de jornais, do lado norte, se formava uma delicada camada de mofo, que os arbustos em vasos na frente dos restaurantes se esforçavam para empurrar as próprias folhas para fora das molduras de sombra da calçada. Mas a cidade ainda existia? Aquele aglomerado de matérias sintéticas que encerrava as jornadas de Marcovaldo agora se revelava um mosaico de pedras disparatadas,

cada uma bem diferente das outras ao olhar e ao contato, pela dureza, calor e consistência.

Assim, esquecendo a função das calçadas e das faixas brancas, Marcovaldo percorria as ruas com ziguezagues de borboleta, quando de repente o radiador de uma baratinha disparada a cem por hora passou-lhe a um milímetro de um quadril. Um pouco pelo susto, um pouco pelo deslocamento de ar, Marcovaldo deu um pulo e caiu desmaiado.

O carro, com um grande chiado, freou quase girando sobre si mesmo. Dele saltou um grupo de jovens sem camisa. “Vou levar uma surra”, pensou Marcovaldo, “porque andava no meio da rua!”

Os jovens estavam armados com estranhos instrumentos.

— Finalmente o encontramos! Finalmente! — diziam, circuncando Marcovaldo.

— Ei-lo aqui — disse um deles segurando um bastonete prateado perto da boca —, o único habitante que ficou na cidade em 15 de agosto, o dia mais quente do ano. Desculpe, senhor, quer contar suas impressões aos telespectadores? — E lhe enfiou o bastonete prateado debaixo do nariz.

Explodira um brilho ofuscante, fazia calor como num forno, e Marcovaldo estava prestes a desmaiar. Havia apontado refletores contra ele, “telecâmeras”, microfones. Balbuciou qualquer coisa: a cada três sílabas que ele dizia, vinha o jovem, torcendo o microfone para o próprio lado:

— Ah, então ele quer dizer... — E começava a falar por dez minutos.

Em resumo, fizeram uma entrevista com ele.

— E agora, posso ir?

— Claro, evidente, queremos agradecer-lhe muito... Ou melhor, se o senhor não tiver outra coisa para fazer... e quiser ganhar algum dinheiro... não se incomodaria de nos dar uma mãozinha?

Toda a praça estava de pernas para o ar: furgões, carros equipados, câmeras, transformadores, instalações para lâmpadas, equipes de homens uniformizados que iam e vinham de um lado para outro completamente suados.

■ VERÃO

— Aqui está ela, chegou! chegou! — De um carro fora de série, sem capota, desceu uma estrela de cinema.

— Rápido, pessoal, podemos começar a filmagem da fonte!

O diretor da “telerreportagem” *Loucuras de 15 de agosto* começou a dar ordens para registrar o mergulho da famosa diva na principal fonte da cidade.

O carregador Marcovaldo tinha sido encarregado de arrastar pela praça uma enorme chapa de refletor com um pedestal pesado. A grande praça agora zumbia com maquinarias e cliques de lâmpadas, ressoava com marteladas nos tablados metálicos improvisados e ordens berradas... Aos olhos de Marcovaldo, ofuscado e aturdido, a cidade de todos os dias havia recuperado o lugar daquela captada só por um instante, ou talvez somente sonhada.

OUTONO

19

O JARDIM DOS GATOS
OBSTINADOS

A cidade dos gatos e a cidade dos homens estão uma dentro da outra mas não são a mesma cidade. Poucos gatos lembram o tempo em que não havia diferença: as ruas e as praças dos homens eram também ruas e praças dos gatos, e os gramados, e os pátios, e as sacadas, e as fontes: vivia-se num espaço amplo e variado. Porém, de algumas gerações para cá os felinos domésticos são prisioneiros de uma cidade inabitável: as ruas são ininterruptamente percorridas pelo tráfego mortal dos carros trucidagatos; em cada metro quadrado de terreno onde se abria um jardim ou uma área livre ou as ruínas de uma velha demolição agora imperam condomínios, habitações populares, arranha-céus novos e faiscentes; todo corredor fica apinhado de carros estacionados; os pátios são recobertos um a um por toldos e transformados em garagens, ou em cinemas, ou em depósitos de mercadorias, ou em oficinas. E, onde se estendia um altiplano ondulante de telhados baixos, cimalthas, mirantes, caixas-d'água, sacadas, clarabóias, alpendres de zinco, agora se ergue a edificação generalizada de andares em cada vão edificável: desaparecem os desníveis intermediários entre o ínfimo solo viário e o céu exclusivo das supercoberturas; o gato das novas ninhadas procura em vão o itinerário dos pais, o pretexto para o salto macio da balaustrada à cornija e à calha, para a subida impulsiva nas telhas.

Mas nessa cidade vertical, nessa cidade comprimida onde to-

dos os vazios tendem a ser ocupados e cada bloco de cimento a fundir-se com outros blocos de cimento, abre-se uma espécie de contradidade, de cidade negativa, que consiste em faixas vazias entre muro e muro, em distâncias mínimas prescritas pelo regulamento imobiliário entre duas construções, entre fundos e fundos de duas construções; é uma cidade de interstícios, poços de luz, canais de ventilação, passagens para veículos, pracinhas internas, acessos aos sótãos, como uma rede de canais secos num planeta de reboco e asfalto, e é através dessa rede que, rente aos muros, ainda corre o antigo povo dos gatos.

Marcovaldo, às vezes, para passar o tempo, seguia um gato. Era o intervalo do trabalho entre meio-dia e meia e três da tarde, quando, exceto Marcovaldo, todo mundo ia comer em casa, e ele — que carregava o almoço na sacola — improvisava um canto entre as caixas do armazém, mastigava sua porção, fumava meio charuto toscano e vagueava ali em volta, sozinho e ocioso, esperando o reinício. Naquele período, um gato que se mostrasse numa janela era sempre uma companhia bem-vinda, e um guia para novas explorações. Fizera amizade com um bichano tigrado, bem alimentado, laço azul-celeste no pescoço, certamente instalado em casa de alguma família rica. Este gato tinha em comum com Marcovaldo o hábito do passeio logo depois do almoço: daí nasceu naturalmente uma amizade.

Seguindo o amigo tigrado, Marcovaldo aprendera a observar os lugares como através dos olhos redondos de um gato e mesmo que fossem os habituais arredores de sua empresa passava a vê-los com uma luz diferente, cenários de histórias felinas, com ligações possíveis só para patas felpudas e leves. Embora do exterior o bairro parecesse pobre em gatos, todos os dias em suas andanças Marcovaldo ficava conhecendo alguns focinhos novos, e bastava um miado, um sopro, um arrepio do pêlo numa espinha arqueada para fazê-lo intuir vínculos, intrigas e rivalidades entre eles. Naqueles momentos acreditava já ter ingressado no segredo da sociedade dos felinos, e eis que se sentia examinado por pupilas, que se tornavam fendas, vigiado pelas antenas dos bigodes eriçados, e todos

os gatos ao redor dele sentavam-se impenetráveis como esfinges, o triângulo rosa do nariz convergindo sobre o triângulo negro dos lábios, e só se movia o vértice das orelhas, com uma oscilação vibrátil de radar. Atingia-se o fundo de um estreito interstício, entre abandonados muros compactos: e olhando em torno Marcovaldo via que todos os gatos que o haviam guiado até ali tinham desaparecido, todos juntos, não se entendia para onde, inclusive seu amigo tigrado, deixando-o sozinho. O reino deles possuía territórios, cerimônias e usos que não lhe era concedido descobrir.

Em compensação, da cidade dos gatos abriam-se frestas insuspeitas sobre a cidade dos homens, e um dia foi justamente o tigrado quem o levou à descoberta do grande Restaurante Biarritz.

Quem desejasse ver o Restaurante Biarritz só precisava assumir a estatura de um gato, ou seja, ficar de quatro. Desse modo gato e homem caminhavam ao redor de uma espécie de cúpula, em cujos pés achavam-se algumas janelinhas baixas e retangulares. Seguindo o exemplo do tigrado, Marcovaldo olhou para baixo. Viu clarabóias com o vidro entreaberto, de onde o salão luxuoso recebia ar e luz. Ao som de violinos ciganos, volteavam perdizes e codornizes douradas sobre bandejas de prata mantidas em equilíbrio pelos dedos brancoenluvados dos garçons de fraque. Ou, mais precisamente, acima das perdizes e dos faisões volteavam as bandejas, e acima das bandejas as luvas brancas, e suspenso em equilíbrio nos sapatos de verniz dos garçons o luzidio parquê, do qual pendiam palmeiras anãs em vasos e toalhas e cristais e baldes como sinos com uma garrafa de champanhe no lugar do badalo: tudo de ponta-cabeça, pois Marcovaldo com receio de ser visto não queria assomar a cabeça na janelinha e se limitava a olhar a sala refletida ao contrário no vidro oblíquo.

Porém, mais que as janelinhas da sala eram as da cozinha que interessavam ao gato: observando da sala, via-se de longe e como que transfigurado aquilo que na cozinha aparecia — bem concreto e ao alcance da pata — como um pássaro depenado ou um peixe fresco. E era justamente para aquela parte que o tigrado queria conduzir Marcovaldo, ou por um gesto de amizade desinteressada

ou antes porque esperava a ajuda do homem para uma de suas incursões. Marcovaldo, ao contrário, não queria afastar-se de seu belvedere em cima do salão: a princípio, como que fascinado pela pompa do ambiente, e depois porque alguma coisa ali havia imantado sua atenção. Tanto que, vencendo o medo de ser visto, mostrava continuamente a cabeça na janelinha, olhando para baixo.

No meio da sala, justamente debaixo daquela janelinha, havia um pequeno viveiro de vidro, uma espécie de aquário, em que nadavam grandes trutas. Acercou-se dele um cliente importante, com um crânio calvo e brilhante, vestido todo de preto e de barba preta. Seguia-o um velho garçom de fraque que trazia numa das mãos uma redinha como se fosse caçar borboletas. O senhor de preto observou as trutas com ar grave e atento; depois ergueu uma das mãos e com um gesto solene apontou para uma. O garçom mergulhou a redinha no viveiro, perseguiu a truta indicada, capturou-a, dirigiu-se à cozinha, segurando diante dele como uma lança a rede em que se debatia o peixe. O senhor de preto, grave como um magistrado que aplicou uma sentença capital, voltou à mesa, à espera do retorno da truta, frita “à moleira”.

“Se encontro o modo de jogar uma linha daqui de cima e fazer uma dessas trutas abocanhá-la”, pensou Marcovaldo, “não poderei ser acusado de furto, mas no máximo de pesca não autorizada.” E, sem prestar atenção aos miados que o chamavam do lado da cozinha, foi procurar seu equipamento de pesca.

Ninguém no salão cheio do Biarritz viu a delgada linha comprida, armada de anzol e isca, cair lá embaixo, dentro do viveiro. A isca foi vista pelos peixes que a ela se lançaram. Na briga, uma truta conseguiu morder o verme, e logo começou a subir, subir, saiu da água, ondulando prateada, voou para o alto, acima das mesas preparadas e dos carrinhos dos aperitivos, acima da chama azul dos fogareiros para os crêpes suzette, e desapareceu no céu da janelinha.

Marcovaldo havia puxado a vara com a garra e a energia do pescador experiente, a ponto de trazer o peixe até a altura de seus ombros. A truta mal havia tocado o chão quando o gato se lançou.

O pouco de vida que lhe restava, ela o perdeu entre os dentes do tigrado. Marcovaldo, que naquele momento havia abandonado a linha para correr e agarrar o peixe, viu-o ser roubado debaixo de seu nariz, com anzol e tudo. Foi rápido em meter o pé na vara, mas o puxão foi tão forte que ao homem só restou a vara, ao passo que o tigrado escapava com o peixe, que arrastava a linha. Gato traidor! Desaparecera.

Mas desta vez não lhe escapava: havia aquela linha comprida que o seguia e indicava o caminho que tinha tomado. Mesmo tendo perdido o gato de vista, Marcovaldo acompanhava a ponta da linha: ei-la que pendia de um muro, montava numa varanda, serpenteava por um portão, era engolido num sótão... Marcovaldo, penetrando em lugares cada vez mais felinos, trepando em alpendres, montando em balaustradas, conseguia sempre captar com o olhar — talvez um segundo antes que desaparecesse — aquela pista móvel que lhe indicava o caminho seguido pelo ladrão.

Agora a linha se desdobra pela calçada de uma rua, em meio ao tráfego, e Marcovaldo correndo atrás dela está prestes a apanhá-la. Joga-se de bruços no chão; pronto, está no papo! Conseguira agarrar a ponta da linha antes que escapulisse entre as barras de um portão.

Atrás de um portão meio enferrujado e dois pedaços de muro recobertos por trepadeiras, havia um pequeno jardim não cultivado, tendo no fundo uma casa que parecia abandonada. Um tapete de folhas secas cobria a alameda, e folhas secas jaziam por toda a parte sob os ramos de dois plátanos, chegando a formar pequenos montes nos canteiros. Uma camada de folhas flutuava na água verde de um tanque. Ao redor se erguiam edifícios enormes, arranha-céus com milhares de janelas, como muitos olhos apontados com desaprovação para aquele quadrado de duas árvores, poucas telhas e tantas folhas amarelas, sobrevivendo bem no meio de um bairro de grande tráfego.

E nesse jardim, encarapitados nos capitéis e nas balaustradas, estendidos nas folhas secas dos canteiros, trepados no tronco das árvores ou nas calhas, parados sobre quatro patas e com a cauda

■ OUTONO

em forma de ponto de interrogação, sentados lavando o focinho, estavam gatos tigrados, gatos pretos, gatos brancos, gatos malhados, pardos, angorás, persas, gatos de família e gatos vadios, gatos perfumados e gatos tinhosos. Marcovaldo entendeu ter chegado finalmente ao coração do reino dos gatos, à ilha secreta deles. E, com a emoção, quase se esqueceu de seu peixe.

O peixe ficara pendurado pela linha ao ramo de uma árvore, fora do alcance dos saltos dos gatos; devia ter caído da boca de seu raptor em algum movimento desajeitado para defendê-lo dos outros, quem sabe para exibi-lo como uma presa extraordinária; a linha se prendera e Marcovaldo, por mais puxões que desse, não conseguia livrá-lo. Nesse ínterim, uma luta furiosa se desencadeara entre os gatos, para agarrar aquele peixe inalcançável, ou seja, pelo direito de tentar agarrá-lo. Cada um queria impedir os outros de pular: atiravam-se uns contra os outros, pegavam-se no ar, rolavam enleados, com sibilos, lamentos, bufos, miados ferozes e finalmente uma batalha generalizada irrompeu num turbilhão de folhas secas crepitantes.

Marcovaldo, após muitos puxões inúteis, agora sentia que a linha se soltara, mas evitava puxar: a truta cairia exatamente no meio daquela briga de felinos enfurecidos.

Foi naquele momento que, do alto dos muros do jardim, começou a cair uma estranha chuva: espinhas, cabeças de peixe, rabos, e também pedaços de pulmão e vísceras. Logo os gatos esqueceram a truta pendurada e se atiraram sobre os novos bocados. Para Marcovaldo, era o momento justo de puxar a linha e recuperar seu peixe. Porém, antes que tivesse tido agilidade para se mover, de uma persiana da casa saíram duas mãos amarelas e secas: uma brandia uma tesoura, a outra uma frigideira. A mão com a tesoura se ergue acima da truta, a mão com a frigideira se coloca embaixo. A tesoura corta a linha, a truta cai na frigideira, mãos tesoura frigideira se afastam, a persiana se fecha: tudo no lapso de um segundo. Marcovaldo não entende mais nada.

— O senhor também é amigo dos gatos? — Uma voz às suas costas o fez virar-se. Estava cercado por pequenas mulheres, algu-

mas velhas velhas, com chapéus fora de moda, outras mais jovens, com jeito de solteiras, e todas traziam nas mãos ou nas bolsas embrulhos com sobras de carne ou de peixe, e algumas também uma panelinha com leite. — Me ajuda a jogar este pacote do outro lado do portão, para aqueles pobres animais?

Todas as amigas dos gatos reuniam-se àquela hora ao redor do jardim das folhas secas para levar o que comer aos seus protegidos.

— Mas, digam-me, por que estão todos aqui, estes gatos? — indagou Marcovaldo.

— E para onde quer que vão? Só restou este jardim! Aqui vêm os gatos também de outros bairros, num raio de quilômetros e quilômetros...

— E também os passarinhos — completou uma outra —, nestas poucas árvores, foram reduzidos a viver às centenas e centenas...

— E as rãs, ficam todas naquele tanque, e à noite coaxam, coaxam... Podem ser ouvidas até do sétimo andar dos prédios próximos...

— Mas de quem é esta pequena vila? — perguntou Marcovaldo.

Agora, diante do portão não havia apenas aquelas mulherinhas mas também outras pessoas: o frentista do posto ali da frente, os empregados de uma oficina, o carteiro, o verdureiro, alguns passantes. E todos, mulheres e homens, não se fizeram de rogados para lhe dar a resposta: cada um queria dar a sua, como sempre quando se trata de um assunto misterioso e controverso.

— É de uma marquesa, que mora lá, mas não se deixa ver nunca...

— As construtoras lhe ofereceram milhões e milhões por este pedacinho de terreno, mas ela não quer vender...

— O que querem que faça, com os milhões, uma velhota sozinha no mundo? Prefere manter a casa, embora caindo aos pedaços, para não ser obrigada a se mudar...

— É o único terreno não edificado no centro da cidade... A cada ano aumenta de valor... Fizeram-lhe cada oferta...

— Só ofertas? Também intimidações, ameaças, perseguições... Se vocês soubessem, esses empresários!

— E ela resiste, resiste, há anos...

— É uma santa... Sem ela, onde iriam parar aqueles pobres animais?

— Imaginem se ela se importa com os animais, aquela velha sovina! Algum dia vocês a viram dar de comer a eles?

— Mas o que querem que ela dê aos gatos, se não tem nada para si? É a última descendente de uma família arruinada!

— Odeia os gatos! Já a vi afugentando-os com a sombrinha!

— Porque esmagavam as flores dos canteiros!

— Mas de que flores estão falando? Sempre vi este jardim cheio de capim!

Marcovaldo percebeu que as opiniões sobre a velha marquesa estavam profundamente divididas: alguns a viam como uma criatura angélica, outros como uma avarenta e uma egoísta.

— E também com os passarinhos: jamais lhes dá uma migalha de pão!

— Dá hospitalidade: acham que é pouco?

— Igual aos pernilongos, querem dizer. Vêm todos para cá, para o tanque. No verão, os pernilongos nos comem vivos, tudo por culpa daquela marquesa!

— E os ratos? É uma mina de ratos, esta vila. Sob as folhas secas ficam as tocas deles e à noite saem...

— Do que diz respeito aos ratos, se ocupam os gatos...

— Oh, os seus gatos! Se tivermos de confiar neles...

— Por quê? O que tem contra os gatos?

Aqui a discussão degenerou numa briga generalizada.

— As autoridades deveriam intervir: seqüestrar a vila! — gritava um.

— Com que direito? — protestava um outro.

— Num bairro moderno como o nosso, um ninho de ratos destes... Devia ser proibido...

— Mas se escolhi o meu apartamento justamente porque tem a vista para este resto de verde...

— Que verde o quê! Pensem no belo arranha-céu que poderiam fazer disso!

Até Marcovaldo queria dar sua opinião, mas não encontrava o momento certo. Finalmente, de uma arrancada, exclamou:

— A marquesa me roubou uma truta!

A notícia inesperada deu novos argumentos aos inimigos da velha, mas os defensores se valeram dela como uma prova da indignância em que se encontrava a infeliz fidalga. Uns e outros concordaram com o fato de que Marcovaldo devia ir bater à sua porta e lhe pedir explicações.

Não dava para entender se o portão estava fechado a chave ou aberto: de qualquer modo, se abria ao ser empurrado, com um chiado lamentoso. Marcovaldo abriu caminho entre as folhas e os gatos, subiu os degraus do pórtico, bateu com força na entrada.

De uma janela (a mesma de onde surgira a frigideira) ergueu-se a sombra escura da persiana e naquele canto se distinguiu um olho redondo e turqui, uma mecha de cor indefinível de cabelos tingidos e dedos secos secos. Uma voz que dizia: “Quem é? Quem bate?” chegou junto com uma nuvem cheirando a óleo frito.

— Eu, senhora marquesa, sou aquele da truta — explicou Marcovaldo —, não para perturbá-la, era só para dizer que a truta, se a senhora não souber, aquele gato a roubou de mim, fui eu quem a pescou, tanto é verdade que a linha...

— Os gatos, sempre os gatos! — falou a marquesa, escondida atrás da persiana, com uma voz aguda e um pouco nasalada. — Todas as minhas maldições provêm dos gatos! Ninguém sabe o que isso significa! Prisioneira noite e dia daqueles animais! E com toda a imundície que as pessoas jogam por trás dos muros, para me provocar!

— Mas a minha truta...

— A sua truta! O que posso saber da sua truta! — E a voz da marquesa se tornava quase um grito, como se quisesse encobrir o chiado de óleo na frigideira que saía pela janela junto com o cheirinho de peixe frito. — Como posso discernir alguma coisa com tudo aquilo que chove dentro de minha casa?

— Sim, mas a truta, pegou-a ou não?

— Com todos os prejuízos que sofro por causa dos gatos! Ah,

gostaria mesmo de ver! Não respondo por nada! Se tivesse de contar tudo aquilo que perdi! Com os gatos que ocupam há anos minha casa e o jardim! A minha vida em poder desses animais! Vã procurar os donos para se ressarcir dos danos! Danos? Uma vida destruída: prisioneira aqui, sem poder dar um passo!

— Desculpe, mas quem a obriga a ficar?

Da fresta da persiana surgiu ora um olho redondo e turqui, ora uma boca com dois dentes salientes; por um instante deu para ver todo o rosto e a Marcovaldo pareceu confusamente um focinho de gato.

— Eles me mantêm prisioneira aqui, eles, os gatos! Oh, se não iria embora! Quanto não daria por um apartamentinho todo meu, num prédio moderno, limpo. Mas não posso sair... Me seguem, atravessam meu caminho, me fazem tropeçar! — A voz se tornou um sussurro, como se contasse um segredo. — Têm medo de que venda o terreno... Não me deixam... não permitem... Quando chegam os empresários para me propor um contrato, precisava vê-los, os gatos! Ficam no meio, mostram as garras, puseram um tabelião para correr! Certa vez já tinha o contrato aqui, estava a ponto de assinar, e eles se jogaram da janela, derrubaram o tinteiro, rasgaram todas as folhas...

Marcovaldo se lembrou de repente da hora, do armazém, do chefe do setor. Afastou-se nas pontas dos pés sobre as folhas secas, enquanto a voz continuava a sair por entre as varetas da persiana envolvida naquela nuvem de óleo na frigideira:

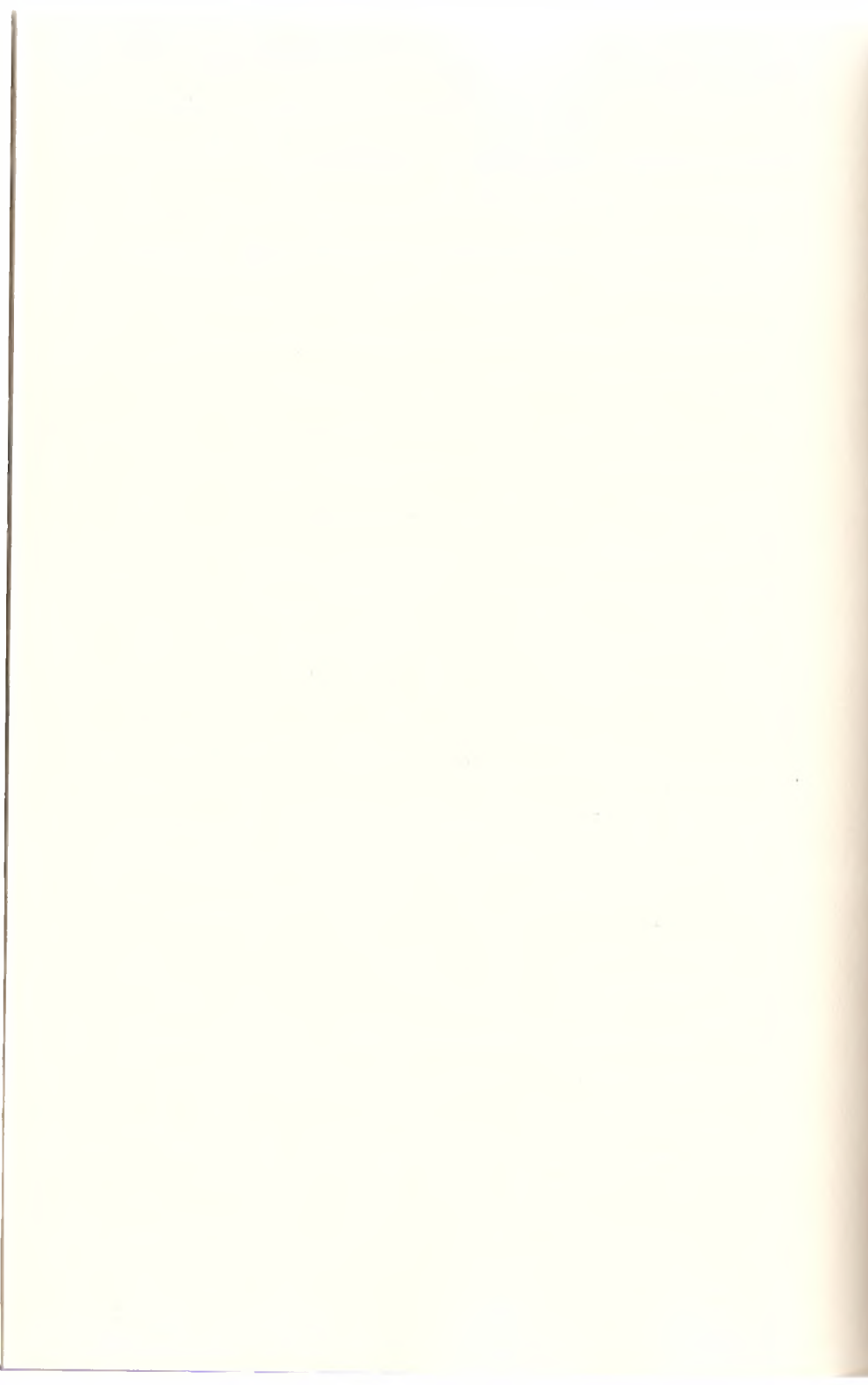
— Até um arranhão me deram... Ainda tenho a marca... Aqui, abandonada em poder desses demônios...

Veio o inverno. Um florescer de flocos brancos guarnecia os ramos, os capitéis e as caudas dos gatos. Sob a neve as folhas secas se desfaziam em lodo. Os gatos iam ficando raros, as amigas dos gatos mais ainda; os pacotes de comida só eram entregues ao gato que se apresentava a domicílio. Ninguém, já há algum tempo, tinha visto mais a marquesa. Do cano da chaminé da pequena vila não saía mais fumaça.

Num dia de nevada, voltaram tantos gatos ao jardim que parecia primavera, e miavam como em noite de lua. Os vizinhos en-

tenderam que algo tinha acontecido; foram bater à porta da marquesa. Não respondeu: estava morta.

Na primavera, no jardim, uma construtora instalara um grande canteiro de obras. As escavadeiras tinham descido a grande profundidade para implantar as fundações, o cimento escorria nas armações de ferro, um guindaste altíssimo transportava barras para os operários que batiam as estacas. Mas como se podia trabalhar? Os gatos passeavam sobre todos os tablados, faziam cair tijolos e baldes de cal, brigavam no meio de montes de areia. Quando iam levantando uma armação, encontravam um gato empoleirado no alto que bufava enfurecido. Gatos mais safados montavam nas costas dos pedreiros, se esfregando, ronronando, e não havia maneira de expulsá-los. E os pássaros continuavam a fazer ninhos em todas as traves, a cabine do guindaste parecia um pombal... E não se podia pegar um balde d'água sem encontrar dentro dele montes de rãs que coaxavam e saltavam...



INVERNO

20

OS FILHOS DE PAPAI NOEL

Não existe época do ano mais agradável e produtiva, para o mundo da indústria e do comércio, que o Natal e as semanas que o antecedem. Sobe das ruas o som tremulante das gaitas de foles; e as sociedades anônimas, até a véspera friamente ocupadas em calcular lucros e dividendos, abrem o coração aos afetos e ao sorriso. Então, o único pensamento dos conselhos de administração é o de dar alegria ao próximo, mandando presentes acompanhados de mensagens de boas-festas tanto a empresas associadas quanto a clientes; cada empresa se sente no dever de comprar um grande estoque de produtos de uma segunda empresa para oferecer os seus presentes às outras empresas; estas empresas por sua vez compram de uma outra estoques de presentes para as outras ainda; as janelas das empresas ficam iluminadas até tarde, especialmente as do depósito, onde o pessoal continua as horas extras embalando pacotes e caixas; para além dos vidros embaçados, nas calçadas recobertas por uma crosta de gelo avançam os gaiteiros, que desceram das montanhas misteriosas e escuras e param nos cruzamentos do centro, meio aturdidos pelo excesso de luzes, pelas vitrines exageradamente enfeitadas, e de cabeça inclinada sopram em seus instrumentos; diante daquele som, entre os homens de negócios, as pesadas disputas de interesses se aplacam e dão lugar a uma nova competição: quem oferece de modo mais gracioso o presente mais distinto e original.

Naquele ano, o Departamento de Relações Públicas da SBAV propôs que os presentes para as pessoas mais importantes fossem entregues a domicílio por um homem vestido de Papai Noel.

A idéia recebeu a aprovação unânime dos dirigentes. Compraram uma fantasia completa de Papai Noel: barba branca, gorro e casaco vermelhos bordados com pele, botas. Fizeram os empregados experimentá-la para ver em qual deles caía melhor, mas um era baixo demais e a barba arrastava no chão, outro era forte demais e o casaco não entrava, um terceiro jovem demais, e um outro ainda, ao contrário, velho demais e não valia a pena fantasiá-lo.

Enquanto o chefe do Departamento Pessoal mandava chamar outros possíveis Papais Noéis nas diferentes seções, os dirigentes reunidos tratavam de desenvolver a idéia: o Departamento de Recursos Humanos queria que também o pacote-brinde para o grupo de operários mestres fosse entregue pelo Papai Noel numa cerimônia coletiva; o Departamento Comercial queria que ele fizesse também um giro pelas lojas; o Departamento de Marketing se preocupava com que ele fizesse ressaltar o nome da empresa, talvez carregando pendurados num fio quatro balões com as letras S, B, A, V.

Todos estavam envolvidos pela atmosfera alegre e cordial que se expandia pela cidade festiva e produtiva; nada mais bonito que sentir passar por perto o fluxo dos bens materiais e ao mesmo tempo do bem que cada um quer aos outros; e isso, isso sobretudo — como nos lembra o som, firuli firuli, das gaitas de foles —, é o que conta.

No depósito, o bem — material e espiritual — passava pelas mãos de Marcovaldo enquanto mercadorias a serem carregadas e descarregadas. E não só carregando e descarregando ele tomava parte na festa geral, mas também pensando que no fundo daquele labirinto de centenas de milhares de pacotes o esperava um pacote só seu, preparado pelo Departamento de Recursos Humanos; e ainda mais fazendo a conta de quanto lhe tocava no fim do mês entre “décimo terceiro” e “horas extras”. Com aquele dinheiro, ele

também poderia correr para as lojas, comprar comprar comprar para presentear presentear presentear, como impunham os seus mais sinceros sentimentos e os interesses gerais da indústria e do comércio.

O chefe do Departamento Pessoal entrou no depósito com uma barba postiça numa das mãos: “Ei, você!”, disse a Marcovaldo. “Experimente um pouquinho como fica com esta barba. Perfeito! O Natal é você. Venha aqui em cima, rápido. Vai ganhar um prêmio especial se fizer cinquenta entregas a domicílio por dia.”

Vestido de Papai Noel, Marcovaldo percorria a cidade, no assento da moto de entregas carregada de pacotes embrulhados em papel de várias cores, amarrados com lindos laços e enfeites de raminhos de visco e azevinho. A barba de algodão branco lhe dava um pouco de cócegas, mas servia para proteger a garganta do ar frio.

A primeira incursão foi à sua própria casa, pois não resistia à tentação de fazer uma surpresa aos filhos. “A princípio”, pensava, “nem vão me reconhecer. Depois, quem sabe quanto vão rir!”

Os meninos estavam brincando na escada. Mal se viraram.

— Oi, papai.

Marcovaldo ficou desapontado.

— Hum... Não notaram minha roupa?

— E como queria estar vestido? — disse Pietruccio. — De Papai Noel, não?

— E me reconheceram logo?

— Que difícil! Reconhecemos também o senhor Sigismondo, que se disfarçou melhor que você!

— E o cunhado da porteira!

— E os pais dos gêmeos aqui da frente!

— E o tio da Ernestina, aquela de tranças.

— Todos vestidos de Papai Noel? — perguntou Marcovaldo, e a decepção na voz dele não era só pela malsucedida surpresa da família, mas porque de algum modo sentia um golpe no prestígio da empresa.

— Claro, igual a você, ufa — responderam os meninos —, de Papai Noel, o de sempre, com a barba postiça. — E, dando-lhe as costas, voltaram às brincadeiras.

O que aconteceu foi que os departamentos de relações públicas de muitas empresas tinham tido a mesma idéia; e haviam recrutado uma grande quantidade de pessoas, em geral desempregados, aposentados, vendedores ambulantes, para vesti-los com o casaco vermelho e a barba de algodão. Os meninos, depois de terem se divertido nas primeiras vezes reconhecendo sob aquele disfarce conhecidos e pessoas do bairro, depois de algum tempo tinham se habituado e não ligavam mais para aquilo.

A brincadeira com que se entretinham parecia ser muito apaixonante. Tinham se reunido num patamar, sentados em círculo.

— Pode-se saber o que andam tramando? — perguntou Marcovaldo.

— Deixe-nos em paz, papai, temos de preparar os presentes.

— Presentes para quem?

— Para um menino pobre. Temos de procurar um menino pobre e lhe dar presentes.

— Mas quem lhes disse isso?

— Está no livro de leitura.

Marcovaldo estava para dizer: “Vocês é que são os meninos pobres!”, mas durante aquela semana havia se persuadido de tal modo a se considerar um habitante do País das Maravilhas, onde todos compravam, desfrutavam e trocavam presentes, que não lhe parecia de bom-tom falar de pobreza, e preferiu declarar:

— Meninos pobres não existem mais!

Michelino levantou-se e perguntou:

— É por isso, papai, que não nos traz presentes?

Marcovaldo sentiu um aperto no coração.

— Agora tenho de fazer hora extra — disse depressa — e depois os trago para vocês.

— Como vai ganhá-los? — perguntou Filippetto.

— Entregando presentes — respondeu Marcovaldo.

— Para nós?

— Não, pra outros.

— Por que não para nós? Acabaria antes...

Marcovaldo procurou explicar:

— Porque não sou o Papai Noel dos Recursos Humanos: sou o Papai Noel das Relações Públicas. Compreenderam?

— Não.

— Paciência. — Mas, como queria ser perdoado de algum modo por ter vindo de mãos vazias, pensou em pegar Michelino e levá-lo junto no roteiro de entregas. — Se ficar quieto, pode vir ver seu pai entregar presentes para as pessoas — disse, montando na motinho.

— Vamos, quem sabe encontro um menino pobre — disse Michelino e pulou para a garupa, agarrando-se nas costas do pai.

Pelas ruas da cidade Marcovaldo só encontrava outros Papais Noéis vermelhos e brancos, iguaizinhos a ele, dirigindo caminhonetes ou motinhos, ou abrindo as portas das lojas para clientes carregados de pacotes, ou ajudando-os a levar as compras até o carro. E todos aqueles Papais Noéis tinham uma expressão concentrada e atarefada, como se fossem funcionários do serviço de manutenção da enorme engrenagem das Festas.

E Marcovaldo, assim como eles, corria de um endereço para outro da lista, descia da moto, distribuía os pacotes, pegava um, entregava-o a quem abrisse a porta escandindo a frase: “A SBAV deseje feliz Natal e próspero Ano Novo”, e pegava a gorjeta.

A recompensa às vezes era considerável e Marcovaldo poderia se dar por satisfeito, mas algo lhe faltava. Todas as vezes, antes de tocar a campainha, seguido por Michelino, saboreava antecipadamente a admiração de quem, ao abrir, encontrasse pela frente Papai Noel em pessoa; esperava saudações, curiosidade, gratidão. E todas as vezes era sempre recebido como o carteiro que leva o jornal todos os dias.

Tocou a campainha de uma casa luxuosa. Uma governanta abriu.

— Ah, mais um pacote, da parte de quem?

— A SBAV deseja...

— Bom, tragam aqui. — E precedeu Papai Noel por um corre-

dor cheio de tapeçarias, tapetes e vasos de porcelana. Michelino, de olhos arregalados, ia atrás do pai.

A governanta abriu uma porta envidraçada. Entraram numa sala com pé-direito muito alto, tanto que ali havia um enorme abeto. Era uma árvore de Natal iluminada com bolas de vidro de todas as cores, e em seus ramos estavam pendurados presentes e doces de todos os tipos. No teto havia pesados lustres de cristal, e os ramos mais altos do abeto se prendiam nos pingentes cintilantes. Numa grande mesa estavam dispostos cristais, pratarias, caixas de doces e de bebidas. Os brinquedos, espalhados em cima de um grande tapete, eram tantos como numa loja de brinquedos, sobretudo complicados engenhos eletrônicos e modelos de aeronaves. Sobre o tapete, num canto livre, encontrava-se um menino deitado, de bruços, aparentando nove anos, com uma expressão amuada e entediada. Folheava um livro ilustrado, como se tudo aquilo que havia ao redor não lhe dissesse respeito.

— Gianfranco, vamos, Gianfranco — disse a governanta —, viu que Papai Noel está de volta com outro presente?

— Trezentos e doze — suspirou o menino sem erguer os olhos do livro. — Coloque ali.

— É o tricentésimo décimo segundo presente que chega — disse a governanta. — Gianfranco é tão esperto que conta todos, não deixa escapar nenhum, sua grande paixão é contar.

Na ponta dos pés, Marcovaldo e Michelino saíram da casa.

— Papai, aquele é um menino pobre? — perguntou Michelino.

Marcovaldo estava ocupado recolocando em ordem os pacotes e não respondeu logo. Mas, depois de um instante, apressou-se em protestar:

— Pobre? Que está dizendo? Sabe quem é o pai dele? É o presidente da União para o Incremento das Vendas Natalinas! O comendador... — Interrompeu-se, pois não estava vendo Michelino. — Michelino, Michelino! Onde você foi para? — Desaparecera.

“Vai ver que viu passar um outro Papai Noel, confundiu-o comigo e foi atrás dele...” Marcovaldo continuou seu circuito, mas estava um tanto preocupado e não via a hora de voltar para casa.

Ao chegar, encontrou Michelino junto com os irmãos, tranqüilo, tranqüilo.

— Me conta, onde se meteu?

— Em casa, pegando os presentes... Os presentes para aquele menino pobre...

— Hein? Quem?

— Aquele que estava tão triste... aquele da vila com a árvore de Natal..

— Para ele? Mas que presente logo você podia dar a ele?

— Ah, preparamos tudo tão bem... Três presentes, embrulhados com papel prateado.

Os irmãozinhos intervieram.

— Fomos juntos entregá-los para ele! Se visse como ficou contente!

— Imaginem! — disse Marcovaldo. — Tinha mesmo necessidade dos presentes de vocês para ficar contente!

— Sim, sim, dos nossos... Correu logo para arrancar o papel e ver o que era...

— E o que era?

— O primeiro era um martelo: aquele martelo grande, redondo, de madeira...

— E ele?

— Pulava de alegria! Pegou nele e começou a usá-lo!

— Como?

— Quebrou todos os brinquedos! E todos os cristais! Depois pegou o segundo presente...

— O que era?

— Um estilingue. Precisava ver, que felicidade... Quebrou todas as bolas de vidro da árvore de Natal. Depois passou para os lustres...

— Basta, basta, não quero ouvir mais nada! E... o terceiro presente?

— Não tínhamos mais nada para oferecer, e então embrulhamos uma caixa de fósforos de cozinha com papel prateado. Foi o presente que o deixou mais contente. Dizia: "Fósforos, não me deixam nem chegar perto deles!". Começou a riscá-los, e...

— E...?

— ...pôs fogo em tudo!

Marcovaldo pôs as mãos nos cabelos.

— Estou arruinado!

No dia seguinte, apresentando-se no trabalho, sentia a tempestade que estava se formando. Vestiu-se de Papai Noel num piscar de olhos, carregou para a motinho os pacotes a serem entregues, já admirado de que ainda ninguém lhe tivesse dito nada, quando viu caminhando ao seu encontro três chefes, o de Relações Públicas, o de Marketing e o do Departamento Comercial.

— Alto! — ordenaram-lhe — descarregue tudo, imediatamente!

“Descobriram!”, pensou Marcovaldo, e já se via demitido.

— Rápido! É preciso substituir os pacotes! — disseram os chefes de departamento. — A União para o Incremento das Vendas Natalinas criou uma campanha para o lançamento do Presente Destrutivo!

— Assim, de repente... — comentou um deles. — Poderiam ter pensado nisso antes...

— Foi uma descoberta inesperada do presidente — explicou um outro. — Parece que seu filho recebeu artigos-brindes moderníssimos, acho que japoneses, e pela primeira vez o menino se divertiu para valer...

— O que mais interessa — acrescentou o terceiro — é que o Presente Destrutivo serve para destruir artigos de todo gênero: era isso o que faltava para acelerar o ritmo do consumo e reativar o mercado... Tudo num tempo muito curto e ao alcance de uma criança... O presidente da União viu abrir-se um novo horizonte, está no sétimo céu do entusiasmo...

— Mas esse menino — perguntou Marcovaldo com um fio de voz — destruiu realmente muita coisa?

— Fazer um cálculo, mesmo aproximativo, é difícil, dado que a casa foi incendiada...

Marcovaldo voltou para a rua iluminada como se fosse noite, apinhada de mães e crianças e tios e avós e embrulhos e bolas e

cavalos de balanço e árvores de Natal e Papais Noéis e frangos e perus e panetones e garrafas e gaiteiros e limpadores de chaminés e vendedoras de castanhas assadas que faziam saltar paneladas de castanhas no ardente fogareiro preto e redondo.

E a cidade parecia menor, concentrada numa redoma luminosa, sepulta no coração escuro de um bosque, entre os troncos centenários dos castanheiros e um manto infinito de neve. De algum ponto da escuridão se ouvia o ulular do lobo; as lebres tinham uma toca sepulta na neve, na terra vermelha e quente sob uma camada de ouriços de castanhas.

Saiu uma lebre, branca, na neve, mexeu as orelhas, correu sob a lua, mas era branca e não dava para vê-la, como se ela não estivesse ali. Somente as patinhas deixavam uma leve pegada na neve, como folíolos de trevo. Nem o lobo dava para ver, porque era negro e estava na negra escuridão do bosque. Só quando abria a boca dava para ver os dentes brancos e afiados.

Havia uma linha na qual terminava o bosque todo negro e começava a neve toda branca. A lebre corria de um lado e o lobo do outro.

O lobo via as pegadas da lebre sobre a neve e as seguia, porém se mantinha sempre no lado negro, para não ser visto. No ponto em que as pegadas cessavam devia estar a lebre, e o lobo saiu do lado negro, escancarou a goela vermelha e os dentes afiados, e mordeu o vento.

A lebre estava um pouco adiante, invisível; coçou uma orelha com a pata, e fugiu saltando.

Está aqui? está lá? não, está um pouquinho adiante?

Só se via a imensidão de neve branca como esta página.



POSFÁCIO

A primeira edição de Marcovaldo ou As estações na cidade saiu em novembro de 1963, numa coleção de livros juvenis da editora Einaudi. Em janeiro de 1966, Marcovaldo foi reeditado numa coleção de textos para o primeiro grau, com a apresentação de Calvino que transcrevemos aqui (com a exclusão das últimas quatro linhas, referentes à edição escolar especificamente).

*Acrescentamos em nota algumas linhas de uma entrevista de Calvino, que fornecem informações interessantes sobre as circunstâncias de criação dos contos.**

Prefácio sério e um pouco chato de um livro que não quer ser assim, razão pela qual nossos leitores podem muito bem pulá-lo (mas, se uns professores quiserem lê-lo, encontrarão algumas instruções para uso).

O livro *Marcovaldo ou As estações na cidade* se compõe de vinte contos. Cada conto é dedicado a uma estação; o ciclo das quatro estações se repete, portanto, cinco vezes no livro. Todos os contos têm o mesmo protagonista, Marcovaldo, e seguem mais ou menos o mesmo esquema.

O volume foi publicado pela primeira vez em 1963, em Turim, pela editora Einaudi, com ilustrações de Sergio Tofano. O texto de apresentação (escrito provavelmente pelo autor) dizia: "Dentro da cidade de concreto e asfalto, Marcovaldo vai em busca da Natureza. Mas ainda existe a Natureza? A que encontra é uma Natureza ardilosa, falsificada, comprometida com a vida artificial. Persona-

(*) Nota do editor italiano.

gem engraçada e melancólica, Marcovaldo é o protagonista de uma série de fábulas modernas” que — dizia mais adiante a mesma apresentação — “se mantêm fiéis a uma estrutura narrativa clássica: a das histórias em quadrinhos das revistas infantis”.

O perfil do protagonista é apenas esboçado: é uma alma simples, um pai de família numerosa, trabalha como ajudante de pedreiro ou carregador numa firma,* é a derradeira encarnação de uma série de cândidos heróis joão-ninguém, ao estilo de Charlie Chaplin. Com uma particularidade: a de ser um “Homem da Natureza”, um “Bom Selvagem” exilado na cidade industrial. De onde ele veio, de que lugar sente saudade, isso não é dito; poderiam defini-lo como um “imigrado”, embora essa palavra nunca apareça no texto; mas a definição talvez seja imprópria, porque todos esses contos parecem “imigrados” num mundo estranho do qual não se pode fugir.

A melhor apresentação da personagem está no primeiro conto: “Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias da existência”.

(*) “Comecei a publicar a série das histórias de Marcovaldo na terceira página de *L'Unità*, por volta de 1952. Criei essa personagem inspirado por um carregador da editora onde trabalhava; aliás, uma história, a dos cogumelos, era verdadeira: aquele homem encontrou cogumelos na rua, comeu-os e pegou uma intoxicação. E daí, inventando outras histórias do mesmo tipo, comecei essa série. Depois escrevi outras, que se tornaram maiores, e no livro *Os contos*, de 1958, incluí uma série de dez delas. Quando publiquei o volume *Marcovaldo*, anos depois, acrescentei outras dez.” (“A colloquio con Italo Calvino”, entrevista a Gaetano Rando, em *Queensland Dante Review* 1981 [Brisbane, Austrália], abril de 1982, p. 15.)

Essas palavras podem servir de apresentação tanto da personagem quanto da situação comum a todos os contos, situação que poderia ser sintetizada da seguinte maneira: no meio da grande cidade, Marcovaldo 1) procura o revelar-se das estações nas alterações atmosféricas e nos mínimos sinais de vida animal e vegetal, 2) sonha a volta a um estado de natureza, 3) enfrenta uma decepção inevitável.

Os contos às vezes seguem esse esquema na forma mais simples, justamente como histórias em quadrinhos (assim os mais breves: “Cogumelos na cidade”, “O pombo municipal”, “O tratamento com vespas” etc.), com a surpresa no quadrinho final (aliás, surpresa ruim, porque esses contos se parecem com aquelas historinhas cômicas “sem palavras” que inevitavelmente acabam mal), às vezes como pequenos contos amargos, quase realísticos (como “A marmita”, “Ar puro”, “Uma viagem com as vacas”), e finalmente como contos em que estado de alma e paisagem prevalecem (como a solidão do animal em “O coelho venenoso” ou o desnorreamento na neblina em “O ponto errado”).

Talvez para salientar o caráter de fábula, as personagens dessas pequenas cenas de vida contemporânea — sejam elas varredores, guardas-noturnos, desempregados, carregadores — possuem nomes pomposos, medievais, quase de heróis de poemas de cavalaria, começando pelo protagonista. Apenas as crianças têm nomes normais, talvez porque apenas elas são mostradas como são, e não como caricaturas.

A cidade não é nomeada nunca; por alguns aspectos poderia ser Milão, por outros (o rio, os morros) pode-se reconhecer Turim (a cidade onde o autor passou grande parte da sua vida). Sem dúvida, essa indeterminação é procurada pelo autor para significar que não se trata de *uma* cidade, mas *da* cidade, uma metrópole industrial qualquer, abstrata e típica como abstratas e típicas são as histórias contadas.

Mais indeterminada ainda é a firma, a fábrica onde Marcovaldo trabalha: nunca conseguimos saber o que é fabricado ali, o que é vendido sob a misteriosa sigla SBAV, o que contém as caixas que

■ POSFÁCIO

Marcovaldo carrega e descarrega oito horas por dia. É a firma, a fábrica, símbolo de todas as firmas, todas as fábricas, as sociedades anônimas, os logotipos que reinam sobre as pessoas e as coisas do nosso tempo.

Em contraste com a simplicidade quase infantil do enredo de cada conto, a postura estilística se baseia na alternância de um tom poético-rarefeito, quase precioso (a que a frase tende sobretudo quando alude a fatos da natureza), e do contraponto prosaico-irônico da vida urbana contemporânea, das misérias pequenas e grandes da vida. Diríamos, aliás, que o espírito do livro está essencialmente nesse contraponto estilístico: ele está presente até nos contos com enredo mais breve e elementar, concentrando-se às vezes na primeira frase, que tem a função de introduzir o tema da estação ("O vento, vindo de longe para a cidade, oferece a ela dons insólitos, dos quais se dão conta somente poucas almas sensíveis, como quem sofre de febre de feno e espirra por causa do pólen de flores de outras terras"). Em outros contos, ao contrário, ainda que o enredo não seja nada mais que a série habitual de quadrinhos, cada detalhe é pretexto para um trecho de elaboração estilística requintada (por exemplo, em "Férias num banco de praça" a comparação entre a cor da lua e a do semáforo amarelo). Chega-se assim aos contos em que o requinte da prosa corresponde a uma invenção narrativa quase igualmente elaborada, como na multicolorida visão final de "A chuva e as folhas", ou, resultado ainda mais complexo, no início de "O jardim dos gatos obstinados", em que vemos a cidade das empreiteiras engolir a "cidade dos gatos", que constituía também para os homens o verdadeiro espaço vital.

Um fundo de melancolia tinge o livro do começo ao fim. Poderíamos dizer que, para o autor, o esquema das historinhas cômicas é apenas o ponto de partida e que, ao desenvolvê-las, ele se entregou a uma sua veia lírica amarga e dolorida. Mas Marcovaldo, apesar de todas as derrotas, nunca é um pessimista; está sempre pronto a redescobrir, dentro do mundo que lhe é hostil, a fresta de um mundo feito à sua medida; ele nunca se rende, está sempre pronto a recommear. Sem dúvida, o livro não convida a uma postura de otimismo

superficial: o homem contemporâneo perdeu a harmonia entre ele e o ambiente onde vive, e superar essa desarmonia é uma tarefa árdua; as esperanças fáceis demais, idílicas, sempre se revelam ilusórias. Mas a postura que domina é a da obstinação, da não-resignação.

Podemos agora definir melhor a posição deste livro frente ao mundo que nos cerca. É a nostalgia, a saudade de um idílico mundo perdido? Uma leitura nessa chave, comum a tanta literatura contemporânea que condena a desumanização da “civilização industrial” em nome de um sentimento nostálgico do passado, certamente é a mais fácil. Mas, observando com maior atenção, vemos que aqui a crítica à “civilização industrial” é acompanhada de uma crítica igualmente decidida a todo sonho de “paraíso perdido”. O idílio “industrial” é alvejado tanto quanto o idílio “campestre”; não apenas uma “volta atrás” na história é impossível, mas também aquele “atrás” nunca existiu, é uma ilusão. O amor de Marcovaldo pela natureza é aquele que pode nascer apenas num homem da cidade; por isso não podemos saber nada da sua origem extra-urbana; esse estranho à cidade é o cidadão por excelência.

Nesse olhar sobre o mundo, tão crítico às situações e às coisas mas tão cheio de simpatia pelas pessoas humanas, por todas as manifestações de vida, está portanto a lição do livro, se pudermos chamar de “lição” uma veia pedagógica tão discreta, leve, nunca afirmativa, sempre aberta a alternativas diferentes, como a do autor.

O livro foi escrito ao longo de dez anos: os primeiros contos são de 1952; os últimos, de 1963. O desenvolvimento da realidade social italiana entre essas datas e o desenvolvimento correspondente na atmosfera literária acompanham a história interior do livro, embora não haja nele ganchos imediatos com a atualidade (a não ser no sentido mais geral: por exemplo, a polêmica contra os produtos alimentares adulterados se traduz na desventura de “Onde o rio é mais azul”).

Uma humanidade lidando com os problemas mais elementares de luta pela vida foi o tema do neo-realismo literário e cinematográfico nos anos de indigência e tensão do pós-guerra. As historinhas de Marcovaldo começam quando a grande onda neo-

realista já sinaliza o refluxo; os temas que romances e filmes do pós-guerra ilustraram amplamente, tais como a vida de gente pobre que não sabe o que pôr na panela para o almoço e o jantar, correm o risco de se tornar lugares-comuns para a literatura, ainda que na realidade continuem amplamente atuais. O autor experimenta então esse tipo de fábula moderna, de divagação cômico-melancólica à margem do neo-realismo. Aos poucos, a atmosfera do país muda: à imagem de uma Itália pobre e “subdesenvolvida” se contrapõe a imagem de uma Itália que está alcançando, ao menos em parte, o nível de desenvolvimento técnico e de possibilidades de trabalho e de consumo dos países mais ricos; nasce a euforia (e a ilusão) do “milagre econômico”, do boom, da “sociedade opulenta”. Em literatura também outros temas se tornam atuais: já não se denuncia tanto a miséria, mas um mundo em que todos os valores se tornam mercadorias para vender e comprar, no qual há o perigo de se perder o sentido da diferença entre as coisas e os seres humanos, e tudo é avaliado em termos de produção e consumo. As fábulas irônico-melancólicas de Marcovaldo se situam agora à margem dessa “literatura sociológica”. A corrida de Marcovaldo e família, sempre sem um tostão, por um supermercado apinhado de produtos é a imagem simbólica dessa situação.

Um elemento sempre presente na vida moderna, como a propaganda, muda sua relação com a família de Marcovaldo de um conto para outro: nos invernos gélidos do pós-guerra os outdoors são confundidos pelas crianças com árvores de uma floresta (“O bosque na rodovia”); a concorrência entre firmas cujo único prestígio está em fazer letreiros mais luminosos que as outras se confunde, para os moradores da mansarda, com os eventos do céu estrelado (“Lua e GNAC”); e eis que (“Fumaça, vento e bolhas de sabão”) as campanhas de lançamento dos sabões em pó, baseadas em amostras grátis, invadem uma cidade inteira com espuma iridescente, que finalmente se funde com as nuvens de fumaça das chaminés.

Propaganda, frenesi de “consumo”, relações de interesse disfarçadas de “relações humanas”: o que vai se tornar, num mundo como esse, a festa de Natal? No último conto do livro (“Os filhos

de Papai Noel”), uma imaginária “União para o Incremento das Vendas Natalinas” lança a campanha para o “Presente Destrutivo”.

Mas mal o conto adquire um significado, fecha-se num apólogo, o autor se retrai, com um esquivar-se que é característico dele (convencido de que os verdadeiros significados de uma história são aqueles que o leitor sabe encontrar por sua conta, refletindo a respeito), e logo lembra que tudo não passou de uma brincadeira. Assim, no desfecho do último conto, com uma dissolução de imagens que é freqüente nos livros do autor, o minucioso desenho grotesco revela estar inserido num outro desenho, um desenho de neve e animais, como de um livro para crianças, que em seguida se transforma num desenho abstrato e, depois, numa página branca.

Livro para crianças? Livro juvenil? Livro para adultos? Vimos que todos esses planos se entrelaçam continuamente. Ou então um livro em que o autor, atrás da superfície de estruturas narrativas simplicíssimas, expressa sua relação, perplexa e interrogativa, com o mundo? Isso também, talvez.

